

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

ANA FLÁVIA DOS REIS SANTOS

**POLÍTICAS DO CORPO NEGRO:
O protagonismo da mulher negra na produção acadêmico-artística e sua poética cênica
em dança a partir da solidão do racismo**

UBERLÂNDIA/MG

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

ANA FLÁVIA DOS REIS SANTOS

**POLÍTICAS DO CORPO NEGRO:
O protagonismo da mulher negra na produção acadêmico-artística e sua poética cênica
em dança a partir da solidão do racismo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes Cênicas – PPGAC da Universidade Federal de
Uberlândia – UFU como requisito parcial para obtenção
do título de mestra em Artes Cênicas.

Banca Examinadora:

Jarbas Siqueira Ramos – Orientador

Alexandre José Molina – PPGAC/UFU

Franciane Kanzelumuka S. de Paula - UNB

UBERLÂNDIA/MG

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, Ana Flávia dos Reis, 1997-
2025 Políticas do Corpo Negro [recurso eletrônico] : O protagonismo da mulher negra na produção acadêmico-artística e sua poética cênica em dança a partir da solidão do racismo / Ana Flávia dos Reis Santos. - 2025.

Orientador: Jarbas Siqueira Ramos .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Artes Cênicas.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.264>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Teatro. I. , Jarbas Siqueira Ramos,1984-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP
38400-902
Telefone: (34) 3239-4522 - ppgac@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	28/03/2025	Hora de início:	20h05min	Hora de encerramento:	21h25min
Matrícula do Discente:	12212ARC003				
Nome do Discente:	Ana Flávia dos Reis Santos				
Título do Trabalho:	POLÍTICAS DO CORPO NEGRO: O protagonismo da mulher negra na produção acadêmico-artística e sua poética cênica em dança a partir da solidão do racismo				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: Poéticas e Linguagens da Cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O Corpo-Encruzilhada e seus Atravessamentos: Estudos Artísticos em Perspectiva Descolonial				

Reuniu-se virtualmente a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professoras Doutoras: Alexandre José Molina (PPGAC/UFU), Franciane Salgado de Paula (UNB) e Jarbas Siqueira Ramos (PPGAC/UFU), orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Jarbas Siqueira Ramos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jarbas Siqueira Ramos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Molina, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Franciane Salgado de Paula, Usuário Externo**, em 28/03/2025, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6203628** e o código CRC **70116264**.

Referência: Processo nº 23117.018978/2025-82

SEI nº 6203628

AGRADECIMENTOS

Finalmente posso agradecer, é preciso que vocês leitores, saibam que, escrever esta dissertação foi um dos maiores desafios dos últimos anos da minha vida. Aconteceram tantas coisas no caminho, que me fizeram duvidar de um dia estar escrevendo essa página, foram muitos os obstáculos que eu passei para conseguir entregar um trabalho acadêmico de qualidade e ainda com o compromisso de fazê-lo sair dos muros da Universidade.

Não faria sentido para mim, com a história de vida que tenho, não dedicar essa pesquisa primeiramente, a Deus, Nossa Senhora, os meus guias e orixás, e especialmente a minha vó Gersonita, a todos esses eu agradeço principalmente por me sustentarem quando eu não tinha mais forças, por cuidarem de mim, enquanto eu quem estava cuidando, por me acalmarem, quando tudo parecia que iria acabar, quando parecia o meu sonho iria acabar.

Devo a minha força durante esses anos difíceis, totalmente a vocês, que me guardam, protegem, cuidam e me amam, mesmo que de outro plano.

Próximo passo é agradecer a minha família, à minha mãe Maricélia, pelos ouvidos, pela atenção, cuidado e por investir no meu tratamento psicológico, mesmo não podendo às vezes, agradeço também pelo exemplo de vida e de mulher que sempre foi pra mim, para que hoje eu pudesse escrever essa pesquisa.

Ao meu pai Zacarias, eu agradeço pelo cuidado, afeto e por estar sempre atento ao que eu preciso para continuar estudando, pesquisando e lutando pela minha escolha de vida, agradeço pelo trabalho árduo de anos advogando, para que pudesse me dar um futuro digno e tranquilo, e o admiro profundamente por isso, mais do que possa imaginar.

Aos dois agradeço pelas infinitas orações, à minha mãe por colocar meu nome em suas orações e novenas, ao meu pai por sempre colocar a mão na minha cabeça pedindo a Deus para abençoar a minha inteligência e capacidade profissional. Agradeço principalmente por simplesmente acreditarem em mim.

À minha irmã Darlene eu agradeço pelos anos de cuidado, do papel de segunda mãe na minha vida, e principalmente por ser a maior inspiração que eu tenho hoje, eu jamais conheci alguém tão forte como ela, e é um orgulho infinito ser sua irmã, ela, mais do que ninguém é quem me ensina a não desistir diante de qualquer circunstância.

Aos meus avós, que já se foram, João Rodrigues e Gersonita grandes incentivadores e criadores do caráter que tenho hoje, obrigada por todo o trabalho em vida, pelas palavras banhadas de sabedoria sempre que conversavam comigo, se hoje eu sou uma

mulher preta de força, garra, respeitosa, humilde e agradecida, foram vocês quem me ensinaram, que eu possa honrá-los com o meu estudo, que não acaba aqui.

Aos meus avós que ainda estão comigo em terra Orlando e Zulma, eu agradeço pelas infinitas e intensas orações, agradeço por torcerem pelo meu sucesso, por se empolgarem com a minha pesquisa de mestrado mesmo sem saber direito o que é. Obrigada por cada história contada, por cada feijãozinho catado para levar para Uberlândia.

À minha família de maneira geral, os agradeço em nome de minhas primas, Jéssicka e Melissa, que foram peças importantíssimas para que mesmo nos momentos difíceis que passamos juntas, eu pudesse ter o meu tempo de estudo e escrita.

Aos meus amigos, agradeço pela parceria de anos, por me assistirem crescer, por ainda estarem comigo na nossa fase adulta, em busca daquilo que sonhávamos de brincadeira no Colégio Soma, é extremamente importante ter vocês na minha vida, me socorrendo sempre que precisei, principalmente no quesito emocional, amo muito vocês, Leonardo André, Anayane Ramos, Elaine Batista, João Henrique, Gustavo Silva e Adan Costa.

Aos amigos que fiz em Uberlândia, agradeço pelo alívio que me deram por ter parceiros de vida aqui também, da graduação ao mestrado, vocês fizeram parte da história que construí aqui e parte de vocês está nessa pesquisa, Giovanna Silvestre, Renata Britto, Alexandre Roiz, Jemerson Carlos e Deborah Caprioli.

Aos professores, amigos e lugares marcaram a minha trajetória na dança, agradeço ao Studio de Dança Denyse Barbosa em Paracatu-MG que hoje atende pelo nome Studio de Dança Carolina Giatti, nome da primeira professora de dança da minha vida, às professoras Lizandra Karine e Nayara Moraes, que foram grandes incentivadoras para que eu seguisse o caminho da dança, à vocês desejo sucesso e prosperidade na dança.

Ao Uai q Dança, em Uberlândia-MG, agradeço à Panmela Tadeu pela oportunidade de voltar a ser aluna e continuar dançando durante o período de pesquisa, um grande obrigada também as professoras Giselle Medeiros, Amanda Benfica e Deborah Caprioli que gentilmente compartilham seus conhecimentos de forma respeitosa, proveitosa e prezam pela troca com seus alunos.

Agradeço também pelo espaço na recepção para que durante os intervalos entre uma aula e outra eu pudesse escrever e ler as minhas referências. Fazer parte dessa escola fez e fará uma diferença no meu modo de enxergar o trabalho com a dança nas salas de aulas.

Aos professores que conheci durante o primeiro ano de mestrado, meus agradecimentos pelo conhecimento compartilhado, aos que já conhecia, foi um imenso prazer e uma honra aprender novamente com vocês.

Agradeço imensamente aos componentes da banca, o Prof. Dr. Alexandre José Molina e a Prof. Dra. Kanzelumuka, por terem aceitado o convite participarem da banca e com toda a certeza me ajudarem a aprimorar a pesquisa, de maneira que ela possa ser entregue com orgulho ao repositório UFU.

Ao meu orientador Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos, carinhosamente apelidado por Jarbinhas, sou grata pela parceria, cuidado, atenção, e por estar caminhando comigo há anos, me vendo crescer enquanto artista e fazendo parte da minha trajetória como profissional da dança, tem sido uma honra e realmente um acontecimento estarmos chegando nesse momento, depois de termos vivido individualmente anos difíceis, mas seguimos.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo discutir e observar de modo analítico os conceitos raciais e feministas que possam surgir em trabalhos artísticos de mulheres pretas. Intenta-se analisar processos criativos de outras artistas pretas até chegar o momento em que compartilham os seus trabalhos. Ao momento em que temos as análises se torna possível e real termos mais referências para as futuras mulheres pretas que queiram trabalhar temáticas raciais nos seus trabalhos, a fim de enriquecer e enegrecer o banco de referências das Universidades do Brasil. Vale destacar que essas análises foram feitas a partir do meu olhar enquanto mulher preta e artista da dança, para compreender e traduzir aos leitores o que as artistas entrevistadas na pesquisa, estão pensando em relação a trabalhos com temáticas raciais e feministas.

Palavras-Chaves: Feminismo preto. Produção Artística. Dança. Interseccionalidade. Racismo

ABSTRACT

This research aims to discuss and analyze in an analytical way the racial and feminist concepts that may appear in artistic works by black women. The aim is to analyze the creative processes of other black artists until the moment comes when they share their work. At the moment we have the analyses, it becomes possible and real to have more references for future black women who want to work on racial themes in their work, in order to enrich and blacken the reference bank of Universities in Brazil. It is worth highlighting that these analyzes were made from my perspective as a black woman and dance artist, to understand and translate to readers what the artists interviewed in the research are thinking in relation to works with racial and feminist themes.

Key-Word: Black Feminism. Artist Production. Dance. Interseccionality. Racism

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 Performance Bombril de Priscila Rezende.....	53
IMAGEM 2 Performance Merci Beaucoup, Blanco! de Musa Mattiuzzi	54
IMAGEM 3 Quadro "A Redenção de Cam" - Modesto Brocos, 1895	60
IMAGEM 4 Do Branco à Carne por Ana Flávia dos Reis Santos e Giovanna Silvestre Macedo, 2019	68
IMAGEM 5 – Performance Do Branco à Carne por Ana Flávia dos Reis Santos e Giovanna Silvestre Macedo, 2019.	69
IMAGEM 6- Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Foto: Renata Britto	78
IMAGEM 7- Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Foto: Renata Britto	79
IMAGEM 8- Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Foto: Renata Britto	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – SOBRE RAÇA E FEMINISMO: QUESTÕES INICIAIS.....	18
1.1 QUESTÕES SOBRE RAÇA E RACISMO	19
1.2 QUESTÕES SOBRE FEMINISMO	31
CAPÍTULO II – FEMINISMO PRETO E PERFORMANCE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	45
2.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PERFORMANCE	45
2.2 FEMINISMO PRETO E PERFORMANCE.....	49
2.3 TEMAS EM PERFORMANCE E FEMINISMO PRETO	55
CAPÍTULO III – A PRODUÇÃO ARTÍSTICA A PARTIR DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: FEMINISMO PRETO EM PERFORMANCE	63
3.1 – ANA FLÁVIA: DA MINHA HISTÓRIA À PRODUÇÃO DE TRABALHOS SOBRE FEMINISMO PRETO.....	76
3.2 – BATOM: PERFORMANDO A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS.....	90
ANEXO A	91
ANEXO B	93
ANEXO C	96
ANEXO D	99

INTRODUÇÃO

Algumas perguntas foram extremamente importantes para que eu realizasse a escrita dessa dissertação. Para mim, deve fazer sentido aquilo que escrevo, são necessários objetivos, não só os objetivos específicos que orientam o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica; digo daqueles que me dizem onde eu gostaria que a minha pesquisa estivesse, a quem ela possa chegar e para de que modo ele encontrasse com outras pessoas, especialmente mulheres-artistas-pretas.

Prestar atenção na maneira como escrevo, para quem escrevo e quem eu leio durante esse processo, foi um dos principais motivos para que eu me questionasse enquanto escrevia, pesquisava, assistia e ouvia referências pretas. Algumas vezes em que li textos, artigos e dissertações que tratasse das questões raciais e feministas, senti falta de uma linguagem que conversasse comigo e com o meu contexto de mulher preta. Eu passei a notar essa falta, desde que o Prof. Dr. Jarbas Siqueira trouxe um diálogo sobre nossas formas de escrita durante uma aula da disciplina Tópicos Especiais em Processos Formativos, oferecida no ano de 2022 para a turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC/UFU.

Durante o diálogo nos questionamos sobre o quanto a nossa linguagem também passou por diversas alterações pela forma como fomos colonizados, e para compreender melhor como se dá o contexto da língua brasileira, Lélia Gonzalez em “Por um feminismo afro-latino-americano” nos traz a noção de “Pretuguês”.

[...] A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nossa português não é português, é “pretuguês”. Se a gente levar em consideração, por exemplo, a atuação da mulher negra, a chamada “mãe preta”, que o branco quer adotar como exemplo do negro integrado, que aceitou a democracia etc. e tal, ela, na realidade, tem um papel importantíssimo como sujeito suposto saber nas bases mesmo da formação da cultura brasileira, na medida em que ela passa, ao aleitar as crianças brancas e ao falar o seu português (com todo um acento de quimbundo, de ambundo, enfim, das línguas africanas), é ela que vai passar pro brasileiro, de um modo geral, esse tipo de pronúncia, um modo de ser, de sentir e de pensar (GONZALEZ, 2020. p.269)

A fala anterior foi feita por Lélia em uma entrevista para Patrulhas ideológicas, que foi reunida no livro que organiza suas diversas obras, é importante ler e compreender sobre o que se trata o “Pretuguês” que a autora nos traz e principalmente destacar a importância que a mulher preta tem nos processos da língua falada por nós hoje.

Diferentemente da sociedade patriarcal que o Brasil adotou para si, devido as suas circunstâncias, o modo de funcionamento em grande parte da sociedade africana por muito tempo se deu e em alguns lugares ainda se dá de maneira matriarcal, esse traço herdamos nas comunidades e favelas do país, onde a figura da mulher preta é impactante para os que crescem nesse ambiente.

Assim como Lélia diz, essas “mães pretas” ao leitarem os filhos brancos dos senhores se tornaram a base da primeira alfabetização dessas crianças, influenciando no modo de falar e comunicar do povo daquele momento de escravização que o Brasil vivia, o que permaneceu até os dias de hoje, contudo, sem que o povo branco tenha o conhecimento disso.

Esse mesmo povo, que decidiu como o nosso contexto social se desenvolveria, desde o princípio fez questão que o nosso povo ficasse nas periferias, sem acesso a condições melhores de vida e sem aquilo que tornaria possível esse acesso que é a educação. O uso da educação serviu para segregar e manter pretos e pretas nos lugares de dificuldade e escassez, pois ao oferecerem educação de qualidade ao povo branco e a falta dela ao povo preto, o país foi separado não só entre pretos e brancos, mas também como ricos e pobres.

É preciso tomar a história como exemplo para entender a educação mais como herança e a possibilidade de se viver a vida de maneira confortável e justa e menos como meio para ter poder sobre o outro, com o objetivo que não se finda que é o poder e o dinheiro.

A negação da educação para a população de forma igualitária, faz parte de um processo chamado Epistemicídio, cunhado por Boaventura Sousa Santos, mas que vou trazer aqui pela perspectiva de Sueli Carneiro em Dispositivo de Racialidade.

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimização do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes do processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualifica-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta (CARNEIRO, 2023, p.88 e 89).

O despertar de consciência tanto para os processos de esmagamento da cultura e língua do nosso povo, quanto para a nossa contribuição para esses mesmos quesitos, através

dos nossos movimentos resistentes sendo conscientes ou não, é necessário para enxergarmos mais possibilidades de combater o epistemicídio nas nossas vivências cotidianas ou de mesmo nas ações políticas institucionais.

Tratando das minhas vivências e minhas perspectivas em relação a noção do Pretuguês, e os efeitos do epistemicídio, eu parto para a noção de Escrivivência para continuar a escrita dessa pesquisa. Conceito criado por Conceição Evaristo, a escrivivência diz respeito aos modos de escrita que confluem com o seu cotidiano, de maneira que os dois se tornem um para quem lê. Desse modo, como sugere Casimiro (2022, p. 275), “[...] o neologismo escrivivência utilizado por Conceição Evaristo para originalizar e organizar seus textos faz menção ao ofício da escrita em consonância com suas experiências cotidianas de modo tão íntimo que as confundem”.

É notório que o conceito Escrivivência foi se espalhando por diversas áreas e foi sendo compreendido de diferentes formas, aproveitando disso, por aqui na pesquisa sobre performance arte e feminismo preto, nós vamos usar esse conceito para o meu modo de escrita que parte principalmente da minha história, que foi o que me fez criar e ser performer.

A forma como Conceição escreve ou fala me chama bastante atenção pela sensibilidade unida de uma acidez, o cuidado e a suavidade nas palavras é tão impactante que me atravessa a ponto de repetir uma frase sua, sempre que produzo as minhas escritas, como se fosse um mantra “Escrever é uma maneira de sangrar”.

Enquanto estou compartilhando o meu conhecimento e vivências, estou “sangrando” a minha história assim como em “Batom”, pois eu sei que quando assistimos ou acompanhamos a vida de outras mulheres pretas, nos sentimos acolhidas e livres para fazer o mesmo. Por isso também a minha escolha de escrita em primeira pessoa, para que, ao mesmo tempo em que me traga a liberdade de escrever tendo como ponto de partida as minhas vivências, eu também consiga me conectar com outras mulheres de maneira mais íntima e afetiva.

Retornando a discussão sobre a perspectiva colonizadora e trazendo para o meu contexto, eu tive uma vida baseada naquilo que o branco esperava de mim e do meu corpo, não sabia muito sobre minha cultura e identidade ancestral, eu só sabia que precisava me encaixar no mundo deles. Meu cabelo precisava ser liso, alisei e perdi grande parte dele. Precisava ser magra, sofri por muito tempo na corrida por esse corpo e desenvolvi distúrbios alimentares. Eu não podia deixar que as pessoas brancas a minha volta se irritassem, ou se incomodassem com algo que fizesse para que não me repreendessem, prendessem,

assediasssem, então eu não conversava e quanto mais eu fosse invisível, melhor para mim e para eles.

Depois de anos vivendo assim, mesmo que depois de um tempo eu tenha recuperado grande parte da minha consciência racial, meu olhar sobre o mundo ainda é muito contaminado por tudo que herdamos da colonização e, para driblar isso, foi necessário me questionar sobre a minha escrita, sobre as pessoas que iriam ler este trabalho, como a pesquisa preta (feita por pessoas pretas) poderia afetar o meu trabalho, quais seriam as minhas responsabilidades ao assumir o compromisso de produzir pensamento sobre assuntos tão complexos e sérios.

Após a defesa e entrega do meu Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2021, eu já pesquisava sobre os conceitos que pretendo continuar me aprofundando agora, como racismo estrutural, interseccionalidade, feminismo preto. Contudo, ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, outros termos foram surgindo e tornando-se fundamentais para a construção deste trabalho, como a noção de Mulherismo Africana a partir do trabalho de Clenora Hudson (2020).

Enquanto pesquisava e escrevia palavras acadêmicas bem colocadas para explicar conceitos e discuti-los na atualidade e na relação com minha pesquisa, eu passei por situações cotidianas nas minhas relações mais próximas em que me vi sem conseguir ter conversas reais e discussões políticas e sociais acerca desses conceitos que citei.

Quando me deparei com essas situações, me senti impotente e com uma sensação de que a minha pesquisa seria inválida, afinal eu não conseguia tirar as palavras do papel para as discussões reais. Como eu passei anos me dedicando a estudar e vivenciar aquele processo de escrita e não sabia falar sobre tudo isso na prática? Principalmente com pessoas que não tem contato com esses estudos e autores, como consigo acessar pessoas pretas que ainda não têm consciência racial sem me sentir na obrigação de “salvar” aquela pessoa ou, justamente por medo disso, eu acabar me abstendo de buscar um diálogo com essas pessoas? E o que fazer quando me sentir atacada?

Eu me vi muito confortável propondo discussões de pensamentos com os autores que leio ou com meus colegas de academia, devido a tudo isso eu me recordei de algumas aulas que tivemos, nas quais a pauta era como escrever, sem nos deixar levar pelas interferências de autores brancos enfatizando a nossa perspectiva negra em relação aos modos de escrita.

Acredito que esta pode ser uma pesquisa relevante para o campo da dança e demais campos artísticos, seja nas artes visuais, no teatro, na música, na performance ou no audiovisual, especialmente para aquelas(es) artistas que estão discutindo questões raciais. É certo que procuro olhar para as diversas formas de expressão artística, especialmente a dança e a performance, principalmente aquelas que possuem origem preta e foram embranquecidas ao longo dos anos. Como gosto sempre de enfatizar, precisamos cada vez mais de referências pretas femininas no campo das artes, e a intenção é que este trabalho possa ser uma dessas referências no campo da dança, colaborando e influenciando pesquisas nessa direção que sejam articuladas com conceitos que permeiam nossas vidas sociais e políticas como artistas.

Uma das referências que me ajudou a pensar melhor sobre os modos de escrita foi Grada Kilomba (2019). Em seu livro *Memórias da Plantação*, ela diz:

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (KILOMBA, 2019, p. 14).

Para além de escrever palavras bonitas, coerentes e que façam o leitor acadêmico se encantar pela escrita utilizando os termos e normas que são o padrão da linguagem formal e colonizadora, temos o compromisso nessa dissertação de produzir outras formas de registro, ainda que utilize a própria linguagem para isso, buscando acessar outros tipos de leitoras(es) e propondo uma conversa ao longo do texto, de modo que ele possa compartilhar as ideias orientadoras dessa discussão; ou mesmo convidando as pessoas a discutirem comigo ao longo do processo de leitura, sendo que para isso precisamos nos atentar para o nosso papel enquanto escritoras(es).

O meu desejo aqui é falar sobre performance arte e como ela pode ser instrumento para que discussões raciais e feministas sejam pautadas no processo de criação artística. Me interessa pensar que a performance enquanto um campo da arte se mostra como caminho político para refletir de forma responsável as questões que envolvem raça e gênero. Nessa pesquisa, busco pensar a promoção a articulação dos termos e temas centrais da investigação com as minhas performances ou no trabalho de outras mulheres pretas.

Assim, a intenção da pesquisa é apresentar alguns caminhos que nós mulheres pretas percorremos para falarmos de racismo e feminismo preto nas nossas produções artísticas, com foco no campo da performance. Para isso, proponho unir conceitos, termos e

referências sobre raça e gênero (a partir de referências africanas e brasileiras, mas também de mulheres pretas do norte global) às minhas vivências enquanto pesquisadora e artista, articulada às referências das artistas que participaram na consolidação dessa pesquisa. Busco apresentar as pessoas (artistas e pesquisadoras) que essas mulheres têm como referência, mas também me interesso em apontar quem as apoia, como elas lidam com a solidão da mulher negra, se elas se sentem sozinhas ou não, como e por que ainda criam, qual é o fazer artístico delas e como colocam pautas raciais e feministas nos seus fazeres artísticos. Assim, proponho conversar sobre a importância de amadurecer a criação artística, pensar e discutir as questões que vão atravessá-la e estarmos abertas a tudo o que o público pode contribuir na consolidação de uma obra artística, para que ao ouvirmos, decidirmos se ainda faz sentido, se nos toca, se ainda queremos levar aquela pesquisa adiante.

Acredito que uma das principais coisas que nos movem, enquanto mulheres pretas e artistas, é perceber se o nosso trabalho consegue tirar outras mulheres (pretas ou brancas) do lugar. Penso que se nós formos capazes de acender nem que seja uma fagulha de esperança, de pertencimento e acolhimento em outras mulheres, a arte deixa de ser meramente contemplativa e passa a ser um agente transformador da realidade. Intento que nós, mulheres pretas, possamos criar as nossas redes através da arte, e espero que essa pesquisa consiga contribuir para desvelar essas possibilidades de atuação política e artística.

A partir de todas essas motivações, entendo que essa dissertação tem o objetivo de mostrar como a performance pode ser instrumento para que artistas compreendam a necessidade de propor em seus trabalhos discussões sociais e raciais. Isso se torna elemento indispensável quando observamos como mulheres pretas artistas organizam, elaboram e concebem as suas produções, especialmente se o foco estiver na percepção dos modos de se falar de pautas raciais e de gênero em cena.

Para analisar as formas de produções artísticas de outras mulheres pretas, propus a utilização de um questionário como um modo de entrevistar essas artistas e deixá-las à vontade para discorrerem sobre os assuntos apresentados nas perguntas enviadas, que por sua vez, tinham como finalidade me fazer chegar em lugares que permitissem abordar os objetivos e tema dessa pesquisa.

A intenção dessa dissertação é mostrar o trabalho de artistas mulheres pretas para observarmos como se dão os processos de criação que tenham como foco principal as pautas raciais. Para mim, saber quem elas leram, quem elas ouviram, como foram se deram os processos formativos e seus processos de enegrecimento são fundamentais para buscar

capturar como suas vivências como mulheres pretas tornam-se elementos potenciais em suas produções artísticas. Assim, essas conversas vão aparecendo ao longo do texto quando tratarmos de conceitos relativos ao campo racial ou de gênero, bem como quando falarmos de produções artísticas.

Além das vivências dessas mulheres artistas, também vou incluir as minhas vivências nessa escrita, buscando assinalar como eu também tenho pensado as produções artísticas que discutem raça e feminismo. Ao compatibilizar as minhas vivências às de outras artistas pretas busco revisar as dimensões das nossas histórias pessoais em interlocução com a própria história das mulheres negras no mundo, pois compreendo, assim como sinalizou Vilma Piedade em um Seminário Aberto (2023), que “Para eu chegar no conceito, eu preciso dar uma volta na história” Nessa direção, este trabalho pretende entender a potência das produções artísticas como veículo para promover discussões raciais e feministas e refletir sobre o protagonismo das mulheres pretas na cena.

Esse trabalho, está dividido em 3 capítulos, sendo que o primeiro busca abordar termos e conceitos em relação a gênero e raça de maneira a fundamentar a nossa reflexão sobre estes temas e melhor orientar as leitoras (e leitores) ao longo da dissertação, sobre a abordagem que propomos neste trabalho.

O segundo capítulo propõe uma discussão sobre o campo da performance, buscando observar como este campo artístico se propõe a abordar questões feministas e raciais. A intenção é fazer com que possamos compreender esse campo das artes, para então entendermos a potência dele como ferramenta para que nós possamos expressar aquilo que nos aflige nas esferas, raciais, sociais e políticas.

No terceiro capítulo proponho aprofundar nas análises dos trabalhos de mulheres pretas que realizam trabalhos artísticos a partir de temáticas raciais e feministas, incluindo nessa análise os meus trabalhos desenvolvidos ao longo dos últimos anos. A proposta é que ao analisar os modos de produção artística, tanto meus, quanto das mulheres em questão, possamos ter uma visão do que é articular sobre questões raciais, sociais e políticas só que, na prática. Vamos poder observar, quais são os caminhos que se cruzam e os que se distanciam no ato de criar na perspectiva de mulheres pretas.

Ao final deste trabalho proponho levar você, leitor(a), a refletir sobre as nossas discussões sobre os temas aqui abordados a fim de entender que as diferentes formas de fazer artístico que conversam com as articulações feministas pretas podem nos despertar para a

urgência de enegrecermos nossas produções acadêmicas e artísticas, especialmente quando me refiro ao trabalho desenvolvido por mulheres pretas.

Ademais, desejo que essa dissertação e tudo o que vamos conversar sobre raça, gênero, classes sociais, interseccionalidade, arte, dança e performance chegue de forma objetiva e palpável para que todas consigam ler com facilidade e interesse nos assuntos tratados, que na maioria das vezes, são ditos de forma rebuscada demais, justamente na intenção de que quem não tem acesso a essa linguagem continue sem saber de si, dos seus direitos, da sua história e ancestralidade. Isso é justamente o que Neusa Santos (1983) diz na introdução do seu livro:

Esse livro representa meu anseio e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade. Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos (SANTOS, 1983, p.17).

Assim sendo, o meu desejo é que esse trabalho possa contribuir para que as referências acadêmicas e artísticas de mulheres pretas sejam ampliadas, principalmente no que diz respeito ao tema dessa pesquisa, possibilitando que outras pesquisas e pesquisadoras possam mergulhar neste universo, especialmente nos campos da dança e das artes.

CAPÍTULO I – SOBRE RAÇA E FEMINISMO: QUESTÕES INICIAIS

Esse capítulo tem a intenção de fazer valer o compromisso que os apresentei na Introdução dessa dissertação, que é o de fazer a mensagem dessa pesquisa chegar às pessoas que geralmente não possuem fácil acesso a produções acadêmicas, não por vontade própria, mas pelos modos de funcionamento da nossa sociedade, que condiciona pessoas pretas à periferia e educação de baixa qualidade.

Como dito anteriormente, para mim, enquanto pesquisadora, não é uma intenção escrever e deixar a minha dissertação no repositório; mas para isso acredito ser necessária uma consciência coletiva de pesquisadores para com essa responsabilidade de entregar a pesquisa que produzem para as comunidades além das Universidades.

Para que possamos ter um panorama dos conceitos que vão surgir ao longo deste trabalho, busco neste primeiro capítulo construir de forma didática uma explicação, ainda que mais simplificada, de termos tão complexos. A proposta é apresentar esses conceitos de maneira que todas as pessoas possam ter um entendimento imediato, de maneira que a permitir uma aproximação entre estes e as pessoas que possam vir a ter acesso a este trabalho.

Quando iniciei a minha jornada como pesquisadora, eu passei a questionar tudo, afinal tudo se tornava novidade para mim, e uma dessas novas coisas era o tal do conceito, assim como um dia eu precisei entender o que é um conceito, quero trazer aqui para vocês a possibilidade de também compreender como se dão os processos de se produzir um conceito no sentido de criar um ou usar o de outra pessoa para sustentar teoricamente uma pesquisa acadêmica.

Em filosofia, o conceito é “a representação mental de um objeto abstrato ou concreto”. Para André Comte-Sponville, “o conceito é uma ideia abstrata, definida e construída com precisão: é o resultado de uma prática e o elemento de uma teoria.

O conceito, portanto, é uma construção ou uma elaboração. Quem constrói ou elabora um conceito, torna-se responsável por ele. Essa responsabilidade é dividida com quem usa o conceito elaborado por outrem, assim como uso o conceito de “conceito” elaborado por Comte-Sponville.¹

É possível perceber que para um conceito existir é preciso estudo e prática em cima de uma teoria já existente, tal teoria passa a ser questionada de forma crítica, na intenção de surgir uma discussão e diálogo que nos leve a um outro pensamento, que se passar por uma

¹ Revista Vestibular UERJ 2019

manutenção constante de estudos, ele se mantém e se firma como conceito possível para novas discussões em outras várias pesquisas.

Os conceitos que pretendemos abordar ao longo da pesquisa, dizem respeito a dois conjuntos de temas: Raça, dentre os quais podemos destacar as noções de Racismo, Racismo Estrutural, Quilombismo, Colorismo e Amefricanidade; e Feminismo, sendo que o nosso foco é sobre as noções de Feminismo Preto, Mulherismo Africana, Interseccionalidade e Dororidade. A intenção não é fazer um verbete explicativo sobre cada um desses temas, mas trazer algumas reflexões sobre como eles nos ajudam a pensar a realidade das mulheres pretas, objeto central dessa pesquisa.

1.1 QUESTÕES SOBRE RAÇA E RACISMO

Para iniciar este trabalho, busco compreender as noções de raça como um caminho. Nessa direção, é preciso reconhecer que sua construção conceitual se deu no momento em que o processo de colonização foi estabelecido em todo o mundo. A corrida pela “conquista de novos mundos” tinha como princípio a invasão e a expropriação de tudo o que as novas terras poderiam dar e, para isso, o processo de escravização dos povos negros, sua utilização como mercadoria barata, bem como todo o violento processo da diáspora africana, foram elementos cruciais para o sucesso europeu durante o período de colonização, que se estendeu por aproximadamente quatro séculos.

A ideia central do processo colonial tinha como perspectiva a distinção entre os povos brancos europeus e todos os demais povos e terras, tendo como base o ideal de dominação propagado pelo cristianismo. Nesse viés, a principal estratégia utilizada pelos europeus para realizar a dominação e subjugação dos negros era a de propagar possíveis diferenças biológicas que poderiam justificar a discriminação entre os povos. Assim, o branco europeu, além de ver a possibilidade de catequizar (de forma forçada) estes povos, viu-se autorizado a promover a escravização destes povos.

É importante notar que a construção da noção de raça esteve diretamente ligada à dimensão política da época, especialmente no que concerne a todos os procedimentos para autorizar o genocídio dos povos não brancos e a sua escravização. Nessa perspectiva, uma série de ações/decisões políticas foram tomadas ao longo dos tempos, e ainda continuam sendo tomadas, para garantir e legitimar as desigualdades entre brancos e negros, ainda que estudos contradigam a versão sobre existência de diferenças entre as raças. A este respeito, Silvio de Almeida (2019) faz a seguinte observação:

Ainda que hoje seja quase um lugar-comum a afirmação de que a antropologia surgida no início do século XX e a biologia – especialmente a partir do sequenciamento do genoma – tenham há muito demonstrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (ALMEIDA, 2019, p. 22).

Quando abordo a questão política associada à dimensão da raça, é preciso observar as suas implicações nas dimensões históricas, culturais e sociais que ainda são utilizadas para negar acessos e direitos a toda uma população, bem como em relação às estratégias adotadas para que o poder (político, cultural, social) permaneça nas mãos dos povos brancos. Assim, enquanto o povo branco permanece sendo o centro do mundo por pertencer a uma raça superior, os povos não brancos continuam sem ter acesso a poder político, direito à cidadania, educação de qualidade, moradia digna e lazer, por ainda pertencerem a uma raça inferior.

A raça é, portanto, um marcador social que foi constituído histórica, social, política e culturalmente e que é o ponto central para a promoção das diferenças entre os sujeitos. É essa noção de raça que ainda influencia todas as ações políticas e que estrutura os processos de racismo no Brasil e no mundo. Contudo, é importante pensar que em cada lugar existem processos específicos que definem as diferentes formas de produção do racismo, mas há um princípio básico em todos eles: a discriminação por meio da cor da pele.

Entendendo o racismo como sendo o processo discriminatório contra povos não brancos a partir das perspectivas de raça e etnia, tendo como base o pensamento hierárquico que historicamente foi constituído de que um determinado grupo de pessoas é supostamente superior a outros povos em todos os âmbitos sociais. Nessa perspectiva, Silvio de Almeida (2019) denomina racismo como:

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culmina em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Ainda segundo o autor:

O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. Ainda que os indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a

sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade racial (ALMEIDA, 2019, p. 34).

Segundo o autor, existem 4 tipos de racismo que estão interna e externamente ligados ao funcionamento de uma sociedade, sendo eles: racismo ideológico; racismo político; racismo constitucional e, principalmente, racismo econômico. Os 4 tipos de racismo citados existem de forma ampla para abranger os diversos outros tipos racismos praticados pelas pessoas e instituições. Assim, é preciso que entendamos o quanto o racismo opera nas nossas vidas, de modo a produzir ações para que fiquemos doentes, frágeis e vulneráveis. Por isso a importância de observarmos os espaços que ocupamos e os grupos de pessoas que nos cercam.

Nessa direção, Silvio de Almeida (2019) aponta que uma das formas de expressão do racismo é por sua perspectiva estrutural. Para o autor, o racismo estrutural é um conjunto de práticas que estão para além da vivência ou experiência individual do racismo e que se fazem presentes no modo de organização da sociedade e nos privilégios ou na ausência de privilégios que os negros possuem nos diferentes aspectos da vida, sejam eles individuais, coletivos ou institucionais. A este respeito, o autor aponta:

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2019, p. 52).

Ao nos referirmos ao racismo estrutural, estamos falando sobre a percepção de mundo possibilita a um determinado povo se entender superior ao outro por acreditar que sua raça é melhor e, a partir desse entendimento, esse povo sentir-se no direito de discriminar outras pessoas com palavras ofensivas, atitudes de exclusão ou violência, sejam elas física, psicológica, social, econômica, política.

Quando ingressei na graduação em dança, passei a entender que tudo é político, principalmente que a existência de um povo que sofreu ao longo do tempo é resistência política. Exatamente por isso que quando nós dizemos que precisamos enegrecer os congressos e câmaras, é para que o povo que teve tudo retirado de suas mãos, possam através da política, tomar de volta e distribuir àqueles que assim como nós são excluídos, discriminados e assassinados psicologicamente ou no sentido literal da palavra. Sabemos que

é difícil a entrada de pessoas pretas no poder, por causa da construção racista do nosso país, assim como a herança do racismo também pode ser percebida no sistema judiciário, que foi planejado para garantir a permanência dos privilégios brancos e, consequentemente, o extermínio do povo preto.

Isso quer dizer que vivemos driblando o destino que criaram para nós, o estereótipo de um povo “coitado”, “desonesto”, “ladrão”, “sem herança”, “sujo”, “sem futuro”, assim fizeram com que por muito tempo acreditássemos que realmente não temos saída, a não ser o crime, a cadeia, a morte, a violência e o abandono. Quando penso no sistema judicial brasileiro, lembro dos Racionais Mc's, nas músicas “Vida Loka, part 1” e “Vida Loka part 2”. O grupo citado é um dos maiores empoderadores do povo preto de periferia, os mais afetados pela política branca do Brasil, e em suas músicas eles retratam como o homem preto pensa a respeito de si e do seu destino, vivendo nesse país.

Programado pra morrer nós é
 Certo é certo é crer no que der, firmeza?
 Não é questão de luxo
 Não é questão de cor
 É questão que fartura
 Alegra o sofredor
 Não é questão de preza, nêgo
 A ideia é essa
 Miséria traz tristeza e vice-versa
 (RACIONAIS MC'S, 2002)

Um povo que diz ser programado para morrer, é um povo que infelizmente, desde o momento em que se entende no mundo e no ambiente em que se vive, já entendeu que o seu tipo de pessoa no país não é aquele que tem a chance e o privilégio de ocupar espaços de poder, qualquer que seja o espaço, sendo o do estudo um dos principais destes espaços.

Quando o sistema político do Brasil, nega ao povo preto, indígena e periférico uma educação de qualidade desde a base, ele já deixa evidente que, esse povo vai chegar atrasado, aonde quer que ele queira ir ocasionando no afastamento dessas pessoas da educação e da chance da mudança de vida, afinal tudo é 3 vezes mais difícil, imagina conciliar o trabalho, a família, o estudo, e a mente, sem ter o mínimo de apoio do governo? Deixar essas pessoas condicionadas à miséria, as tornam obcecadas pela possibilidade de ter uma vida mais digna e menos humilhante, os forçando a seguir caminhos que são ditos fáceis e nada seguros, como o crime e a violência.

Mas se é para resolver, se envolver, vai meu nome
 Eu vou fazer o que, se cadeia é pra homem
 Malandrão eu? Não, ninguém é bobo

Se quer guerra terá
 Se quer paz, quero em dobro
 Mas verme é verme, é o que é
 Rastejando no chão, sempre embaixo do pé
 E fala uma, duas vez, se marcar até três
 Na quarta xeque-mate, que nem no xadrez
 (RACIONAIS MC'S, 1994)

É preciso estarmos atentos aos que andam do nosso lado, nós que temos a oportunidade de estar cada vez mais próximos dos espaços de poder, principalmente o do estudo, devemos ser apoio, colo, ouvidos, amparo e sustento dos irmãos que estão tentando sobreviver a um roteiro que já tem a morte como destino final. Conviver com o medo de não voltar para casa, encontrar modos de sobreviver a constante ameaça da própria existência, adoece psicologicamente não só um jovem preto, como também sua família, que almeja um futuro diferente para seus filhos.

O filho ao sair de casa se despede sempre e fala que hoje volta pra casa.
 O filho ao sair de casa leva muita marra e tem medo de que hoje haja falha.
 O filho ao sair de casa sente medo de que o acusem de mala.
 O filho ao sair de casa se revolta sempre
 Se revolta sempre
 E a revolta não adianta de nada.
 (DESPRIMOR, 2024)

Diante deste cenário, como disse anteriormente, se faz necessário encontrar modos de sobrevivência ao que nos foi programado. Quando protestamos e reivindicamos, quando entramos nos congressos e nas câmaras (mesmo que propensos a sermos extermínados do sistema, como ocorreu com Marielle Franco, mulher negra e vereadora da cidade do Rio de Janeiro que foi assassinada por sua atuação política contra as milícias), estamos exercitando um ato de retomada dos nossos direitos, da nossa cultura e da nossa ancestralidade, que na colonização nos foram roubados e ainda hoje não nos foi restituído.

É também preciso ficar atentos a outros sinais, como quando ouvimos pessoas dizendo que sofreram racismo e que geralmente vem acompanhado da situação vivida por elas, observando que por muitos anos a sociedade brasileira acreditou que para ser considerado racismo era necessário ser uma ofensa direta e escancarada, desacreditando ou minimizando outras formas de expressão do racismo na sociedade.

Diante do exposto, o que é importante entendermos é que a história do nosso país apagou os nomes, fatos e histórias dos povos negros e indígenas, perpetuando apenas a história dos brancos que ocupavam posições hierárquicas neste país. O que nos foi ensinado nas escolas, por exemplo, é que fomos descobertos e salvos pela inteligência dos povos

brancos, que gentilmente nos apresentaram a um Deus que é capaz de nos libertar da nossa ignorância e selvageria.

Entretanto, quero trazer aqui alguns questionamentos para nos encaminhar para um melhor entendimento do que vem a ser racismo. Quem está contando essa história? Quem está dizendo que o povo que aqui estava precisava de salvação? Quem está contando a narrativa de que o povo vindo da África, veio de forma pacífica? Onde está a narrativa do povo preto com a sua versão da história?

O que pretendo com esses questionamentos é sinalizar que existiram vozes pretas e indígenas que nos disseram (e ainda nos dizem) que o Brasil não foi descoberto, ele foi invadido! Ninguém que aqui estava precisava de ser salvo. O povo que veio de África foi na verdade sequestrado e dizimado, para além da escravização. Assim, a história que o povo branco conta, de que o povo preto passou por todas essas atrocidades sem resistência, sem luta, e de forma pacífica, é totalmente errônea.

Ressalto também que tal maneira de contar a história da escravização fixou em nossas mentes que somos um povo que não luta, que é passivo e está num lugar de “coitado”, cujo estereótipo é o de sermos um corpo destinado apenas para trabalhos braçais, haja vista a nossa força física, ou de sermos destinados a objetos sexuais (especialmente as mulheres), que também pode ser percebido como um ato de serviço e trabalho para os colonizadores.

Esses estigmas ficaram impregnados em nossa memória, causando uma falha em nossa autoestima, fazendo com que não busquemos nossa verdadeira história, a fim de conseguir ter uma vida digna, e cheia de oportunidades, assim como o povo branco sempre teve, apesar de ter sido roubado e não conquistado. Por isso é preciso olhar para o racismo de forma objetiva e atenta, pois ele opera em todas as áreas de nossas vidas, seja ela profissional, social, afetiva, espiritual ou psicológica.

Antes de seguirmos em frente, é preciso lembrar que de acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, inciso XLII, o racismo é um crime inafiançável e imprescritível, como pode ser observado na citação abaixo:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

Também é fundamental destacar que a Lei nº. 12.288/2010 instituiu o Estatuto da Igualdade Racial no Brasil e busca garantir a defesa dos diretos das pessoas pretas, além de combater a discriminação e o racismo. Essa Lei, em seu Artigo 1º, diz o seguinte:

Art. 1º. Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Pensado a realidade do racismo no Brasil, é preciso refletir que os termos “negro” e “preto” aparecem neste debate como formas de se falar sobre o mesmo tema. Ambos foram apossados pelo povo branco racista para, com tom pejorativo, nos ridicularizar ou ofender; mas o nosso povo resolveu adotar os termos como positivos e toma-los para nós como palavras de afirmação e posicionamento, desarticulando o seu sentido primeiro e fortalecendo a ideia de se orgulhar por ser preto e/ou negro.

A discussão que se dá em relação as duas maneiras de falar, é mais interna do que externa, e há quem diga que usar a palavra negro é para continuar a esvaziar a negativação que colocaram e se afirmar como pessoa, há quem diga que as palavras tem influência das gerações, uma geração mais velha que entende cor por preto ou branco, ou a geração dos anos 70, do MNU (Movimento Negro Unificado), que também influenciou a preferência pela palavra negro.

Para outros, dizer povo negro é para se referir a um povo preto e pardo, como utiliza o próprio IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em suas pesquisas. No ano de 2020, o jornal Estado de Minas, realizou uma reportagem e entrevista com alguns pesquisadores pretos à cerca da discussão em torno da utilização das palavras preto ou negro.

O olhar atento aos dois termos revela uma trajetória de luta do movimento negro que foi além de positivar esses termos, do ponto de vista semântico. Ela ajuda a descortinar questões que envolvem a população negra, por exemplo, ao preencher formulários nas redes de atendimento à saúde no momento de autodeclarar a cor. A medida é uma forma de saber como determinadas doenças impactam esse segmento da população e ajudam também na definição de políticas públicas (MARTINS e CRUZ, 2022, s/n).

Ainda na reportagem dizem que usar um termo ou outro, tem a influência do movimento nos EUA, “Black is Beautiful”, quando traduzido aqui “O negro é lindo”, ao longo da pesquisa vamos observar de forma cuidadosa e atenta que os movimentos mais importantes nos EUA influenciam muito naqueles que aconteceram e acontecem no Brasil.

Uma questão importante de se compreender nessa relação é a formação social do país e como isso evidenciou um processo de subdivisão a partir das diferentes tonalidades de

cores. Quando alguns pesquisadores dizem que podemos entender que a raça é negra e a cor é preta, dando assim uma função para cada uma das palavras. O jornal Estado de Minas, em entrevista com a jornalista e pesquisadora Rosane Borges, a questiona se a forma que o IBGE se refere aos termos negro, preto e pardo é correto, ao que a pesquisa responde:

A convivência do termo negro e preto se dá a partir do que você pergunta inicialmente – se há adoção do termo negro e do termo preto – dois termos que acabam tendo conotação negativa. Algumas pessoas dizem que preto se refere a cor e negro se refere à dimensão racial, mas, no Brasil, as duas categorias funcionam. Elas têm uma semântica que expressa, tanto para o racismo, quanto para o antirracismo, o que se quer dizer com essas palavras. Não há nenhum tipo de problema com as palavras. O problema é com o racismo (MARTINS e CRUZ, 2022, s/n).

Nestes termos, entendo que a noção sobre colorismo torna-se elemento importante para pensar a relação do processo de reconhecimento da negritude a partir das diferentes pigmentações de pele, resultantes do doloroso e violento processo de mestiçagem forçado pelo colonialismo. Nessa direção, de Alessandra Devulsky (2021), comprehende que:

A mestiçagem, de origem violenta, fez parte de um projeto colonial que pretendia diluir a negritude até o ponto em que ela desaparecesse. Não foi o que aconteceu. Graças a resistência indomável dos descendentes dos primeiros africanos que foram trazidos para o país sob a condição da escravidão, criaram-se várias estratégias de sobrevivência cultural da identidade negra. Os quilombos, as músicas, as danças, as religiosidades, entre tantos outros aspectos da cultura negra, que superaram o castigo, o cárcere e mesmo a morte de tantos negros que não permitiram que as hierarquizações raciais fossem capazes de obliterar a negritude do Brasil. Contudo, a força coesiva dos códigos culturais e as imposições de políticas públicas de branqueamento fizeram com que o colorismo também fosse adotado dentro das comunidades negras (DEVLSKY, 2021, p.12).

A autora nos aponta a necessidade de nós continuarmos o que nossos ancestrais começaram, apesar das adversidades e tentativas de nos obliterarem: devemos continuar a fazer música, a dançar, a promover e participar de festas culturais negras, e que possamos proteger cada vez mais, as nossas casas de religiões de matrizes africanas.

Em outra perspectiva, é preciso observar a noção de colorismo com cautela, especialmente para que ele não seja utilizado de forma errônea na relação com a discussão sobre o racismo. Pensar que a nossa formação social constituiu uma comunidade negra com diferentes tons de pele é reconhecer que no Brasil a tonalidade da pele é motivo para se sofrer racismo. Pessoas pretas retintas sofrem racismo em qualquer ocasião, recebendo assim os tratamentos mais cruéis de pessoas racistas, enquanto pessoas pretas de pele clara conseguem

viver de forma um pouco mais tranquila, apesar de constantemente serem lembradas de que são pretas, especialmente quando para o branco racista convém trata-los de forma diferente.

É fundamental que dentro da comunidade preta tenhamos esse entendimento de que os nossos irmãos de pele retinta são mais atacados e precisam de uma atenção maior da nossa parte, para que não sejamos injustos com suas experiências sociais. Não devemos atravessar pautas, colocar umas acima das outras, o trabalho deve ser em conjunto, prestando atenção nas mais urgentes e naqueles que precisam de maior proteção.

Assim como outros pensadores contemporâneos, acredito que usar o termo preto é uma tentativa de esvaziar a negatividade imposta na palavra, ao ser utilizada pelo povo branco para nos discriminar e de dar uma nova conotação e sentido para a mesma. Se trata, assim, de uma ação de afirmação como uma pessoa de pele preta, que carrega a história de um povo de luta, e acredito que qualquer que seja a forma de utilização das palavras, ela deve ser empossada como forma de empoderamento e resgate da autoestima de quem somos e da herança que carregamos.

Contudo, ainda é comum vermos os nossos irmãos estampados nos jornais e noticiários como bandidos, traficantes e propensos à morte. A raiz desse problema está na própria história da colonização, quando a imagem da população negra foi condicionada a uma figura agressiva, suja e desonesta, especialmente quando nos referimos ao homem preto. Ângela Davis (2017) cita sobre os processos governamentais de opressão sexual e manipulação sobre uma imagem assustadora do homem preto, tirando a responsabilidade de crimes por estupro de homens brancos.

[...] Como resultado direto da persistente infiltração do racismo nas posturas sociais em vigor, as mulheres brancas são socializadas de maneira a nutrir muito mais medo de sofrer um estupro por um homem negro do que por um homem branco. Na verdade, pela simples razão do que os homens brancos constituem uma parte maior da população, muito mais estupros são praticados por estes do que por homens negros (DAVIS, 2017 p. 45 e 46).

Se bem observarmos, a estrutura social ainda hoje mantém a mesma hierarquia observada por Davis (2017). No Brasil, por exemplo, o resultado dessa estrutura social e de tudo o que vivemos no período da colonização estão explícitos nessa estrutura social racista que ainda vivemos, como sinalizado por Silvio Almeida (2019). Em nossa organização social, o povo branco ainda detém o poder (econômico, social, político, cultural, epistêmico) e o povo preto permanece sendo duramente explorado.

Para exemplificar essa vergonhosa herança, basta olharmos para os nossos modos de funcionamento social e economicamente. Conseguimos ver que a classe trabalhadora em

sua grande maioria são pessoas pretas e exploradas em suas funções, a educação desse mesmo povo não tem a devida atenção, a falta de lazer, cultura e esporte para essas pessoas juntamente com a ausência de uma estrutura familiar é fatal para que se distanciem de caminhos bons, para os caminhos fáceis, iniciando assim a vida no crime.

Por mais que o crime e a violência sejam temas amplamente discutidos, principalmente em relação as falhas do sistema de segurança do país, esses processos também rendem financeiramente para o estado, qualquer que seja ele sobretudo quando se envolve o tráfico, milícias e o controle de comunidades.

Em se tratando de um dos nossos sistemas de segurança, a polícia militar do Brasil, nesse caso vou me dar a oportunidade de generalizar, sempre esteve preparada para executar o povo preto, pouco interessados se as pessoas abordadas são trabalhadoras, honestas, boas mães ou bons pais. Esse processo também é um padrão que se repete desde a escravização, o objetivo sempre foi apagar a nossa história e exterminar o nosso povo de vez, só mudaram as formas de concluir tal meta. Falar sobre o crime e a violência do nosso país exige que tenhamos a noção de quanto complexo é este tema.

Em contraponto a este processo social, é preciso falarmos sobre como os quilombos foram uma forma de organização social utilizadas pelos nossos ancestrais para recuperarem uma ideia de comunidade. Os quilombos tinham como objetivo serem refúgios para os escravizados que conseguiam fugir, mas também uma maneira de não se perderem mais, no sentido de continuarem próximos àqueles que ainda estavam vivos e de formarem uma comunidade em prol de manterem vivas suas culturas e suas memórias.

Se de um lado houve tentativas incessantes da população branca de nos exterminar através do apagamento da história e cultura, de maneira institucional, ou pela própria execução dos nossos corpos; de outro os quilombos se tornaram espaços de resistência. Nessa direção, Abdias do Nascimento, em *O Quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista*, faz a seguinte observação:

Nós, os negros, temos sido forçados a esquecer nossa história e nossa condição por um tempo demasiadamente longo. Por quê ficamos quietos, silenciosos, e perdoamos ou esquecemos o holocausto de milhões se conta – cem, duzentos, trezentos milhões? - de africanos (homens, mulheres, crianças) friamente assassinados, torturados, estuprados e raptados por criminosos europeus durante a escravidão e depois dela? (NASCIMENTO, 1980, p.21).

É preciso observar que dentre as estratégias escolhidas pelo branco europeu para subjuguar o povo negro estava não apenas a violência e a morte propriamente ditas, mas

também outras estratégias simbólicas. Quando falo sobre essas estratégias, estou me referindo às práticas físicas, psicológicas, sociais e ancestrais que foram utilizadas para nos colocar uns contra os outros, culpando uns aos outros, nos separando cada vez mais ao longo da história.

Os quilombos foram uma maneira de os negros se empoderarem como uma comunidade. Nestes espaços, as pessoas negras passaram a produzir suas próprias plantações para vendas e consumo próprio, começaram a se organizar politicamente e de maneira que todos se beneficiassem, diferente do que viviam sendo escravizados. Foi nos quilombos que os negros reencontraram a sua humanidade, perdida nos violentos processos de subjugação pelo processo colonial imposto pelos brancos europeus.

Como vemos, o corpo do escravo era equiparado ao dos animais, violentado, mutilado e espancado até a morte. Somente através do espírito de rebeldia da luta e da reelaboração de comunidades livres, ele conseguia a sua reumanização. Do alvará da Colônia aos anúncios dos jornais, eles eram ferrados e tratados como gado (MOURA, 2021, p.34).

Esse movimento de reumanização me leva a pensar a importância de refletirmos sobre a perspectiva da amefricanidade, termo proposto por Lélia González. A autora define o termo amefricanidade da seguinte maneira:

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a Améfrica, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos (GONZALEZ, 2020, p.122).

A partir da noção de amefricanidade, Lélia Gonzales discute justamente sobre essa retomada de consciência que permitiria a retomada da memória, da história, da língua, dos saberes e da humanidade do preto na América Latina, ou como ela mesma afirma, na Améfrica Ladina. Trata-se de um movimento que nos permite recordarmos de onde viemos, quem são os nossos ancestrais, quais foram as suas lutas e ensinamentos forjados através do tempo. É nessa direção que podemos reconstruir a nossa história aqui, retomando nossos antepassados vindos desde o continente africano e também compartilhando nossas culturas e vivências como saberes que resistiram ao tempo.

Portanto a amefricanidade é uma forma de assumir as nossas raízes, heranças culturais, religiosas, comportamentais negras estando na América Latina. Nos reconhecermos como pretas amefricanizadas é um passo fundamental para lutarmos pelo resgate daquilo que nos reumaniza: o orgulho pela nossa pele, nossos cabelos, nossos narizes e bocas, as histórias

e lutas dos nossos ancestrais, a memória, os saberes, os sabores, as crenças, os modos de viver e pensar o mundo.

Sabemos que esse processo de retomada da nossa história é difícil, mesmo que digam que a cultura não é preta, nós, através das armas que temos, devemos mesmo que aos poucos recuperar o que sempre foi nosso. Quando digo que é difícil fazer esse processo de recuperação cultural e histórico, é quase como nadar contra a maré, o sistema está muito bem-preparado para que estejamos cada vez mais sozinhos, distantes uns dos outros, de nossos ancestrais e principalmente de nós mesmos, o projeto é fazer com que morramos e que mesmo em vida tenhamos a sensação da não existência e pertencimento a algo. É a este respeito que o artista Emicida se refere em sua música “Ismália”, no álbum “Amarelo”:

[...] Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
 Nega o deus deles, ofende, separa eles
 Se algum sonho ousa correr, cê para ele
 E manda eles debater com a bala que vara eles, mano
 Infelizmente onde se sente o sol mais quente
 O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescentes
 Quis ser estrela e virou medalha num boçal
 Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral
 (EMICIDA, 2019)

Pensar no conceito de amefricanidade me faz lembrar de músicas de cantores de rap, que têm um compromisso com as questões raciais e possuem uma responsabilidade em falar desses assuntos, para quem os têm como referência, assim como eu, e para além desse trecho da canção Ismália do Emicida, artista esse que vê o racismo a partir de uma ótica de quem cresceu na periferia de São Paulo, eu também me recordei do Djonga, que possui suas raízes mineiras, mais especificamente Belo Horizonte, na música “Hat-Trick”:

O dedo
 Desde pequeno geral te aponta o dedo
 No olhar da madame eu consigo sentir o medo
 Cê cresce achando que cê é pior que eles
 Irmão quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
 Ladrão
 Então peguemos de volta o que nos foi tirado
 Mano ou você faz isso ou seria em vão
 O que os nossos ancestrais teriam sangrado
 De onde eu vim quase todos depende de mim
 Todos temendo meu não, todos esperam meu sim
 Do alto do morro rezam pela minha vida
 Do alto do prédio pelo meu fim
 Ladrão
 No olhar de uma mãe eu consigo entender
 O que pega com o irmão
 Tia, eu vou resolver o seu problema
 Eu faço isso da forma mais honesta

E ainda assim vão me chamar de ladrão
 Ladrão
 (DJONGA, 2019)

Diante do exposto, penso ser importante que as pesquisas que têm a questão da raça como elemento central observem com cuidado suas metodologias e percebam a necessidade de reiterar o lugar da população preta como produtora de saberes e epistemes fundamentais para a consolidação de uma nova abordagem sobre a nossa própria história, considerando a força, a inteligência e as estratégias adotadas pelo povo preto para sua sobrevivência ao longo dos séculos. A este respeito, Abdias do Nascimento (1980) faz a seguinte ponderação:

Sob a lógica desse processo, as massas negras do Brasil só têm uma opção: desaparecer. Seja aniquilada pela força compulsória da miscigenação/assimilação, ou através da ação direta da morte pura e simples. É assombroso comprovar que uma dinâmica fatal de erradicação vem ceifando vidas negras ininterruptamente, há quatro século. E que, apesar dessa espada sinistra suspensa sobre sua cabeça, o negro jamais desfaleceu nunca perdeu a esperança e a energia, sempre esteve alerta à menor chance de recapturar os fios rompidos da sua própria história: começar elevando-a a um nível de verdadeira instituição nacional" (NASCIMENTO, 1980, p.22)

Não há outra maneira de vencermos se não a de permanecer em luta, mesmo diante das adversidades. Se o grande objetivo do sistema é nos exterminar, nos matar e nos adoecer psicologicamente todos os dias, nós decidimos não morrer. É necessário que estejamos vivos... viver é o nosso maior ato de resistência.

1.2 QUESTÕES SOBRE FEMINISMO

O surgimento do movimento feminista está diretamente ligado à luta das mulheres contra os processos sociais, políticos e religiosos que no século XIX ainda eram responsáveis por submeter as mulheres à permanência em funções exclusivamente do lar, como ao processo de gerar vidas e cuidar da família, mantendo o controle sobre os seus corpos e não lhes garantindo direito à cidadania ou ao trabalho.

Parte principal da luta feminista no final do século XIX e início do século XX este ligado à busca pelo direito à cidadania e ao voto. Na Inglaterra de 1910, o movimento pretendia garantir a participação ativa na política, de modo que essa participação pudesse afetar suas funções como cidadã. Nesse ínterim, os inúmeros protestos realizados, sejam eles de forma coletiva ou individuais, serviram como forma de pressionar os homens que estavam

no poder a ouvirem as reivindicações das mulheres a respeito da pauta do movimento feminista. A este respeito, Pinto (2010) faz o seguinte apontamento:

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto (PINTO, 2010, p.15).

Maria Novellino (2019) aponta que o movimento feminista teve diferentes fases de organização, conforme as conquistas e demandas apresentadas. A autora identifica a existência de três “ondas”, como pode ser observado abaixo:

O movimento feminista é, em geral, categorizado no que se convencionou chamar de duas ondas. A primeira pode ser caracterizada como um movimento sufragista, no qual as mulheres se organizaram para lutar por seus direitos políticos: votarem e serem votadas. A segunda pode ser caracterizada como um movimento de liberação, no qual as mulheres discutem a sua sexualidade e as relações de poder entre homens e mulheres. Atualmente, fala-se de uma terceira onda, na qual seriam objeto de análise as diferenças entre as mulheres. Esta onda teria surgido da crítica às feministas da segunda onda, as quais teriam substituído uma concepção androcêntrica de sujeito universal por uma concepção ginocêntrica de mulher universal (NOVELLINO, 2019, p. 2).

Ao longo do século XX um importante conjunto de direitos foi sendo conquistado pelo movimento feminista: o direito a votar e serem votadas em consultas eleitorais; a oportunidade de trabalhar e estudar fora do ambiente do lar, passando a ocupar lugares e funções que eram predominantemente de homens; a colocação em espaços de poder e decisão; etc. Com este movimento, coletivos feministas foram surgindo em todo o mundo e se constituíram em uma rede de apoio para as mulheres.

É interessante observar como o movimento feminista conquistou não somente o direito ao voto, mas também o direito à fala e o direito à sua existência como cidadãs, o que demonstra a sua importância histórica. Na mesma direção, é importante ressaltar que as mulheres que seguiram no caminho do desenvolvimento de estudos sobre as dimensões políticas e sociais do movimento feminista foram contribuindo para as discussões em relação às questões sobre gênero e dando mais força ao próprio movimento em todo o mundo.

Quando observamos o histórico do movimento feminista no Brasil, é preciso observar como ele se caracterizou como uma luta recorrente por superação das condições sociais impostas pelo sistema patriarcal. Nessa direção, Pinto (2010) propõe pensar a

organização do movimento feminista brasileiro a partir de suas peculiaridades, apontando cinco diferentes categorias: feminismo cívico, feminismo populista, feminismo revolucionário, feminismo acadêmico e feminismo institucional. A este respeito, a autora faz o seguinte apontamento:

Considerando as particularidades do movimento feminista brasileiro, categorizei os seus diferentes momentos em:

- (a) Feminismo cívico: nesta fase do movimento, as mulheres nele engajadas lutavam por seus direitos políticos: votarem, serem votadas e exercerem cargos públicos. Isto é, serem reconhecidas como cidadãs.
- (b) Feminismo populista: neste momento do movimento, as feministas se aproximam das mulheres das classes sociais de menor poder aquisitivo, assumindo suas reivindicações com o intuito de cooptá-las para o movimento feminista e/ou para organizações políticas.
- (c) Feminismo revolucionário: movimento social que passa a se constituir autonomamente, deixando de ser parte de organizações político-partidárias. A partir deste momento, as mulheres privilegiam suas necessidades estratégicas: direito ao prazer e livre determinação sobre o corpo e questionamento efetivo das relações de poder com os homens tanto na esfera privada quanto na pública.
- (d) Feminismo acadêmico: está associado tanto ao feminismo revolucionário quanto ao institucional. Caracteriza-se pela crítica ao universalismo científico nas universidades e institutos de pesquisa.
- (e) Feminismo institucional: fase do movimento feminista no qual as ativistas se organizam em ONGs. As organizações perdem quaisquer traços de voluntarismo e informalidade. Ao contrário, constituem-se em instituições com projetos de intervenção cujos orçamentos são financiados por organismos internacionais ou pelo Estado (PINTO, 2010, p.3).

Entender todas essas ramificações do movimento feminista nos permite compreender as mudanças estratégicas provocadas pelas conquistas do próprio movimento e a necessidade de revisão de suas pautas, mas também nos alerta para as segregações existentes dentro do próprio movimento, haja vista a diversidade de pautas existentes no seu interior e a ausência de pautas para alguns grupos de mulheres, como é o caso das mulheres pretas.

Ao ler mulheres pretas (como Angela Davis (2016; 2017), bell hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019), Cala Akotirene (2019), entre outras), pude entender que tanto no contexto norte-americano como no contexto brasileiro, as pautas feministas não consideraram as realidades das mulheres pretas. Enquanto as mulheres brancas conquistavam direitos e ascendiam socialmente, promovendo uma permanente mudança de suas realidades sociais, as mulheres pretas não tiveram acesso aos mesmos direitos. Muitas dessas autoras indicam que enquanto as mulheres brancas ascendiam socialmente e seguiam lutando por seus direitos, as mulheres pretas estavam cuidando de seus lares e seus filhos, mantendo uma espécie de segregação social por meio do marcador da raça.

O racismo presente nessas relações era adensado por uma perspectiva de não reconhecimento da humanidade das mulheres pretas. Nessa direção é que compactuamos com a reflexão das autoras pretas que sinalizam o fato das questões que envolvem a raça virem antes das questões sobre gênero, afinal, até hoje mulheres pretas não conseguiram ascender socialmente quando comparadas às mulheres brancas. É nessa direção que podemos compreender que há uma distinção entre o Feminismo Branco e o Feminismo Preto. Não se trata apenas de uma questão relativa à nomenclatura, mas da necessidade de se observar como as pautas são muito específicas e diferentes, dada a dimensão social, cultural e política que as mulheres pretas ocupam em todo o mundo.

É lógico que precisamos valorizar o trabalho realizado pelas mulheres brancas, especialmente aquele do início do movimento feminista, haja vista que foi ele que trouxe voz e destaque para as mulheres em uma época que para a política era mais interessante que os homens permanecessem no poder. Contudo, é fundamental reconhecer as inúmeras falhas deste movimento, principalmente quando falamos da ausência de pautas de mulheres não brancas ou da relativização do racismo presente no contexto de suas pautas. Por isso, confesso que eu, enquanto mulher preta, me sinto negligenciada por um grupo de mulheres que deveriam incluir as minhas ancestrais nessa rede de apoio, o que provoca o meu distanciamento do feminismo branco e a minha aproximação, cada vez maior, do feminismo preto, movimento este cujas pautas são pretensamente destinadas para atender a realidade específicas das mulheres pretas.

O feminismo preto se configura como um movimento social com o intuito de colocar em foco as questões de mulheres pretas, garantindo lugar de debate sobre suas pautas políticas e sociais e dando protagonismo para as mesmas mulheres pretas. Nessa direção, algumas pensadoras sobre o universo feminista preto ganharam destaque ao longo dos anos, dentre as quais destaco: Angela Davis (2016), Sourjouner Truth (1851), Patricia Hill Collins (2019), Bell Hooks (2018), Gayatri Spivak (2010), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2023), Conceição Evaristo (2014), Carolina Maria de Jesus (2011), Djamila Ribeiro (2018), Carla Akotirene (2019).

O feminismo preto tornou-se fundamental para a luta das mulheres pretas e, principalmente, para que elas compreendessem o seu lugar de fala. Como apontado por Djamila Ribeiro (2019), a partir do momento em que entendemos quais são os nossos lugares, os nossos direitos e deveres, fica mais fácil reivindicar as pautas específicas de mulheres pretas. Daí a importância de pensar e perceber as coisas do mundo sob uma ótica e referência

preta, pois enquanto povo majoritariamente periférico e proletário, é fundamental compreendermos as questões para que possamos nos posicionar em relação ao que o estado nos coloca, haja vista sermos o seu produto de maior sucesso, afinal querem que nós permaneçamos “*em nossos lugares*”, e sabemos como é difícil sair deles.

Em contrapartida, ao mesmo tempo em que a população negra é produto da política colonialista, escravista e racista, nós somos o seu maior problema, pois somos o resultado estampado de toda a crueldade advinda dos processos raciais que culminaram nessa lógica de produção exploratória de nossas forças de trabalho e saberes. Somos o seu maior problema, porque as pessoas brancas têm medo do que pode um movimento como o feminismo preto causar nas estruturas da sociedade. A este respeito, Djamila Ribeiro (2018) destaca que “Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo” (RIBEIRO, 2018, p.18).

Após iniciar os meus estudos em feminismo preto, comecei a enxergar a luta das minhas ancestrais com outros olhos. Entendi que para que nossa história continuasse viva e para combater os planos do colonizador era preciso resistência, inteligência e atenção. Então comecei a minha jornada em busca das histórias do meu povo, de tudo aquilo que fazia parte da minha identidade e foi embranquecido, e acredito ser uma jornada que não termina jamais.

Quando falo sobre “as histórias do meu povo”, eu estou falando do povo preto como um todo; eu falo sobre as culturas que foram extintas ou as que mesmo com muito sofrimento, conseguiram se manterem vivas até hoje, ter ciência de nossas origens faz diferença no momento de desenvolver e compreender a nossa identidade e a partir daí recuperar a nossa cor em tudo que o branco apagou.

O que o sistema tentou (e ainda tenta), e muitas vezes infelizmente consegue fazer com as nossas histórias, é produzir o desejo pelo embranquecimento. Como diz Jurandir Freire Costa, no prefácio do livro “Tornar-se Negro” de Neusa Santos:

Não é difícil imaginar o ciclo entrópico, a direção mortífera imprimida a este ideal. O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou de não ter sido (FREIRE *apud* SANTOS, 1983 p.05).

Em se tratando das nossas jornadas, entendemos ser necessário conversar sobre o racismo também a partir de uma perspectiva feminista, de como o sistema faz o racismo operar em nossas comunidades, a partir do olhar de quem passa pelas mais variadas

discriminações e a todo tempo pensa em possíveis soluções para mudar a realidade em que vivem. Conversar sobre esses dois assuntos, que não estão isolados um do outro, afinal o racismo opera de diferentes formas em diferentes gêneros e comunidades, é um caminho fundamental para operacionalizar a nossa leitura sobre os dois temas: racismo e feminismo.

Trago a palavra jornada para esse momento para conseguirmos visualizar, como mulheres, os efeitos do racismo durante nosso percurso de vida. Como a raça afeta o gênero e como a classe também opera neste lugar? Como o sistema enxerga a mulher, mas para além disso, como enxergam a mulher preta?

Ângela Davis (2016), fala sobre as participações políticas e sociais das mulheres pretas na época do movimento sufragista no contexto norte-americano, em que as mulheres reivindicavam direito ao voto e o de serem votadas.

[...] Na condição de mulheres que sofriam com a combinação de restrições de sexo, raça e classe, elas tinham um poderoso argumento pelo direito ao voto. Mas o racismo operava de forma tão profunda no interior do movimento sufragista feminino que as portas nunca se abriram de fato às mulheres negras (DAVIS, 2016, p. 149).

Davis (2016) aponta que para nós mulheres pretas os caminhos são cheios de obstáculos. Para conseguirmos avançar nas nossas vidas e carreiras temos que lidar antes com as barreiras do racismo, do gênero e da classe. Podemos ser excelentes mulheres nas funções que ocupamos, mas apesar da nossa competência a avaliação sobre o nosso trabalho não se dá apenas pela observação dos nossos feitos, e sim pela desconfiança relativa à nossa raça, pois estaremos sendo sempre observadas para sermos julgadas no caso de cometermos qualquer falha ou termos algum deslize em nossas ações.

Além de enfrentarmos tamanha complexidade, é necessário estarmos atentos aos processos de sexism, que corresponde ao preconceito com as mulheres, apenas pelo gênero e os estigmas que colocaram sobre as mulheres. O gênero feminino é considerado frágil e incapaz desde que o homem branco trapaceou e chegou ao lugar de poder, infelizmente quando falo sobre esses estigmas, eles são direcionados em especial às mulheres brancas.

No seu livro, Ângela Davis descreve algumas situações de luta pelos direitos de mulheres negras nos EUA, como as conferências em Seneca Falls.

Embora pelo menos um homem negro tenha participado das conferências em Seneca Falls, não havia uma única mulher negra na audiência. Nem os documentos da convenção fazem qualquer referência às mulheres negras. À luz do envolvimento das organizadoras com o abolicionismo, deveria ser perturbador o fato de as mulheres negras serem totalmente desconsideradas. (DAVIS, 2016, p.)

A autora nos escancara – mesmo que no contexto norte-americano – que nós fomos desconsideradas pessoas, especialmente por causa da nossa cor e raça, por todos, inclusive pelas mulheres que iniciaram o movimento feminista; mulheres essas que enfrentavam problemas como serem consideradas o “sexo frágil” enquanto nós trabalhávamos no campo. Então, sim, a raça vem antes do gênero e precisamos mais do que urgentemente aceitar isso para que o movimento feminista siga mais preparado para abarcar diversas pautas, de diversas mulheres.

Da mesma maneira, bell hooks (2000) aponta a ausência da consciência de classe como uma das questões que impedem o desenvolvimento do feminismo. Para a autora, quando mulheres brancas utilizam do seu poder de classe e raça para dominar outras mulheres, é impossível pensar em uma sociedade com direitos iguais. Ela também sinaliza que a sororidade (a irmandade, companheirismo, proteção, empatia e solidariedade entre mulheres) é um caminho fundamental para pensar a consciência de classe.

É possível perceber na construção de pensamento de hooks, que ela expõe os abandonos praticados pelas mulheres brancas em relação às mulheres pretas, mas ainda haveria uma esperança e uma crença na potência da sororidade. Conforme aponta a autora:

Continuamos a produzir o pensamento e a prática antissexista que confirmam a realidade de que mulheres conseguem alcançar a autorrealização e o sucesso sem dominar umas às outras. E temos a sorte de saber, em todos os dias da nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa (hooks, 2000, p. 39).

Em 2018 eu me questionei sobre tal termo, que me dizia se tratar de irmandade, proteção e companheirismo entre mulheres, mas eu só enxergava tais ações acontecendo entre um grupo muito seletivo de mulheres e eu com certeza não estava inserida nele, imagine então mulheres pretas, periféricas, LGBTIAPN+. Não me sentia acolhida pela sororidade, percebia outras como eu, sozinhas e depois de um tempo conheci o termo trazido por Vilma Piedade (2018) tudo fez todo sentido, afinal por quais outros motivos eu me sentiria acolhida, protegida e pertencente a um grupo, se não fosse pelo compartilhamento de dores? São tantas as dores que vivemos e passamos por tudo tão sozinhas, desde sempre, que ter o alívio de falar sobre isso com outras mulheres pretas se torna não só um espaço de acolhimento, mas também uma ferramenta para os avanços do feminismo preto.

Nessa direção, é preciso apontar que ao longo dos anos o movimento feminista de mulheres pretas buscou atualizar as noções de sororidade, dando centralidade às suas questões, para que assim pudessem compartilhar empatia e solidariedade entre si, gerando a

noção de Dororidade. O termo dororidade, como proposto pela escritora Vilma Piedade, traz à tona “[...] as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa dor é Preta” (PIEDADE, 2018, p.18).

Para Vilma Piedade, uma das grandes falhas do movimento feminista foi ter pensado nele como algo único e geral, atingindo apenas as mulheres brancas, com acesso à educação, dentre tantos outros privilégios. Nessa direção, pensar o movimento feminista como excludente, é lembrar que enquanto a mulheres brancas lutavam para ter os mesmos direitos de homens brancos, as mulheres pretas lutavam para a sociedade as reconhecesse como seres passíveis de direito a dignidade.

Nessa direção, Ângela Davis (2016) faz o seguinte apontamento:

Embora tenham colaborado de forma inestimável para a campanha antiescravagista, as mulheres brancas quase nunca conseguiam compreender a complexidade da situação da mulher escrava. As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão – trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência, açoitamentos e estupros – as encorajam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas (DAVIS, 2016, p.39).

Trago essa citação para que consigamos visualizar a distância que nós sempre tivemos umas das outras, especialmente no contexto brasileiro. Tivemos nossas particularidades, mas também estivemos e ainda estamos com inúmeros obstáculos que nos separam de uma possível irmandade e equidade.

Na mesma perspectiva, Zakaria (2021) aponta em sua obra o quanto o feminismo foi e tem sido falho desde o seu início e que, apesar de reconhecer que a luta travada pelo movimento feminista rendeu avanços sociais e políticos para as mulheres, ela foi injusta em relação à luta das mulheres pretas, que encontram muitos obstáculos para obter uma educação de qualidade e conseguir um futuro melhor. Conforme aponta a autora:

Nessa luta, contudo, mulheres brancas tomaram para si o direito de falar por todas as mulheres, ocasionalmente permitindo eu uma mulher de cor fale, mas apenas quando ela consegue fazê-lo no tom e na linguagem da mulher branca, adotando as prioridades, as causas e os argumentos da branquitude. Mas a suposição de que mulheres de cor e mulheres brancas enfrentam as mesmas desvantagens em relação aos homens é falha. Todas as mulheres brancas desfrutam do privilégio racial branco. Mulheres de cor são afetadas não apenas pela desigualdade dos gêneros, como também pela desigualdade racial (ZAKARIA, 2021, p.24).

Diante disso, acredito ser importante transformarmos as nossas relações feministas pretas, para estarmos cada vez mais próximas e tentarmos recuperar o que um dia já tivemos,

uma ideia de comunidade que funciona junta, como estratégia de defesa entre o nosso povo, assim como nossos ancestrais fizeram. Precisamos defender os direitos umas das outras, e precisamos principalmente de nos acolher, em busca de diminuirmos cada vez mais as nossas solidões.

É preciso observar como o racismo opera como um sistema de moer a autoestima preta. Ao longo da minha jornada, por exemplo, foram inúmeras as vezes em que me vi sozinha: quando um colega ria da minha pergunta, fazendo eu me sentir burra; quando riam de mim dançando ou duvidavam da minha capacidade de dançar, fazendo eu maltratar meu corpo e minha mente; quando eu senti dores físicas e emocionais e não tive amparo, afinal era o meu dever ser forte pela cor que tenho, fazendo com que eu me fechasse para receber qualquer tipo de afeto e cuidado; entre tantas outras coisas.

Vilma Piedade (2018) nos leva a observar os caminhos que a colonização seguiu para objetificar e possuir os corpos de todas as mulheres, enfatizando sempre como “a carne mais barata do mercado é a negra”. Nos processos de colonização, uma das estratégias mais eficientes para o colonizador invadir e roubar o Brasil foi o catolicismo, duramente imposto aos negros sequestrados de vários lugares do continente Africano, bem como aos indígenas, povos originários que já viviam nessas terras. Nossas ancestrais foram estupradas, obrigadas a gerar vidas advindas desses estupros, obrigadas a servir homens e às suas famílias em nome de um determinado Deus.

Se durante o processo colonial, como meio de se controlar o povo negro, vimos os nossos ancestrais serem obrigados a se invisibilizar, mudarem suas vestimentas, esconder os seus cabelos, esquecer as suas línguas, verem suas religiões e espiritualidades serem completamente demonizadas, com o avançar do tempo essas formas de controle não deixaram de existir. De um lado, percebemos que esse controle foi extremamente internalizado e enraizado em nosso modo de vida; de outro, vimos surgir outros modos de opressão sobre a existência do povo preto. Se pensarmos no modo de controle dos nossos cabelos, vemos que os homens pretos deveriam deixar seus cabelos cortados ou raspados, “bem baixinho” de modo que não desse para perceber a curvatura e a textura de seus fios; as mulheres deveriam alisar seus cabelos para serem aceitas. Essa mesma mulher, se quiser se vestir de forma mais confortável e descontraída em uma tarde de domingo, por exemplo, diferente de uma mulher branca, ela é lida como suja, desleixada, descuidada, garota de programa ou até mesmo usuária de drogas, principalmente se o seu cabelo crespo ou cacheado estiver solto, se os seus pés estiverem calçados com um chinelo. Se essa mulher for gorda, ela tem um estereótipo e

infelizmente muitas vivem o mesmo, ou como babás, amas de leite ou funcionária doméstica, dizer infelizmente não quer dizer que não acho digno viver de alguma dessas formas, mas foi assim que nossas ancestrais começaram a ser exploradas, e hoje em dia não seria diferente.

Muitas dessas histórias são, infelizmente, comuns para as mulheres pretas, o que faz com que não percebemos (ou quando percebemos já é muito tarde) o quanto somos bonitos, capazes de sermos desejados e amados; o quanto somos inteligentes e competentes nos estudos ou em nossas profissões. Trago à tona o assunto sobre autoestima porque acredito ser urgente nós a tirarmos do lugar da futilidade e banalização, pois a falta de autoestima é um dos grandes fatores para que queiramos cada vez mais “sumir”.

Retomando a questão sobre os estereótipos das mulheres gordas, que foram destinadas a serem domésticas, podemos perceber que as mulheres que vivem nessa condição são, comumente, exploradas e abusadas de muitas formas (social, física, econômica e sexualmente, por exemplo). Muitas delas convivem com a impossibilidade de denúncia, correndo o risco de perder o seu meio de sobrevivência (ou dos seus filhos), e mesmo quando há a denúncia é a palavra de uma mulher preta e pobre contra a de uma família branca e rica.

Se observarmos o contexto brasileiro, temos percebido o quanto o trabalho doméstico, muito peculiar na vida de mulheres negras, pode ser considerado como um trabalho escravo moderno. Conforme dados de 2022, coletados no site da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas:

No Brasil, de 2017 a 2021, 38 trabalhadoras domésticas foram resgatadas de trabalhos escravos. Os dados são do Ministério do Trabalho e Previdência. A maioria das vítimas é formada, especialmente por mulheres negras em situação de vulnerabilidade social. Combater esta prática é um dos principais desafios da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD) e seus sindicatos filiados (site FENATRAD, 2022).

Pensando no contexto local, no ano de 2020 veio à tona o caso da Madalena Gordiano², mulher preta que prestou serviços a uma família por 40 anos, sem remuneração, férias, ou qualquer outro direito trabalhista e que foi resgatada depois de denúncias dos vizinhos. O caso chocou a muitos, mas ele serviu para que as pessoas olhassem mais para a possibilidade de que existissem mais mulheres nessas condições, e foi o que foi comprovado pelo site FENATRAD, que na íntegra descreve outros casos de resgate de mulheres em trabalho escravo nos anos últimos anos.

² Para maiores informações sobre o Caso Madalena Gordiano, que ficou nacionalmente conhecido após repercussão na mídia nacional, sugiro a leitura da matéria de Naiara Gortázar para o site EL PAÍS, no ano de 2021 sobre.

Nos darmos conta de que coisas que os nossos ancestrais lutavam para que acabasse ainda existirem no neste tempo, em pleno século XXI, é frustrante e desesperador. Isso demonstra o quanto o povo branco vem fazendo desde o período colonial para que nós permaneçamos sozinhos, doentes física e psicologicamente. A verdade é que fazem com que apaguemos todos os traços e registros de nossa história, simplesmente pela vontade da nossa extinção, por que mesmo que busquemos o embranquecimento para a suposta aceitação, no fim das contas nós sempre seremos os pretos desonestos.

Nesse sentido, é nítido para mim que além de buscar a dimensão do feminismo preto, em contraponto ao feminismo branco, é fundamental buscar outros caminhos para que a discussão sobre o lugar da mulher preta tenha como perspectiva a nossa realidade social, de mulheres pretas brasileiras, com nossas questões políticas, sociais, culturais e econômicas. É aqui que julgo necessário falarmos sobre o Mulherismo Africana, movimento feminista político que busca trabalhar o entendimento das mulheres pretas sobre elas mesmas em sociedade a partir de um olhar não eurocêntrico. Se faz necessário observar o mundo a partir de novas perspectivas, colocando a mulher preta no centro, deixando de lado o patriarcado para colocar o matriarcado como motor central do Mulherismo Africana.

Clenora Hudson (2020) aponta em sua obra que o feminismo preto foi sendo criado a partir de um modelo do feminismo branco (europeu e estadunidense), mas que este ainda não tinha a perspectiva da realidade das mulheres pretas africanas. Nessa direção, Clenora Hudson (2020) aponta que:

Enquanto as feministas brancas de hoje não são necessariamente hostis às questões mais opressivas que impactam mais a vida das mulheres Africana, quando a maioria delas não são sensíveis à magnitude dessas preocupações. Por exemplo, o movimento feminista não está livre do racismo, já que muitas feministas são culpadas por ele (HUDSON, 2020, p.27).

Assim, podemos afirmar que o Mulherismo Africana fala sobre nós e a partir de nós desde a África. Para entender melhor sobre o termo eu li duas obras: o artigo Mulherismo Africana, de Nah Dove; e o artigo Mulherismo Africana, de Clenora Hudson. As autoras tratam de temas diversos sobre o feminismo, mas a partir de uma perspectiva africana, propondo que o feminismo deveria ser pensado a partir de uma perspectiva afrocentrada ou de um olhar pan-africanista, teoria esta que busca pensar a perspectiva epistêmica a partir das pessoas negras espalhados pelo mundo, sejam elas africanas ou descendentes de africanos das diásporas negras nos seus diversos momentos históricos (e pelos diferentes motivos), como forma de nos conectarmos como a perspectiva e episteme do povo preto.

Além da identificação que tive com esse pensamento, existe uma concepção exposta na obra de Clenora Hudson (2020) que me captura, quando ela aponta sobre o papel da mulher na sociedade Africana (fazendo referência à sua existência como profissional, individual e familiar). Tal concepção me fez compreender que deveríamos lutar pelas questões específicas das mulheres pretas na sociedade brasileira. Colocar a mulher preta em lugar de destaque no contexto brasileiro é reconhecer que essa mesma mulher é a que sustenta a família, os filhos, o companheiro e conhece todos os tipos de preconceitos e exclusões, o primeiro pela raça, o segundo pelo gênero, o terceiro pela classe social em que está condicionada a viver e em todos esses contextos existem diversas camadas e mais problemáticas.

Ao dar protagonismo para a mulher preta nós poderemos avançar enquanto sociedade, e esse protagonismo deve ser em qualquer âmbito que essa mulher preta se identificar, afetivamente, profissionalmente e socialmente. A mulher preta, sendo a mais marginalizada, ainda tem a carga de cuidar de todos à sua volta.

É importante lembrarmos que esses diferentes tipos de atravessamento que as mulheres pretas vivem em suas realidades (raça, gênero, sexualidade, condição social, etc.) são basilares para o entendimento da interseccionalidade, termo desenvolvido por Kimberlé Crenshaw e que no Brasil tomou notoriedade no livro de Carla Akotirene (2019), que faz a seguinte observação:

Não havemos de escapar desta encruzilhada teórica. Nela, como é sabido, muitos se confundiram, seguiram a esmo metodológico o caminho do socorro epistêmico às mulheres negras acidentadas, múltiplas vezes em avenidas identitárias. Daí não ter cabimento exigirem agência política para que se levantem sozinhas depois dos impactos da colonização, nem as tratarem como mãe preta, sobrenatural, matriarca, guerreira, que tudo aguenta e suporta (AKOTIRENE, 2019, p. 17).

Nota-se que a interseccionalidade, como proposto por Akotirene (2019), busca colocar a mulher preta como o centro das intersecções. Nessa direção, os marcadores sociais, como gênero, raça e classe, assim como outros elementos (como as orientações sexuais, as identidades de gênero e as infinitas formas de racismo praticadas contra essa mulher), tornam-se obstáculos ainda maiores, forçando-a a escolher entre continuar e tudo suportar, ou se render e desistir.

A autora comprehende a interseccionalidade como sendo os atravessamentos que as diferentes situações sociais, econômicas e políticas criam na existência das mulheres. Lutar por coisas básicas de sobrevivência é colocar as mulheres pretas em um lugar muito injusto

para o enfrentamento das questões políticas, mesmo quando falamos do feminismo. Nessa direção, busco compreender que a interseccionalidade nos permite compreender que os fatores gênero e raça são fundamentais quando falamos de feminismos pretos, e que a raça é um marcador fundamental para distinguir as relações feministas.

Se pensarmos nessa perspectiva, por qual motivo não falamos das realidades específicas de mulheres que se encontram em outros lugares do mundo, sob outras lógicas culturais e sociais? Nessa perspectiva, Rafia Zakaria (2021) escreve sobre algumas personagens em uma conversa em um bar de vinhos e uma delas era muçulmana, que descreve como é o desconforto da convivência com mulheres brancas.

Contei toda a verdade para mulheres assim antes, e a reação sempre foi a mesma. Há os olhos arregalados, o olhar de seriedade e choque, a mão sobre a boca, os braços jogados ao redor dos meus ombros. Quando termino, há uma compaixão sincera, uma procura feroz em sua mente por alguma história parecida, uma tia, uma amiga, uma conexão com violência. Então, duas coisas podem acontecer. Se eu tiver sorte, alguém faz uma piada ou sugere um brinde e seguimos para o próximo assunto, que ansiosamente começo. O mais comum, quando não tenho sorte, é haver um silêncio desconfortável enquanto todas encaram a mesa ou olham para suas bebidas. Depois pegam bolsa, celular e dão desculpas para irem embora em meio a declarações de “foi ótimo”, “devemos fazer isso mais vezes” e “obrigada por compartilhar sua história”. As palavras têm boas intenções, mas o tom é inconfundível. Não me lembro de já ter ‘feito isso mais vezes’ (ZAKARIA, 2021, p. 18).

Deveríamos pensar, assim como sugere Hudson (2020) ao refletir a partir do Mulherismo Africana, que a ideia central do feminismo preto é garantir que as mulheres pretas sejam protagonistas de suas ações, que elas sejam autoras de suas próprias histórias, que elas tenham os seus direitos garantidos e que sejam capazes de tomar as rédeas de suas próprias ações. A este respeito, a autora diz que adotar essa perspectiva reporta a: “[...] Uma atitude que autoriza a mulher Africana a pensar em si mesma como sua própria historiadora, escritora ou como uma pessoa capaz de articular seus próprios sonhos e medos” (HUDSON, 2020, p. 35).

Ter a ciência dessas questões nos aponta a importância de trazer o olhar feminista preto para questionar e combater o racismo e o sexism em todas as áreas da vida, dentre as quais o universo acadêmico e também o artístico. Entender como o feminismo preto comprehende e opera para combater o racismo e o sexism, bem como suas diversas intersecções, nos ajuda a ampliar a nossa percepção sobre o mundo para que nossos caminhos sejam mais conscientes, apesar de difíceis. É nesse sentido que a proposta desse trabalho é

refletir sobre a perspectiva da arte na relação com o feminismo preto para, então, pensar a minha produção artística e de outras mulheres pretas.

CAPÍTULO II – FEMINISMO PRETO E PERFORMANCE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Neste capítulo proponho uma discussão sobre a relação entre o feminismo preto e a performance, buscando apresentar como a arte pode ser um caminho fundamental para a produção de discursos sobre o feminismo preto e sobre como a performance, enquanto forma de expressão artística, pode ser um instrumento fundamental na produção de novas maneiras de se abordar e tratar as temáticas relativas ao feminismo preto.

Proponho aqui, considerando ainda a adoção de uma linguagem mais didática que permita alcançar o desejo de produzir um texto que seja capaz de aproximar pessoas de diferentes realidades socioculturais dessas temáticas, construir um caminho de reflexão que parta do entendimento da performance enquanto forma de expressão artística, partindo para a busca dos possíveis diálogos da performance com o feminismo preto e iniciando uma reflexão sobre como estes temas podem ser tratados em trabalhos artísticos no campo da performance, partindo da minha experiência artística.

2.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PERFORMANCE

Pretendo aqui abordar a dimensão da Performance no campo das Artes a partir da perspectiva histórica oficial, divulgada e registrada por meio de livros e documentos. É certo que essas informações privilegiam a perspectiva euro-estadunidense sobre a performance e suas relações com o campo artístico, mas também compreendo que a produção artística de performances negras e feministas surgem como contraponto à própria ideia e produção da performance e, por isso, compreendo ser fundamental entender seus sentidos e produções para refletir sobre sua produção na interface com as questões atuais do contexto de mulheres negras.

Nessa direção, podemos compreender que a Performance Art, enquanto expressão do campo artístico, surgiu na Europa e nos Estados Unidos no século XX e teve nos anos 1960 o seu auge. Ela surgiu como um movimento interdisciplinar, caracterizando-se como uma arte que permitiria aos seus produtores colocar em cena questões do cotidiano, questionar ações do dia a dia, conectar o trabalho com o público que o assiste, abordar as condições sociais e humanas e discutir as dimensões políticas da vida, o que possibilitaria aos(as) artistas abordar, entre outras questões, as perspectivas sociais, culturais, raciais, sexuais, identitárias, entre tantas outras.

Neste contexto, uma das principais reflexões propostas pela Performance Art é o entendimento de que ela só acontece no momento em que a ação está sendo executada e/ou

apresentada para o público. Como na performance o público não é apenas um espectador passivo, é fundamental que ele aceite as propostas apresentadas pelo(a) artista, que muitas vezes podem não ser óbvias, para que a performance realmente aconteça.

Para Archer (2001), a performance pode ser capturada pelo público como uma espécie de fotografia ou por descrições de quem a assiste, mas como forma de registro e não como a performance, pois ela acontece ao vivo. A este respeito, podemos observar a abordagem realizada pelo autor sobre a diferença entre uma obra artística a ser observada em um museu e a obra artística resultante da performance:

[...] Elas estavam, dizia ele, “expostas em todos os lugares onde eram vistas; não por algum museu, nem colocadas em nenhuma exposição por algum artista, nem mostradas em nenhum local (rua, metrô, supermercado...)”. A afirmação de Cadere apareceu em Studio ao lado de uma foto dele segurando uma de suas “Barras”. A importância da documentação deste tipo de trabalho é novamente diferente daquela do Conteitualismo ou da Land Art de Long e Smithson. Mesmo quando acontece numa galeria, uma performance só pode existir para todos, com exceção dos poucos presentes como audiência, na forma de fotografia ou relatório (ARCHER, 2011, p. 111).

Podemos compreender, como sinalizado pelo autor, que a performance art acontece desde o momento de sua concepção até o momento de seu compartilhamento, ficando sempre articulada àqueles instantes em que ela se desenvolve a partir das ações do artista e no contato com o público que efetivamente participa da ação, aceitando jogar com a proposta apresentada.

Pensar que a performance acontece desde o momento de sua concepção é refletir que o seu exercício de criação já pode ser compreendido como uma performance art. Essa perspectiva é defendida pela autora Eleonora Fabião (2013), que em seu artigo intitulado “Programa performativo: O corpo em experiência” aborda as questões relativas ao processo criativo que resulta em um trabalho artístico no campo da performance art. Para a autora, a performance tem início em um trabalho desenvolvido pelo artista cuja principal característica é que este pode ser programado, preparado, organizado de maneira a compor um conjunto de ações que orientam a experimentação e que podem vir a ser apresentadas para o público como objeto artístico. É certo que a autora também indica que a performance enquanto arte não acontece da mesma forma, como se fosse algo ensaiado, pois ela se difere do espetáculo de dança e sua imprevisibilidade se dá como condição de seu acontecimento artístico. Como observa a autora:

Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por

ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. “Vou sentar numa poltrona por 3 dias e tentar fazer levitar um frasco de leite de magnésia. No sábado às 17:30 me levantarei”. É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação (FABIÃO, 2013, p. 4).

É preciso lembrar que ao destacar aqui a performance art como ações artísticas realizadas ao vivo e que se estabelece na relação de jogo com o público, ela se manifesta em outros formatos (como no vídeo, na imagem, na intervenção urbana, entre outros) e em outros campos da arte (como nas artes visuais, na música, no teatro, na fotografia, no audiovisual, etc.). Nessa direção, é preciso observar o que cria similaridade entre esses diferentes modos de produção artística que os fazem ser compreendidos como performance art. Para mim, a dimensão central dessa discussão está no entendimento dessa arte como resultante da arte conceitual.

Uma das obras mais representativas da arte conceitual é “Fountain” de Marcel Duchamp (1917). A obra trata-se de um mictório inserido em um museu e colocado para observação como objeto artístico. O seu trabalho causou “estranhamento” do público, pois aquele objeto foi retirado do seu lugar comum e levado para um salão de arte, onde provavelmente jamais estaria inserido. Contudo, o que o artista propôs foi uma reflexão sobre o sentido da arte, buscando borrar a fronteira entre arte e vida e mobilizando o público a produzir diferentes interpretações sobre o que poderia ser arte.

Outro exemplo de performance que nos permite compreender o contexto ampliado da performance arte é Tompkins Square Crawl (1991), do artista visual William Pope. L, que tinha como intenção fazer com que as pessoas olhassem mais para o chão, especialmente no contexto de Nova York – EUA, onde a performance foi realizada. A ação que William desenvolveu foi a de se arrastar pelas ruas de Nova York, contrapondo o movimento natural dos cidadãos de estarem sempre correndo para o trabalho, com o celular na mão, sem prestar atenção no que havia no seu entorno.

O artista se vestia de terno como se estivesse indo trabalhar e tinha uma flor na mão, que o objetivo era protegê-la enquanto se arrastava pelas ruas da cidade. Enquanto uma grande quantidade de pessoas também “vestidas para trabalhar” passavam com pressa por aquelas ruas, elas se deparavam com algo incomum, um homem se arrastando no chão, despertando neles a sensação de movimentação contrária ao que eles passavam todos os dias.

Esses trabalhos dados como exemplos, são só alguns que utilizei para que possamos entender um pouquinho como a performance art se deu no seu surgimento e no

decorrer dos anos. Podemos observar como os artistas usaram dessa arte para expressarem seus incômodos com as nossas relações cotidianas e sociais.

Acredito que também foi possível observar como o programa performativo faz parte do processo criativo de uma performance, é necessário estar dentro e imersa daquilo que se quer compartilhar, para que quando esse momento chegue, o público se sinta à vontade para jogar com as suas ações. Quando o compartilhamento da performance pelo público ocorre após a sua realização e permanece reverberando enquanto força criativa ou como um pensamento/sensação, é como se a performance não tivesse fim. Nesse sentido, ouvir as impressões do público permite ao(à) artista questionar e observar a própria performance por outro olhar, por outro ponto de vista.

Retornando aos efeitos do programa performativo, a sua ideia central está em produzir caminhos/estratégias/elementos que permitam orientar a ação performativa. Para algumas pessoas, o próprio programa já é, em si, uma performance; mas aqui eu buscarei compreender a sua dimensão metodológica, como instrumento que potencializa a realização da ação performativa. Nesse sentido, a produção de um programa performativo requer da artista um entendimento sobre aquilo que deseja abordar em sua obra. É nesse sentido que eu busquei, como dito anteriormente, consumir conteúdos produzidos e protagonizados por pessoas pretas para que eu tivesse maior referencial sobre o tema e pudesse aprofundara as questões que permeavam meus processos criativos.

Acredito, assim, que quanto maior forem as referências sobre o tema que se deseja pesquisar e produzir uma performance, maior será o instrumental na produção de programas performativos. Quando falamos sobre essas questões no universo das temáticas raciais e feministas, precisamos nos atentar ainda a outras dimensões fundamentais, como a interseccionalidade ou as questões coloniais/decoloniais. Dessa forma, a performance não ficará resumida a uma produção de ideia sobre o tema, mas às interlocuções possíveis que possam existir entre a temática escolhida e seus atravessamentos sociais, permitindo que ela alcance e dialogue com mais pessoas.

Agora que já conversamos sobre a Performance, podemos então falar das questões raciais e feministas que podem ser tratadas nessa forma de expressão artística. Para tanto, retomarei alguns elementos sobre o feminismo para ampliarmos a nossa perspectiva sobre a temática e adensar, ainda mais, o nosso discurso.

2.2 FEMINISMO PRETO E PERFORMANCE

No primeiro capítulo dessa dissertação propusemos um mergulho que nos permitisse compreender as dimensões históricas e conceituais sobre o feminismo, bem como os apontamentos necessários para a produção de um feminismo preto como campo político que busca colocar as questões das mulheres negras como tema central do debate. Meu interesse aqui é debater a relação entre esse campo e a performance art e, para isso, pretendo retomar alguns pontos sobre o feminismo preto e a minha relação com essa dimensão política, seja a partir das minhas vivências ou do contato com a vivência de outras artistas.

Para pensar o feminismo preto enquanto dimensão política, tenho me interessado estudar autoras que tragam uma perspectiva afrocentrada (ou afro-orientada) para as discussões, bem como pensar em autoras brasileiras que olhem para as questões da nossa realidade social e não mais a partir de uma perspectiva eurocentrada. Nesse caminho, uma das questões fundamentais tem sido entender como as religiões pretas fazem parte da nossa filosofia: como reconhecemos os nossos lugares de volta ao mundo se conversamos com Deuses brancos?

Historicamente, especialmente em função de todo o contexto escravista e racista com a qual as relações sociais neste país foram construídas, as nossas vivências e as de nossas ancestrais ficaram submetidas ao sistema patriarcal, machista e cristãocêntrico, subjugando todo o povo preto e indígena a uma relação com um Deus branco e ocidental. Nessa relação, se a figura do homem branco era a mais próxima de Deus, a imagem da mulher preta era exatamente o seu oposto, representando, assim, o mais baixo lugar social.

Em contraponto a toda essa ideia patriarcal, masculino e falocêntrico, Dove (1998) sinaliza que o matriarcado surge como uma estrutura importante de reversão do poder masculino, reconhecendo na mulher a dimensão da vida e o centro da organização social, especialmente nas sociedades não brancas (como as sociedades africanas ou as sociedades indígenas). A autora faz a seguinte conceituação deste termo:

O conceito de matriarcado destaca o aspecto da complementaridade na relação feminino-masculino ou a natureza do feminino e masculino em todas as formas de vida, que é entendida como não hierárquica. Tanto a mulher e o homem trabalham juntos em todas as áreas de organização social. A mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, quem é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura, e o centro da organização social (DOVE, 1998, p.8).

Vilma Piedade (2018) nos conta outro ponto de vista sobre o lugar do matriarcado, especialmente no contexto social do Brasil. Para a autora, o matriarcado é um lugar fundante do poder feminino, colocando a mulher no centro de referência do mundo. Nessa direção, ela atribui essa dimensão na relação íntima com as religiões e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, destacando-se o candomblé. A este respeito a autora faz as seguintes ponderações:

Na nossa Tradição, sem o Poder Feminino, sem o princípio da criação, nada acontece, nada nasce. Por isso que o Matriarcado é fundante no candomblé no Brasil. Sem a mulher, sem esse princípio feminino da criação, não existe vida, por isso a mulher deve ser reverenciada! (PIEDEADE, 2018, p. 32).

Assim como na dança ritual de Oiá-Iansã o axé se espalha, que possamos, a partir dos mitos da nossa Tradição, abandonar a visão eurocêntrica do feminismo, aproveitar o que nessa teoria fortalece a nossa luta, contudo, sem perder de vista as estratégias de luta que podemos utilizar no nosso Feminismo Preto (PIEDEADE, 2018, p. 33).

Mas para uma mulher preta, sempre há o contraponto. Ao mesmo tempo em que resgatar sua história, sua ancestralidade, seus costumes e seus deuses, é preciso ser esperta, forte e preparada para enfrentar os racismos que se encontram em cada um desses resgates, seja ele linguístico, profissional, cultural ou religioso. Nessa direção, retomar aspectos históricos, como o discurso da Soujourner Truth – uma mulher ex-escravizada – na convenção de mulheres em Akron, Ohio, no ano de 1851, é uma maneira de recontar a história do feminismo e entender suas perspectivas múltiplas. Nesse discurso, ela já dizia:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu parti 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (RIBEIRO, 2018, pg13).

É nesse caminho que, por exemplo, o Mulherismo Africana e seus conceitos surgem como uma perspectiva que desloca o pensamento das mulheres negras de realidades diáspóricas e apresenta outras perspectivas, mais ligadas às realidades africanas. Isso amplia a nossa possibilidade de discussão das realidades das lutas feministas, considerando

especialmente os lugares de suas produções e suas diferentes realidades. Entretanto, é preciso compreender que essas questões históricas sobre a raça, racismo e gênero fazem parte de um contexto político-social muito complexo. Os movimentos sociais que tratam dos temas sobre raça e feminismo se modificam rapidamente (assim como toda a sociedade, ainda mais em tempos de avanços cibernéticos), seguindo as diretrizes do mundo moderno. Como as evoluções em relação a essas discussões são rápidas, a todo tempo surgem novos termos, novas pensadoras e pesquisadoras, novos temas, novas abordagens.

A performance artística é, para mim, uma maneira de conversar com as pessoas sobre essas temáticas e, de forma poética, falar do que dói, não só em mim, mas em todas mulheres pretas. Para tanto, busco compreender como bell hooks, no texto “O feminismo é para todo mundo” (2018), fala sobre se comunicar facilmente com aqueles que não se interessariam em ler e aprender sobre o feminismo. Entendo que especialmente para essas pessoas a performance pode ser um instrumento de aprendizagem sobre esses temas, sem mascarar o discurso político necessário para sua compreensão.

Acredito que parte desse processo de percepção da performance como espaço de discussão das questões negras se consolida apenas se ela se organizar essencialmente no contexto coletivo. Assim, é preciso formar um senso de dororidade e senso de coletivo que nos permita buscar conexões em rede de mulheres pretas. Contudo, tudo o que fiz para me cercar de pretas e pretos, para os meus convívios sociais e mesmo sozinha, refletiu em como eu comecei a fazer da arte esse espaço de concepção política e discurso sobre as questões feministas pretas. Percebi, ao longo deste tempo, o quanto somos e nos acostumamos a estar sozinhas. Observei artistas colocarem suas questões em cena, me identifiquei em algumas questões, mas principalmente em um ponto comum: mesmo que nos encontremos no caminho, que coloquemos um pouco de nós nas nossas produções artísticas, sendo performance ou outras formas de expressões artísticas, nós estamos sozinhas.

Acredito que poder falar a partir de uma perspectiva feminista preta e artística traz uma nova visão, uma nova perspectiva, sobre as dimensões político-sociais que formaram a nossa sociedade, nos permitindo questionar as estruturas que ainda sustentam as suas desigualdades, como o racismo, o machismo, a LGBQIA+fobia, entre outras. É nessa direção que proponho pesar o feminismo preto como uma estratégia política de enfrentamento que se torna capaz de modificar as estruturas sociais. A este respeito, em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, Djamila Ribeiro (2018) diz: “Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão, que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós,

mulheres negras, seguimos sendo alvos de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo" (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Nos últimos tempos, muitas artistas buscaram no feminismo preto e nas suas diversas formas de expressão elementos para a construção de discursos políticos que pudessem ser expressos em trabalhos artísticos em diferentes linguagens; e dentre elas a performance tem se apresentado como uma das principais formas de expressão artística para tratar de temas tão singulares e, ao mesmo tempo, político-sociais, de modo que converse, a partir da arte, com inúmeras mulheres pretas que se reconhecem na mesma situação, especialmente em relação a como o racismo e o machismo nos levam todos os dias a termos que enfrentar o abandono, a solidão, a ausência, o temor, e a negarmos a nossa cor, nosso corpo, nosso cabelo, nossas histórias.

Duas artistas foram grandes referências para o meu entendimento da performance neste campo: Priscila Rezende e Musa Mattiuzzi. Dois trabalhos foram fundamentais para que compreender essa relação entre a performance e o feminismo: *Bombril* (2010), de Priscila Rezende, e *Merci Beacoup Blanco* (2013), de Musa Mattiuzzi.

Conforme apresentado pela própria artista:

Na performance *Bombril*, realizada originalmente no ano de 2010, por um período de aproximadamente 1 hora, a artista esfrega uma determinada quantidade de objetos de material metálico, e usualmente de origem doméstica, com seus próprios cabelos. *Bombril*, além de uma conhecida marca de produtos para limpeza e de uso doméstico, faz parte de uma extensa lista de apelidos pejorativos, utilizados em nossa sociedade para se referir à uma característica do indivíduo negro, o cabelo (REZENDE, 2018, s/n).



Imagen 1: Performance Bombril de Priscila Rezende
 Fonte: <http://priscilarezendeart.com/projects/bombril-2010/>

Quando vi a performance Bombril de Priscila Rezende me dei conta da dimensão poética de sua obra por me conectar com a história que ela estava contando em cena e por encontrar identificação com os processos de racismo que sofre a pessoa preta com o seu cabelo cacheado ou crespo, tema central que a mesma conta durante a sua ação performativa. Desde então, este trabalho tem sido uma referência fundamental sobre como tratar as questões pretas na performance.

Acredito que com essa performance Priscila Rezende não captura somente a mim, afinal a experiência relativa ao cabelo crespo é algo que acompanha a maior parte das pessoas pretas mundo afora (especialmente as mulheres), sendo que este foi um dos principais instrumentos de subjugação racial ao longo dos anos. É certo que muitas meninas que maltrataram seus cabelos e a si mesmas só fazem isso em função de não serem mais ridicularizadas e comparadas a uma palha de aço, utilizada para lavar louça suja.

Já Musa Mattiuzzi, conheci através do Prof. Dr. Alexandre José Molina em uma disciplina do Curso de Graduação em Dança intitulada Dramaturgia do Corpo I: Gramáticas Corporais. O professor apresentou uma série de trabalhos artísticos no campo da performance e o seu trabalho estava entre as referências indicadas ao longo da disciplina. Ao assistir à obra, fiquei fascinada pela força e imponência que tinha a sua performance, especialmente no

que se refere aos processos de embranquecimento a qual as pessoas pretas são sistematicamente expostas.

Sobre a performance de Musa Mattiuzzi, podemos observar a seguinte ponderação elaborada pela própria artista:

A performance consiste na ação de pintar o corpo preto com tinta branca. A nomeação do processo com uma expressão de saudação, propõe uma reflexão direta sobre a linguagem formal como uma ferramenta racista: "merci beaucoup, blanc!" tem origem latina e, na França, é usada para designar gratidão. Além disso, a criação de uma inflexão na palavra "blanc" (que significa branco em francês) com a adição da letra "o", instaura uma aproximação com a pronúncia portuguesa da palavra branco. A relação que a performance cria entre a ação e a linguagem afirma uma estratégia poética de elaboração das lutas políticas negras na vida cotidiana de comunidades racializadas. Essa pesquisa artística cria experiências estéticas que se movem através da ficção, da fotografia, do cinema e da ação ao vivo (MATTIUZZI, 2013, s/n).

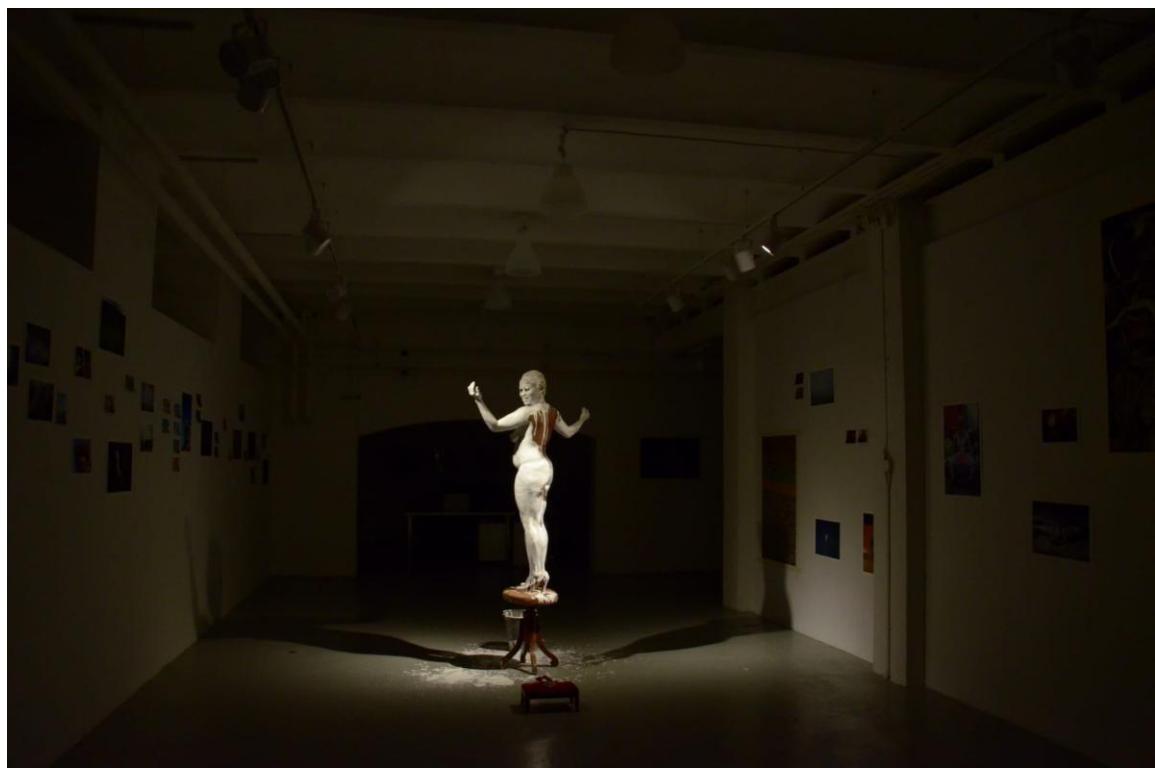


Imagen 2: Performance Merci Beacoup, Blanco! de Musa Mattiuzzi
Fonte: <https://www.studiomusa.art/performance/merci-beaucoup-blanc/>

Essas artistas e seus trabalhos foram fundamentais para o início dos meus estudos, ainda no Curso de Graduação em Dança, sobre a relação entre a performance e o feminismo preto. Foi a partir da experiência estética dessas duas obras que eu tive o interesse de buscar compreender e pesquisar a performance negra e as possíveis relações com as questões feministas negras. Ver a maneira como essas artistas expuseram seus corpos, seus traumas,

suas dores, suas questões raciais, e como elas conseguiram traduzir essas questões em trabalhos artísticos com poéticas e estéticas muito específicas foi uma espécie de portal para que eu me lançasse a essas pesquisas, seja no campo da criação ou na perspectiva acadêmica. Nessa direção, busquei sintetizar isso em meu Trabalho de Conclusão de Curso da seguinte maneira:

Observar como elas traduziram tantas questões que nos atingem enquanto mulheres pretas e brasileiras me despertou interesse por poder fazer o mesmo e por entender como se dava a escuta do público para essas questões. Nas suas performances também pude compreender aspectos da relação entre arte, corpo e política que não fui capaz de apreender quando eu lia meus textos nos intervalos na escola, especialmente como se dava a interação com o público. Essas artistas e os seus trabalhos me fizeram sentir-me capaz de poder falar de qualquer coisa por meio do meu corpo (SANTOS, 2021, p. 29).

Nesse momento percebo que o feminismo preto permeia todos os meus trabalhos em dança desde a minha chegada na jornada universitária. Assim, meus trabalhos acadêmicos também se orientam sobre como essas referências de mulheres pretas, seja no campo do pensamento sobre o feminismo ou no campo da arte, fizeram e fazem uma diferença enorme no meu fazer artístico enquanto mulher preta performer.

Ter escolhido a dança como companheira da minha jornada, da infância até o momento em que a escolhi como minha profissão foi o ponto principal para que eu visse as minhas vivências enquanto mulher preta com outros olhos e passasse a buscar tratar dessas temáticas em meus trabalhos. Assim, me dedicarei na próxima etapa deste capítulo a pensar sobre como essas temáticas podem ser tratadas neste campo de atuação.

2.3 TEMAS EM PERFORMANCE E FEMINISMO PRETO

Início esta parte do trabalho retomando duas questões já ditas neste trabalho: a primeira é que a vivência pessoal é o ponto de partida principal para se pensar a produção de uma performance cujo trabalho final relate arte e vida; a segunda é que uma performance somente consegue alcançar outras pessoas quando a artista consegue promover um trabalho que saia de suas questões pessoais e alcance as demais pessoas em suas dimensões mais profundas, tornando a arte um espaço de reconhecimento social.

Nesse sentido, são muitas as questões que merecem ser vistas através da performance, algumas podem atingir o público de forma muito íntima (por consequência da maneira como o tema toca a pessoa) e outras que podem provocar formas de expressão menos íntimas (como quando fazem refletir ou provocam outras sensações). Quando falamos sobre

as questões de mulheres pretas, a maneira como cada tema é tratado e a sua forma de abordagem podem gerar diferentes tipos de interação com o público e, apesar da artista não poder controlar como vai ser essa recepção, ela pode conduzir o seu trabalho para provocar este público àquilo que ela deseja.

Dentre as várias e possíveis formas de produção de performances, vou apresentar aqui duas, sendo as que mais eu mais tenho utilizado na produção dos meus trabalhos: as performances que são criadas a partir de estudos (acadêmicos ou não); e as performances que são criadas a partir das experiências de vida. Quando me refiro a estudos (acadêmicos ou não), não estou dizendo que essa forma de produção não pode utilizar a experiência pessoal; de outra maneira, quando falo da experiência não significa que ela não está baseada em estudos. Faço essa separação apenas a título de tornar mais didática essa explicação.

Nos trabalhos onde a criação se dá por meio de estudos, os temas normalmente são oriundos de algumas referências bibliográficas (acadêmicas ou não). Nos meus trabalhos, por exemplo, busquei tratar de referências que li durante a minha passagem pelo Curso de Graduação em Dança, como Angela Davis, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Chimamanda Ngozi, e os que chegaram mais tarde no mestrado, como Rafia Zakaria, Bell Hooks, Frantz Fanon, Nah Dove, Clenora Hudson, entre outras referências.

Essas referências não foram apenas parte da fundamentação da minha pesquisa para criação artística, mas fonte fundamental para o meu letramento racial. Aqui está um tema fundamental quando falamos sobre performances negras: a tomada de consciência de si como uma pessoa preta e os desafios que as pessoas pretas, no Brasil ou em qualquer outra realidade social mundo afora, possui em sua trajetória. Esse tema é recorrente em trabalho que buscam tratar das dimensões políticas sobre ser negra no mundo, sobre os modos de sobrevivência às adversidades sociais, sobre as formas de enfrentamento do racismo estrutural e sobre as estratégias para encontrar sentido para a própria existência.

Das diferentes formas de se tratar a tomada de consciência, buscar desenvolver processos que abordem a temática do letramento racial é ponto fundamental de quem busca desenvolver trabalhos artísticos neste campo. É importante salientar que mantermos vivas as informações sobre as questões político-sociais do racismo, sobre os direitos das pessoas pretas, sobre as formas coletivas de nos armar, são formas de tratar a temática do letramento racial por meio de estudos teórico-práticos.

Da mesma maneira, a tomada de consciência também pode ser um tema que surge da nossa experiência prática no mundo. A partir do momento em que tomamos consciência das violências que sofremos na nossa infância, adolescência e a que continuamos a sofrer na vida adulta, conseguimos enxergar maneiras de nos curarmos e de principalmente não cairmos mais nas armadilhas preparadas para nós.

Passar por esse processo, não necessariamente quer dizer que passaremos por todas as situações racistas de maneira consciente e sem possíveis dores e traumas posteriores; isso quer dizer que temos as nossas formas de sobrevivência apesar de tudo. Nessa direção, tomar consciência sobre como o racismo passou por nós é uma das maneiras para desvendarmos as estratégias de enfrentamento ao racismo.

Em minha experiência de vida, por exemplo, ao mesmo tempo em que tudo cooperava para que eu me sentisse insuficiente em tudo, eu precisava encontrar maneiras de me provar ser melhor, pois se eu não conseguisse era como se eu perdesse essa batalha. Então, a minha estratégia foi tentar ser a melhor aluna da escola, a melhor filha (nunca dei trabalho para os meus pais). Contudo, para me adaptar à realidade e passar despercebida, alisei meu cabelo para pertencer ao espaço escolar, me embranqueci de todos os jeitos possíveis para que pudessem conversar comigo.

Somente com a tomada de consciência e com o letramento racial que eu pude reconhecer essas feridas deixadas em mim pelo racismo. O maior desafio é entender como isso é parte de nós e de nossa construção no mundo, mas, ao mesmo tempo, entender como falar diretamente sobre esses temas em nossos trabalhos e sobre como abordá-los em nossas ações. Nesse sentido, é quase impossível separar a nossa vida da nossa arte, como podemos observar na fala de Lucimélia Romão³, uma das artistas entrevistadas nessa pesquisa.

Para ela, a consciência racial veio a partir do seu ingresso na Universidade, a partir disso é importante destacar que, pessoas pretas quando entram no espaço acadêmico se deparam com ferramentas de se instruírem racialmente, sejam elas teóricas, práticas ou de convivência, contudo se deparam também com um ambiente violento e injusto com os corpos negros, tanto no que diz respeito ao intelecto, quanto no quesito moradia e mobilidade do povo preto.

Quando Lucimélia Romão compartilha conosco suas referências para criar seus trabalhos artísticos (mesmo que não seja exatamente no campo da performance), ela nos conta

³ Lucimélia Romão, nascida no ano de 1988, é dramaturga, artista visual e performer, possui diversas formações, mas foi graduando em Teatro pela Universidade Federal de São João Del Rei – MG, que a mesma pesquisou teatro e performance negra.

que o processo de se constituir o letramento racial e se entender enquanto artista aconteceram juntos, então suas referências artísticas a ampararam no quesito racial e vice-versa. Algumas dessas pessoas que a artista teve como “companhia” também se fizeram presentes na minha formação, como Conceição Evaristo (2014), Silvio Almeida (2019) e Abdias do Nascimento (1980).

Já em relação aos estudos feministas, a artista diz que teve pouco contato, pois o que mais a afetava cotidianamente era a raça e só mais tarde sentiu o peso de ser mulher. O que Lucimélia Romão sentiu não se difere de muitas de nós, e é justamente isso que Ângela Davis (2016) traz em seu livro “Mulheres, raça e classe”, que a mulher negra antes de ser vista e considerada como mulher, ela deve passar pelo julgamento de raça. Em minha experiência, quando eu ainda pequena fui chamada de macaca e impedida de falar em sala de aula, estava primeiro sendo excluída por ser negra, mas mais tarde senti os efeitos de ser mulher e negra.

Lucimélia Romão também nos fala sobre como o racismo a atingiu ainda na infância e que sobre ser muito comum a falta de consciência de crianças sobre o fato de estarem sofrendo racismo. Contudo, ela aponta que hoje entende os efeitos do racismo em sua vida, especialmente em suas diversas ações na busca de um embranquecimento para que se sentisse adequada àquilo que a sociedade esperava dela.

Acredito que nós, crianças pretas, passamos pelo processo do embranquecimento como uma alternativa de sobreviver aos racismos sofridos em vários contextos sociais. É comum ouvirmos histórias sobre alisar os cabelos; cortar o cabelo crespo para que ele não cresça; mudar os modos de falar, de agir e até de pensar sobre nós mesmos. Também é comum não sermos ensinados sobre as nossas histórias, não lembramos e nem nos orgulhamos das nossas origens e ancestralidades. Existe, nisso tudo, uma tentativa de apagarmos qualquer traço negro da nossa história, da nossa imagem, para que possamos diminuir os efeitos do racismo em nossas vidas.

O meu processo de embranquecimento começou com os efeitos do racismo em meu psicológico, que me fizeram crer que se eu alisasse o meu cabelo estaria mais próxima da menina branca da escola e, assim, que eu poderia pelo menos existir naquele ambiente sem sofrer com os diversos apelidos ou adjetivos pejorativos por causa da minha cor e das minhas características físicas. Mais tarde, já na adolescência, eu passava base branca no rosto, tentava a todo custo diminuir a minha boca e falava cada vez menos dentro de uma sala de aula para evitar ser exposta no ambiente escolar.

Esse processo de embranquecimento que vivi também reflete o que muitas mulheres pretas passam na vida. E quando esses processos são associados ao apagamento das nossas memórias, há um conjunto de forças que fazem com que nos esqueçamos da nossa importância, da nossa herança cultural, das nossas lutas e resistências, das pessoas que construíram caminhos para nossa existência e dignidade, da nossa produção de conhecimento, de nossos saberes.

O racismo que vivi fez com que a minha voz se calasse, afinal eu deveria “me colocar no meu lugar” uma vez que ninguém queria ouvir uma criança preta falar na escola. Por isso alisei o meu cabelo, pois ele era visto como sujo e estereotipado como cabelo de gente desarrumada, indesejável. E isso afetou diretamente a minha autoestima; e não digo puramente sobre o cabelo, de forma banalizada, quando disseram que o meu cabelo era ruim e que fedia, digo isso sobre como todos aqueles adjetivos pejorativos me causavam sensações terríveis de ausência de amor, de não pertencimento ao mundo e de uma vontade de não mais existir.

Tudo o que fazemos para nos embranquecer ocorre porque vamos perdendo a nossa autoestima e autoamor e passamos a encontrar na branquitude uma necessidade inconsciente de conseguir existir em meio àqueles que importam para o estado. Existe uma vontade de ser visto e de ser lembrado, ironicamente ou não, pois para que sejamos aceitos é preciso que de qualquer forma, nesse processo de socialização, parte de nossas identidades pretas se percam.

Isso me faz recordar o quadro “A Redenção de Cam” de Modesto Brocos (1852-1936), onde a imagem conta como uma mulher negra de pele retinta agradece “aos céus” o fato do seu neto nascer uma criança branca.

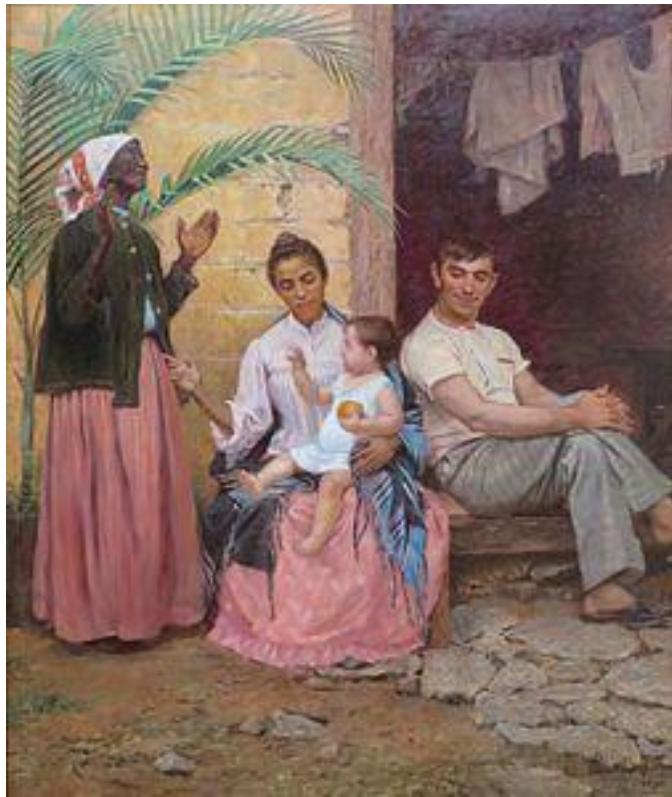


Imagen 3: Quadro "A Redenção de Cam" - Modesto Brocos, 1895.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Reden%C3%A7%C3%A3o_de_Cam

Todas essas ações de embranquecimento também afetam a nossa percepção sobre nossa capacidade de produção. Por isso que o percurso para chegarmos a algum lugar consiste em um trajeto sinuoso, com reiteradas ações autossabotagem e muitas dúvidas, sem a certeza de que somos competentes e capazes de desenvolver qualquer função naquilo que escolhemos como profissão ou como atividade em nossas vidas. Isso afeta nossa trajetória em busca de uma “vida normal”, seja estudar, trabalhar, ter uma relação afetiva, construir uma família, caso seja da nossa escolha.

Os efeitos do racismo e o embranquecimento afetam sobremaneira a nossa capacidade de criar e, em muitos casos, precisamos desbloquear esses efeitos para conseguirmos executar alguma tarefa, seja ela a mais simples ou a mais complexa possível. No meu caso, por exemplo, antes de realizar uma criação artística ou coreografar algum trabalho em dança eu tenho levo um tempo para desbloquear a minha mente da sabotagem e comparação com trabalhos de pessoas brancas, para que, assim, eu possa criar o meu trabalho, com o mínimo de confiança em minha capacidade criativa. O mesmo acontece com as escritas e performances que já foram realizadas por mim ao longo dos últimos anos.

Nessa direção, pensar o embranquecimento como tema de trabalho é uma maneira de entender que a relação com o enegrecimento também é um doloroso processo de

reconhecimento de como o racismo nos afetou ao longo da nossa existência, bem como de tentar compreender como ele ainda nos afeta nos dias de hoje. Partir das nossas experiências é um caminho fundamental para que a criação seja capaz de delinear a nossa perspectiva e a nossa história no contexto do racismo.

Outra questão que a fala de Lucimélia Romão me fez lembrar foi sobre o processo de relações afetivas que permeiam a vida das mulheres pretas. Esse tema aparece de forma consistente nas entrevistas que Neusa Santos realizou e publicou em sua obra *Tornar-se Negro* (2000). Luísa, uma dessas entrevistadas, destacava a sua relação com a avó a respeito do assunto relação afetiva e casamento:

Minha avó... dizia que crioulo, sobretudo o negro, não prestava. 'Se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo; se vier um negro correr, é ladrão. Tem que casar com um branco para limpar o útero' (SANTOS, 2000, p.62).

A ideia de que se nos casarmos com homens ou mulheres brancas, estaremos fazendo um favor, quase que um ato heroico de limpar a raça negra do mundo, está impregnada em nós desde que nossas ancestrais foram estupradas, abandonadas gerando filhos de seus senhores e quando nosso povo foi jogado no mundo, sem ter para onde voltar, sem suas famílias e suas identidades individuais e culturais, no que diz dos costumes de um povo. É nesse sentido que Ângela Davis (2016, p. 36) faz a seguinte observação:

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituído durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros.

Nós nos perdemos, não nos enxergamos mais como pessoas capazes de amar e sermos amadas, de ter um corpo desejado e de formar uma família com os semelhantes a nós. Se construirmos uma família com um parceiro ou parceira branco(a), é o mesmo que conseguir um passe para viver "em paz", é assim que deixamos os brancos tranquilos em saber que aquele preto já tem um dono, que já tem alguém que controla e detém o poder sobre aquele corpo.

Todas essas questões podem ser tratadas como tema de trabalhos artísticos (e no próximo capítulo falarei sobre a solidão da mulher negra), especialmente se pensarmos nos efeitos que essas questões têm em nossos inconscientes. Digo no plural por saber que ainda existem muitos irmãos e irmãs que precisam se libertar desse fardo de procurar um parceiro

branco, ou se culpar por amar uma pessoa semelhante a nós. Essa ação, que é falada por Lucimélia Romão como algo que já a atravessada desde a infância e adolescência, permanece sendo elemento fundamental na concepção da nossa existência enquanto mulheres pretas.

Falar sobre essas feridas, seja por meio de estudos ou práticas, é um desafio gigante para nós, mulheres artistas pretas. Mas ao mesmo tempo, quando observamos como esses elementos são parte de nós, da nossa existência no mundo, passamos a entender que não tem como fugir desses temas em nossos trabalhos, especialmente se nos interessarmos por produzir algo que relate ou reflita arte-vida. Mesmo que escolhemos não falar diretamente sobre o racismo ou sobre os feminismos, esses dois temas estão em nossas vidas e é quase impossível separar a nossa vida da nossa arte.

Assim, acredito que nós, mulheres pretas acadêmicas, que conseguimos chegar nesse lugar – que não quer dizer que seja um lugar melhor do que qualquer outro, só quer dizer que, trabalhamos com a ciência e o pensamento crítico acerca dos modos de funcionamento da nossa sociedade racista – temos o dever de levar essa consciência preta para todas as pessoas que se encontram fora da academia, principalmente as mulheres. É por isso que no próximo capítulo quero me atentar a como podemos abordar a temática da solidão da mulher negra em nossos trabalhos artísticos partindo da minha experiência criativa em diálogo com outras artistas que são mulheres pretas.

CAPÍTULO III – A PRODUÇÃO ARTÍSTICA A PARTIR DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: FEMINISMO PRETO EM PERFORMANCE

No mês de outubro de 2022, durante o meu primeiro ano no curso de Mestrado em Artes Cênicas, eu participei do Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA apresentando a minha proposta de pesquisa. Antes de chegar ao evento, algo sobre a pesquisa me deixava inquieta, que é o fato de utilizar a performance arte como campo de atuação artística para falar sobre as questões do feminismo preto

A minha preocupação girava em torno de duas questões: a primeira o fato de muitas vezes condicionar a performance no campo do feminismo a trabalho exclusivamente de mulheres brancas, como o caso de Marina Abramovic; a segunda era a possibilidade de limitar a pesquisa a apenas um modo de produção artística, o que poderia impedir que outras mulheres pretas que realizam trabalhos artísticos em diferentes áreas da dança participassem ativamente do diálogo com o meu trabalho.

Durante o evento conversei com alguns colegas que pesquisam performance e me foi compartilhado que também estava enfrentando a questão de utilizar o termo performance art no texto, pois nos limita a um só tipo de se fazer performance e geralmente leva as pessoas a pensarem na performance de Marina Abramovic e não é sobre isso a minha performance e pode não ser o de outras mulheres também.

Foi no Congresso da ANDA que percebi que não precisava limitar o meu diálogo ao campo da performance e que buscar a contribuição de artistas de outras áreas não impediriam que eu continuasse a analisar os meus trabalhos a partir da performance arte. Assim sendo, neste encontro construí diálogos e criei pontes entre o meu trabalho e o de outros(as) pesquisadores(as) pretos(as), dando novos contornos no processo de elaboração

dessa dissertação. Percebi durante o processo de contato com as artistas Lucimélia Romão e Ana Gori que a troca de ideias e o contato com outras mulheres pretas artistas poderia ampliar a minha discussão, especialmente no contexto da relação entre arte e as questões raciais e de gênero, com foco na experiência de mulheres negras. Também foi neste momento que busquei o contato com mulheres da performance que tem o olhar do teatro, mulheres que tem o olhar a partir das artes visuais, e mulheres que estão falando de resgate cultural, colocando em prática a amefricanidade de Lélia Gonzalez em suas produções, como as mulheres do tap (sapateado).

Ao realizar as entrevistas com mulheres pretas da dança, passei a conhecer melhor o trabalho dessas artistas bem como consegui compreender os encontros e desencontros que mulheres pretas encontram na produção de seus trabalhos artísticos. Também foi possível ver

como as temáticas negras e feministas eram utilizadas em seus trabalhos, ampliando as minhas referências sobre os modos de produção de trabalhos artísticos que compartilham as mesmas questões que eu.

É evidente que ao ter acesso a outros trabalhos artísticos de mulheres pretas que estão falando sobre suas questões raciais e não necessariamente a respeito de suas solidões (tema este que é o meu foco de trabalho), tive que buscar selecionar elementos que me permitissem compreender e interligar as questões que envolvem o meu próprio trabalho no campo da performance e na cena da dança preta. Ainda que a maioria das mulheres entrevistadas ou observadas não trabalha diretamente com o tema das minhas pesquisas artísticas, é possível observar que temas como o abandono, a solidão que afixa as mulheres pretas, o racismo estrutural lançado contra corpos e mentes, estavam de alguma maneira presentes nas cenas e nos discursos.

A aplicação dos questionários se deu de maneira virtual, enviando o material construído para essa pesquisa⁴ por meio de e-mail e recebendo as respostas pelo mesmo meio de comunicação. Destaco aqui as palavras que mais me marcaram nas respostas das artistas entrevistadas e que se relacionam com as minhas experiências pessoais: *doloroso, consciência, racismo, potência artística, feminicídio, genocídio, misoginia, sangue, morena, mulata, identidade racial, ascensão social, cabelo crespo, falta, excelência, protagonismo preto, cultura negra, tap preto, menos dor, liberdade, letramento racial, violência, adotada, criar é gritar, desumanização, África, ancestrais, sistemas brancos, políticas*.

As respostas das artistas me levaram a pensar no meu tema de criação artística: a solidão da mulher preta. Em suas respostas é possível notar que a ausência de possibilidades de amarmos e sermos amadas torna-se uma pauta geral para todas nós. Aquele amor romântico propagado para as crianças (e muitas vezes destinado apenas a mulheres brancas) nos são sumariamente negados, como por exemplo: Vamos nos casar? Devemos nos casar com parceiros brancos? Quem vai nos amar? O que devemos aceitar para que não fiquemos sozinhas? Temos consciência do que estamos aceitando?

Como dito no capítulo anterior, acredito que a autoestima que nos foi roubada e nos falta é parte fundamental para nos auxiliar durante esses questionamentos. Mas como refletir sobre esses assuntos se o que nos falta é, muitas vezes, essa autoestima? Nessa direção, a tomada de consciência sobre o racismo, assim como letramento racial, são partes fundamentais para a nossa transformação social e o enfrentamento dessas questões.

⁴ Ver o questionário nos anexos dessa dissertação.

Nesse sentido, buscar abordar a solidão da mulher negra não é tratar apenas da falta do amor romântico em nossas vidas, mas questionar como o racismo estrutural nos impede de alcançar relações afetivas que possam ser suporte para a nossa luta contra o próprio sistema racista impregnado na sociedade. De outra sorte, como promover o reconhecimento da solidão (especialmente da mulher negra) para que sejamos capazes de produzir outras estratégias de enfrentamento ao racismo, seja em ambientes como a escola ou o trabalho, seja nos espaços sociais que ocupamos e que precisamos sempre confrontar os diversos estereótipos e preconceitos que recebemos pelas nossas características fenotípicas.

A conscientização e o letramento racial, que apesar de essencial para vivermos uma vida melhor é um processo doloroso e muitas vezes solitário, é o que nos permite construir estratégias (coletivas ou individuais) para tratarmos esses temas em nossas práticas artísticas. É certo que, assim como disse Ana Gori durante a entrevista, que esse processo é triste, mas também é uma etapa importante para encontrarmos novos rumos, novos caminhos, para a nossa existência.

Eu, particularmente, quando passei a reconhecer os processos de racismo que sofri ao longo da minha vida foi que percebi os momentos em que estava sozinha, negada, deixada de lado e descartada. Ou seja, a solidão que tanto menciono aqui só foi compreendida por mim a partir do momento em que eu me coloquei em um processo de estudo, de tomada de consciência e de letramento racial.

Observar o fazer artístico dessas mulheres me faz entender que todas, em seus respectivos contextos sociais, raciais e de gênero, encontram obstáculos para a produção de seus trabalhos que vão muito além das questões técnicas e estéticas. Muitas vezes o processo de produção também sofre alguns desencontros na relação com as questões raciais que as atravessam, assim como ocorreu comigo. Como artistas, a busca por encontrar caminhos poéticos e estéticos para a solução artística (seja na performance, na dança, nas artes visuais, no tap ou no teatro) também ressoa na busca pelos trajetos políticos, fazendo com que a produção de trabalhos nesse caminho sejam reflexo de suas vidas.

Diante do exposto, proponho neste capítulo final fazer uma imersão sobre a minha história e sobre a criação da performance Batom, buscando condensar as questões sobre a solidão da mulher negra e os efeitos do racismo como tema das minhas criações artísticas. Para isso, divido a discussão em duas partes: na primeira falo um pouco sobre a minha história e como ela me leva a abordar essas questões em meus trabalhos artísticos, na segundo me debruço sobre a criação e concepção da performance Batom, buscando indicar como este

processo criativo me levou a compreender a necessidade de abordagem do feminismo preto em meus trabalhos, especialmente considerando a dimensão política do mesmo.

3.1 – ANA FLÁVIA: DA MINHA HISTÓRIA À PRODUÇÃO DE TRABALHOS SOBRE FEMINISMO PRETO

Nasci no ano de 1997 e no mesmo ano eu fui adotada por pais brancos, que são os grandes amores da minha vida, minhas inspirações, os que me criaram e me amaram. Não é sobre eles serem brancos que vamos discutir aqui, é o fato de que, por consequência disso, me foi proporcionado estar em lugares que geralmente são ocupados somente por pessoas brancas. Obviamente que isso me traria algumas questões da infância até a vida adulta e não é culpa minha, nem dos meus pais, é culpa desse sistema que insiste em reprimir e subjugar as pessoas pretas.

Ao longo da minha infância passei por diversas situações de racismo. Demorei a entender que eram ações advindas de uma estrutura racial que permeia as relações sociais (racismo estrutural) e também demorei a entender porque aconteciam comigo. Acredito que na verdade eu até entendia o que estava acontecendo, mas até a “ficha cair” e eu de fato compreender que eu estava sofrendo racismo, demorou muito.

Sempre existiu um apoio dos meus pais em me fazer compreender tudo o que eu ouvia; também havia uma preocupação e uma superproteção por parte dos meus pais, constituindo a minha casa em um lugar onde eu pudesse me sentir especial e amada durante a minha vida (na infância, na adolescência ou na vida adulta).

Desde os meus 07 anos de idade eu me encontrei na Dança, no Studio de Dança Denyse Barbosa, em Paracatu-MG (minha cidade natal). Ali era um espaço em que eu me sentia importante e amada (além dos espaços com a minha família) e foi primordial para que eu escolhesse a profissão que eu vivo hoje. Durante todos esses anos dançando, fui aos poucos me libertando de alguns estigmas relativos à minha condição de mulher negra. Foi nesse mesmo momento que eu tirei a química do cabelo e tive alguns primeiros contatos com o feminismo preto e alguns estudos acerca do racismo, permitindo que eu fosse me enegrecendo. Passei a escrever textos para ler na escola e em outros lugares, inclusive na Câmara Municipal de Paracatu.

Todos esses anos sendo influenciada pela dança e por tudo o que ela me trazia em relação à liberdade de ser quem eu sempre quis ser, me fizeram ter o interesse por cursar uma graduação em dança. Assim sendo, eu ingressei no curso de Bacharelado em Dança da

Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016 e foi a partir daí que comecei a colocar em prática as coisas que pensava em relação ao feminismo e racismo.

Ao chegar ao curso de Graduação em Dança tive a oportunidade de conhecer e estudar os modos de produção de um espetáculo, de uma cena, de uma performance. Aprendi sobre as técnicas utilizadas para o desenvolvimento de trabalhos artísticos, sobre estratégias para o desenvolvimento de processos criativos, sobre as dimensões estéticas, poéticas e políticas da arte.

Quando falo sobre processo criativo, refiro-me às maneiras pelas quais as artistas organizam suas ideias e vontades para produzir algum trabalho artístico. É no processo, na feitura do seu trabalho artístico que se coloca em prática as ferramentas/instrumentos de produção, sendo que é preciso dar tempo para que o mesmo seja devidamente maturado, modificado, alinhado, apresentado, corrigido. Um trabalho artístico, precisa de processo para chegar ao resultado desejado.

Ao longo do tempo fui me capacitando para produzir trabalhos artísticos em diferentes linguagens, mas, como dito no segundo capítulo dessa dissertação, foi na performance que me encontrei. Eu queria que as minhas performances pudessem alcançar uma dimensão mais profunda, seja em relação às dimensões físicas, poéticas e estéticas do trabalho ou do corpo, seja em relação às dimensões políticas do trabalho. Nesse sentido foi que trazer as minhas memórias e as minhas experiências de vida permitiram a construção de trabalhos mais consistentes.

O primeiro trabalho realizado na graduação tinha como objetivo falar da minha história enquanto mulher preta adotada. Ao estudar para fazer esse trabalho, eu conheci o termo “solidão da mulher negra”, passei a entender o que aquilo significava, e como se aplicava à minha vida. A partir daí comecei a ter uma visão de tudo o que já havia acontecido comigo e como eu poderia lidar com aquelas questões dali em diante, especialmente com as solidões que eu iria sofrer, fosse ela amorosa, afetiva, profissional ou social.

Essas questões fizeram parte da elaboração dos trabalhos artísticos ao longo da graduação, dos quais destaco Batom, que será abordado na próxima parte desse trabalho, e Do Branco à Carne, trabalho desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado de Ateliê do Corpo e Atuação I, II e III, cuja intenção é a produção de um trabalho artístico autoral, que pode ser realizado coletiva ou individualmente.

“Do Branco à Carne” foi uma criação no campo da performance realizada em parceria com outra discente do Curso de Graduação em Dança, Giovanna Silvestre, uma

mulher branca. O trabalho versava, entre outras coisas, sobre as dores e inseguranças que nós mulheres sofremos, cada uma em seu contexto social. Assim, buscávamos abordar as dimensões do feminismo e do racismo em nossas experiências e vivências.

O trabalho consistia em uma exposição dos nossos corpos diante do espelho e como as pressões estéticas sobre estes afetam as nossas formas de lidar com os mesmos. Tratava-se de uma exposição dos nossos corpos e das memórias que tivemos sobre abandonos, seja pelas nossas características físicas ou por causa da imposição social sobre a nossa sexualidade, uma vez que ambas somos mulheres pertencentes ao universo LGBTQIAPN+. Ao final, após as cenas individuais (cada uma em seu espaço), propomos um encontro, a fim de representar a importância de olharmos para as nossas dores e reconhecermos que juntas podemos lutar contra esse mundo machista, misógino, lgbtfóbico, racista e excludente.



Imagen 4: Do Branco à Carne por Ana Flávia dos Reis Santos e Giovanna Silvestre Macedo, 2019.
Fonte: Acervo do evento Unidança, do curso de Dança - UNICAMP



Imagen 5: Performance Do Branco à Carne por Ana Flávia dos Reis Santos e Giovanna Silvestre Macedo, 2019.
Fonte: Acervo do evento Unidança, do curso de Dança - UNICAMP

Circulamos com essa performance por três cidades, como forma de conclusão da disciplina. A cada apresentação nos colocávamos à disposição de bate-papos para acolhermos os feedback e reações do público, que sempre trazia à tona a dimensão do incômodo e de como as ações demonstravam a violência destinada às mulheres.

Essas temáticas também estiveram presentes na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Após a minha conclusão do curso de graduação, a escrita da monografia me despertou para o universo da pesquisa acadêmica. Como disse anteriormente, a escrita e a leitura sempre estiveram presentes na minha vida, não seria surpresa que me encantasse por este caminho. Por isso essas temáticas surgem no desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado.

Se no Trabalho de Conclusão de Curso a ideia foi fazer um memorial sobre os processos, aqui a proposta é pensar como esses trabalhos possibilitam aprofundar os estudos sobre a solidão da mulher negra. Para mim, essa é uma maneira de refletir sobre os inúmeros abandonos que nós mulheres pretas sofremos ao longo da vida. Eu acredito que um dos piores abandonos sofrido por mulheres pretas foi o das nossas irmãs brancas, lá no começo da construção do pensamento sobre feminismo.

Esse abandono contínuo tem relação com a ausência do reconhecimento das nossas questões, das nossas dores. A falta de compreensão de que existem urgências específicas para as mulheres pretas fazem com que o movimento feminista de modo geral precise repensar posturas e mudar caminhos para o acolhimento da diversidade.

Nessa direção, é perceptível que o abandono que as mulheres pretas sofrem na busca por uma vida digna e saudável afeta suas vidas em todos os aspectos, obrigando que ela tenha que lidar com o mínimo para seu sustento e para a sua vida, com o sufoco de quase não conseguir pagar a moradia ou para criar seus filhos sem que lhes falte algo. Enquanto para as mulheres pretas existe a falta de tudo, do respeito e valorização de seus corpos e inteligência, da família estruturada, do amor e da segurança de viver em paz, para as mulheres brancas essa não foi (e não é) uma questão primordial.

Acredito, assim, que nós somos feitas de muitas formas de ausências: a família estruturada que não tivemos, o afeto que nos faltou, a escuta que não nos foi dada. Nós criamos nossas oportunidades para educação, pois não tivemos acesso e, quando tivemos, não foi com a qualidade que merecíamos. Ainda assim, sabemos que a educação tem sido o caminho para que muitas de nós consigamos fugir do produto que o racismo criou, que é ter mulheres pretas destinadas a procriar, lutarem sozinhas pela vida e educação de seus filhos e morrerem com suas histórias apagadas.

Ao tomarmos a questão do papel do amor em nossas vidas precisamos refletir sobre os efeitos da colonização na nossa construção social. É certo que o processo colonial destruiu as pessoas pretas de qualquer forma ou traço de humanidade e, em relação a essa temática, restou-nos apenas o lugar fetichizado e sexualizados. Nossos corpos, desejados como um pedaço de carne a ser consumido pelo seu senhor, não mereciam receber qualquer tipo de amor.

Outra coisa que o colonialismo fez foi criar entre nós, pessoas pretas, um estereótipo de que não haveria possibilidade de amor. Nos disseram que nossos corpos só serviam para o carnal, e se fosse para alguém branco, seria melhor, para que pudéssemos nos ascender socialmente. Foi dito que nosso cabelo e traços são feios, então aquilo que passou a chamar a nossa atenção no lugar do desejo foi o contrário daquilo que somos, enquanto aparência, contexto social e personalidade. É nesse contexto que passamos a ter dificuldades de produzir relacionamentos afetivos e amorosos, mesmo entre nós mesmos.

Após a leitura de Mulherismo Africana, por meio do trabalho de Clenora Hudson (2020), percebi que aquilo que eu já vinha pensando há algum tempo sobre a dificuldade que

temos de cultivar afeto e amor é algo que foi construído em função do sequestro de nossos ancestrais; e que mesmo as tentativas de se reunir através de suas próprias estratégias (como no caso dos quilombos) muitas vezes parece ser como nadar contra a maré. Entendo que uma mudança circunstancial só poderia acontecer por meio da construção de uma consciência coletiva a respeito do cultivo do nosso bem estar, como em relação ao fortalecimento da nossa autoestima ou o cultivo do lazer e do amor, coisas que nunca nos foram dadas e que podem fazer a diferença em nossas vidas em absolutamente todos os âmbitos. Se observamos ao pé da letra, podemos até achar que são coisas simples as que elenquei aqui, mas para o povo branco, que mesmo de maneira desonesta, conquistou e conquista de forma fácil e rápida, os prazeres da vida, a felicidade genuína, os diversos amores, sejam eles familiares ou românticos, a segurança de não ter dúvidas sobre sua profissão ou caráter e muito menos sobre o futuro, até mesmo o dia de amanhã.

O que nós sempre tivemos foi o medo de perder, não importa o que. Vamos crescendo e não temos tempo para possíveis felicidades genuínas, como ter isso se a preocupação da maioria de nós é a sobrevivência. Como pode um povo amar, ser feliz, ter sucesso, sendo um povo que convive diariamente com o medo de morrer. Por isso, repito: é preciso uma consciência coletiva para que passemos a entender a importância que tem para nós a possibilidade de amar e sermos amados, não podemos mais enxergar o amor apenas pela visão eurocêntrica e capitalista de um amor romântico como nos filmes de romance, esse sentimento para nós é instrumento de poder, força e armamento para as nossas lutas.

Ao nos amarmos, traremos de volta a autoestima roubada, retornaremos a escrever histórias e culturas do nosso povo, seremos cada vez mais conscientes de que somos seres desejados não só pelos corpos, mas principalmente pelo intelecto, nos trazendo assim autonomia em relação ao povo branco, pediremos cada vez menos permissões, seremos cada vez menos o parceiro que tudo aceita em troca do mínimo de amor e atenção.

É possível para mim perceber, e espero que para vocês leitoras também, que ao entendermos a importância do afeto em nossas vidas, muitas coisas podem mudar, principalmente para as possibilidades de alívio psicológico, ter quem cuida, ampara e ama, se torna alívio para um povo que não tem certeza sobre o dia de amanhã.

Para discutirmos mais a fundo sobre as relações afetivas pretas, partirei das minhas vivências na tentativa de que o relato sobre essas experiências possa gerar algumas identificações da maioria da população preta que passou por opressões relacionadas às dimensões do amor.

Quando pequena, devido aos inúmeros atos de racismo que sofria nos diversos ambientes de convívio social, me via como feia. Cresci com essa imagem de mim mesma e, a partir dela, acreditava que qualquer pessoa que tivesse uma mínima semelhança comigo também era uma pessoa feia. O sentimento que eu tinha chegava a ser de compaixão por nós que nunca conheceríamos o prazer de sermos amados.

Importante destacar que quando eu falo sobre a beleza, é porque ela dita quem pode ou não pode ser considerado apto a ter relações afetivas e amorosas, quem pode ou não ser desejado. As pessoas vistas como belas sempre foram aquelas que atendiam a um ideal de beleza determinado por uma sociedade brancocêntrica. Essas pessoas, que possuem os traços e características de pessoas brancas e europeias (pele branca, nariz afilado, cabelos lisos, olhos claros, corpo magro, etc.), estavam designadas para serem amadas e desejadas.

Essa noção de beleza (ou a falta dela) também era um elemento fundamental para a construção da autoestima. Assim, para além da condição do amor e do desejo, é perceptível que essa imagem gerava determinados ganhos e acessos às pessoas brancas, como a cargos e empregos de chefia ou de destaque, ao não julgamento de sua índole ou caráter, à predeterminação de sua bondade. Já as pessoas pretas, essas eram definidas como pessoas sem beleza, incapazes de serem amadas, desejadas, vistas, queridas. Ainda, a dúvida sobre seu caráter, sua competência, sua capacidade também reforçavam uma baixa autoestima e fortaleciam o sentimento de culpa ou medo. Por tudo isso que vivemos é que vemos muitos de nós desistirem mesmo que em vida.

Nesse sentido, entendo que não devemos ignorar a importância da construção da autoestima para a população preta, pois sem ela não há a confiança mínima para estudar, trabalhar e formar uma família. Assim, a busca por amor, felicidade, realizações profissionais e a oportunidade de poder continuar a sua família no mundo sempre foram algo muito complexo na vida das pessoas pretas.

Por falar em família (e nesse ideal de família preta), no pensamento do mulherismo africana o homem negro não deve ser o seu inimigo e sim seu aliado. É na relação destes que a construção de um lar prenhe de segurança e amor poderá gerar um espaço de fortalecimento da autoestima. É conjuntamente que o acolhimento poderá criar um ambiente de consciência sobre o racismo e de instrumentalização para se defender da criminalização, do abandono, da morte. Essa relação reforça o senso de comunidade e possibilitam se protegerem e conseguirem juntos desviarem da morte. Como diz Clenora Hudson:

[...] Na comunidade Africana, nem as mulheres nem os homens podem se dar ao luxo de concluir que o outro gênero é irredimível e, portanto, indesejável. Tal postura de desconsiderar ou dispensar totalmente o outro gênero poderia recorrer em um suicídio racial para os africanos (HUDSON, 2020, p.83).

Ao ler tal trecho eu tive um bombardeio de memórias, eu lia e ao mesmo tempo me via nas tantas situações já vividas onde essas questões apontadas por Hudson (2020) aconteciam sistematicamente. Quantas foram as vezes que mesmo no contato com pessoas da mesma raça eu me senti totalmente desamparada... Quantas vezes eu tive que cuidar das minhas palavras, me diminuir, me resumir para que ninguém me ignorasse ou sentisse pena de mim. Histórias de primeiro beijo das amigas eu sempre evito dizer, pois existe um choque de saber que dei o meu primeiro beijo aos 18 anos, pois minha sensação era de que na adolescência todos me odiavam e sentiam nojo de mim.

Quando o assunto é família, quando digo que sou adotada e conto a minha história (pois tenho orgulho dela) sinto que fica uma tensão suspensa no ar, ou até me dizem “pesou o clima né... vamos mudar de assunto, falar de coisa boa”. Percebo que não há o reconhecimento de que as vivências das pessoas pretas nem sempre vão ser agradáveis aos ouvidos de pessoas brancas, pois é no cotidiano que se torna evidente o quanto o sistema trabalha para que o psicológico de pessoas pretas seja massacrado, ao ponto de elas praticamente deixarem de existir.

Se pensarmos bem, as mulheres brancas em um bar tomando uma cerveja com mulheres pretas, não querem mesmo ouvir as suas histórias, pois isso traria a elas a consciência de que são parcialmente responsáveis pelo que nos ocorre; então é melhor ignorar, trocar o assunto, e falar de suas próprias vidas, porque assim obviamente o clima da mesa de bar ficará mais leve.

Passar por essas situações esmagadoras em um cotidiano que tem o objetivo de ser normal nos transforma em mulheres cada vez mais desconfiadas, inseguras, duras e com dificuldades de socialização, e isso se alastra por todos os âmbitos de nossas vidas, nos restando três caminhos possíveis: sermos extremamente duras e impositivas; sermos extremamente inseguras e lutarmos constantemente contra a autossabotagem; ou a desistência.

Para que exista um meio termo em meio a esses três caminhos, se torna vital a necessidade de um amparo psicológico, mas ter acesso a uma terapia de qualidade e com a duração adequada requer também condições financeiras para tal e, como o sistema não costuma falhar, as pessoas pretas raramente possuem condições econômicas para garantia das

condições mínimas da vida (como comida ou da moradia), não lhes restando condições para investir em acompanhamento psicológico; e mesmo quando encontram alguma oportunidade (com projetos específicos ou com um valor social que seja adequado à sua realidade financeira), raramente conseguem dar sequência a este tipo de acompanhamento, pois a saúde da população negra não é prioritária.

O objetivo aqui não é falar sobre a psicologia (mesmo porque precisaríamos de outra profissional para tal feito), a finalidade aqui é alertar para a necessidade de se dar atenção para a saúde mental do nosso povo. Então, cuidarmos uns dos outros para que não sigamos o terceiro caminho, e assim continuarmos a corrida e a caminhada daqueles que ousaram fugir da morte já antes anunciada, assim que sequestrados, é algo fundamental em nossas vidas, especialmente para nós, pessoas pretas que conseguimos furar as bolhas e acessar espaços destinados aos brancos, como no caso da formação universitária.

Trazer à tona tais questões é importante para que continuemos a falar sobre os feminismos, pois falar de autoestima e afetividade do povo preto influencia diretamente nos modos de pensar o lugar da mulher preta. Nessa direção, reconhecer que a realidade da mulher branca é completamente diferente da realidade da mulher preta, que a mulher branca possui muitos privilégios (independentemente de sua classe social), é um passo fundamental para pensar que o feminismo preto deve ser ponto fundamental de discussão e movimento necessário para o contexto das mulheres pretas.

Nos meus processos de estudos artísticos e de pesquisas acadêmicas, especialmente durante a formação no Curso Graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia, eu fui sentindo uma ausência de conversar com mulheres mais próximas a mim, da minha realidade, que tivessem experiências similares às minhas, que falassem a minha “língua”, que entendessem as minhas questões e que dialogassem comigo sobre essas questões e temáticas, seja por meio do estudo teórico acerca da relação entre raça e gênero no recorte brasileiro ou afro-latino-americano, seja na prática de produções estéticas com referências das temáticas relacionadas aos feminismos negros.

Acredito que uma palavra disparadora que me vem à mente quando penso em feminismo, seria ausência. Não me refiro ao movimento propriamente dito, eu quero dizer das ausências que nós encontramos no nosso caminho de descobertas feministas e pretas. As descobertas da infância, adolescência e vida adulta, todas essas fases com ou sem a presença de uma família estruturada e um fácil acesso à educação e cultura nos afeta durante nossas jornadas.

Estudar sobre o feminismo nos faz enxergar algumas coisas importantes sobre a nossa identidade e sobre as nossas vivências. Possibilita abrir os olhos sobre como nossas vidas foram influenciadas pelo machismo e pelo racismo. Permite que possamos compreender como, desde a infância, já temos de lidar com as limitações impostas pela sociedade e como cumprir com determinados papéis na vida adulta. Somos motivadas a sonhar baixo, a nos contentar com o que for possível para vivermos com o mínimo de liberdade. Podemos estudar, mas até certo ponto. Podemos trabalhar, mas até certo cargo e até um limite de salário, que não necessariamente corresponde ao desempenho de nosso trabalho. Podemos ter uma família, desde que ela seja o foco das nossas vidas, pois o trabalho não pode competir com esse foco, logo, temos que fazer escolhas: ou o trabalho ou a família. Podemos escolher não ter uma família, desde que esteja bem evidente para nós que ficaremos sozinhas; e uma mulher sozinha, que escolhe o trabalho, o estudo e um futuro próspero, é uma mulher que amedronta e que não é passível de ser amada. E já adianto que por aqui trataremos sobre o amor de forma não lúdica, colocaremos ele no devido lugar de importância que tem na vida de uma mulher preta.

Diante de todo o exposto, falar sobre a solidão da mulher negra é abordar as dimensões da ausência do amor e do afeto em nossas vidas. Não é apenas falar sobre sermos sozinhas, como se fôssemos “pobres coitadas”, mas o de apontar como o racismo, enquanto fator estruturante da nossa sociedade, continua a ser um gigante moedor da nossa autoestima e das nossas possibilidades de vivermos relações amorosas. É o de reconhecer as diversas maneiras como somos afetadas ao longo do tempo de maneira a não acreditarmos que somos seres passíveis de viverem o amor. A solidão da mulher negra também pode ser percebida quando temos algum afeto, mas permanecemos sendo a última escolha ou mesmo tendo relações pontuais, sem a construção de um amor acolhedor, nos fazendo sentir sozinhas mesmo quando acompanhadas.

Tratar dessa temática em trabalhos artísticos é uma tarefa extenuante, pois requer de nós a exposição dos nossos traumas. Assim, a experiência da solidão pode ser exclusiva, mas ao mesmo tempo pode ser diversa. Pode ser pontual, mas também pode ser coletiva. Pode tocar apenas a quem está expondo, mas também a quem está recepcionado.

Nesse contexto, me interesso em pensar sobre como a ação performativa pode ser um espaço de debate sobre essa questão pontual, mas também sobre os efeitos do racismo na vida de mulheres pretas. Assim, apresento abaixo dois dos trabalhos desenvolvidos ao longo

dos últimos anos a fim de demonstrar como a performance pode ser, enquanto área artística, fundamental para explorar as temáticas dos feminismos pretos.

3.2 – BATOM: PERFORMANDO A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Para que eu pudesse criar as minhas performances, eu fiz alguns programas performativos, até que algum fizesse sentido para o que eu queria compartilhar com o público. Para tanto, eu fiquei foquei em estudos sobre o tema, consumindo apenas conteúdos desenvolvidos e protagonizados por pessoas pretas. Entendi que eu precisava desconstruir as noções brancas sobre arte e vida para que esse modo de percepção do mundo não interferisse no meu modo de criar performance. De um lado, percebi que as minhas referências pretas aumentaram, tanto em termos conceituais quanto estéticos; por outro, consegui construir um caminho que permitiu, entre outras coisas, a elaboração de propostas de programas performativos que focassem nas questões negras, a partir dos feminismos pretos, e alcançasse uma perspectiva enegrecida sobre os temas.

Essa pesquisa teve seu início a partir de um processo criativo ocorrido na disciplina Dramaturgia do Corpo I: Conceitos e Fundamentos, do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Uberlândia. Surgiu por um desejo de externar os efeitos da solidão da mulher negra, pensando a relação desse tema a partir do racismo e suas diversas formas de opressão sobre o meu corpo de mulher preta e gorda.

Para que eu pudesse trabalhar exatamente o tema da solidão da mulher negra provocada/produzida pelo racismo, eu pedi algumas mulheres que me enviassem cartas destinadas para as suas solidões, acredito que para linkar com os meus modos de criação, que sempre partiram do que as minhas palavras escritas, estavam me dizendo, eu sempre escrevi para criar e obviamente que usei os meus textos para a performance Batom.

A troca que tive com outras mulheres pretas, por meio de cartas propiciou um conjunto de materiais, termos e palavras que passei a utilizar como elementos constituintes da performance. Decidi que utilizaria o batom vermelho, símbolo da sexualidade feminina, como uma ferramenta para escrever essas palavras pelo meu corpo.

Ao longo do tempo eu fui testado diversos formatos. No primeiro teste eu mesma escrevia as palavras em mim na frente do público enquanto tocava I'd Rather Go Blind e All I Could do Was Cry, músicas da Etta James, interpretadas pela cantora estadunidense Beyoncé. eu fazia a ação em frente ao espelho e no final escrevia em um espelho “Sobrevivi X anos” (sendo que esse X representava a idade que eu tinha naquele momento).

No segundo teste propus já iniciar o trabalho já com algumas palavras escritas pelo corpo e o público apenas observava esse corpo imóvel em cena, como uma peça/obra de arte em uma exposição enquanto as músicas de Etta James ainda eram tocadas no espaço. Nessa proposta não havia interação entre a artista e o público, apenas no momento em que eu me levantava e saía da sala.

Enquanto eu fazia os testes para a performance estava lendo uma das obras da filósofa brasileira Djamila Ribeiro. Lembro-me que no ano de 2018 o livro que sempre me acompanhava era “Quem tem medo do feminismo?”. Eu lia Djamila, lia as cartas das mulheres que gentilmente se abriram para me ajudar, e escrevia as minhas sensações, as minhas dores e frustrações. Todas aquelas escritas tornavam-se potência para a criação artística da performance. Assim, as palavras que surgiam foram sendo essenciais para que eu criasse a performance Batom, afinal sempre fizeram parte da minha história, principalmente no modo como eu consegui me apresentar para o mundo enquanto mulher preta.

O processo criativo, iniciado no ano de 2017, foi adensado na medida em que passei a ampliar e aprofundar meus estudos sobre o feminismo preto e a performance arte. Nessa direção, após os testes realizados, elaborei um programa performativo que consistia em um direcionamento para a execução da performance. O programa tinha como indicação os seguintes elementos: 1) a exposição do meu corpo ao público, com algumas palavras/termos que remetessem a falas racistas ouvidas por mim e outras mulheres e que tinha relação direta com a objetificação e sexualização do corpo da mulher preta e os seus efeitos nas relações amorosas e afetuosas; 2) ao lado do corpo havia a disposição de um batom vermelho para que o público pudesse utilizá-lo em meu corpo, seja para escrever mais palavras ou criar outras intervenções possíveis no meu corpo; 3) o silêncio durante todo o trabalho, provocando ainda mais a agonia que a solidão pode causar em nós; 4) a saída do espaço de exposição após a percepção de que o corpo estava borrado pelo batom e pela experiência compartilhada com o público. O objetivo da performance era mostrar o corpo de uma mulher preta, gorda e com muitas marcas feitas pelo racismo, causadoras da solidão da mulher negra.

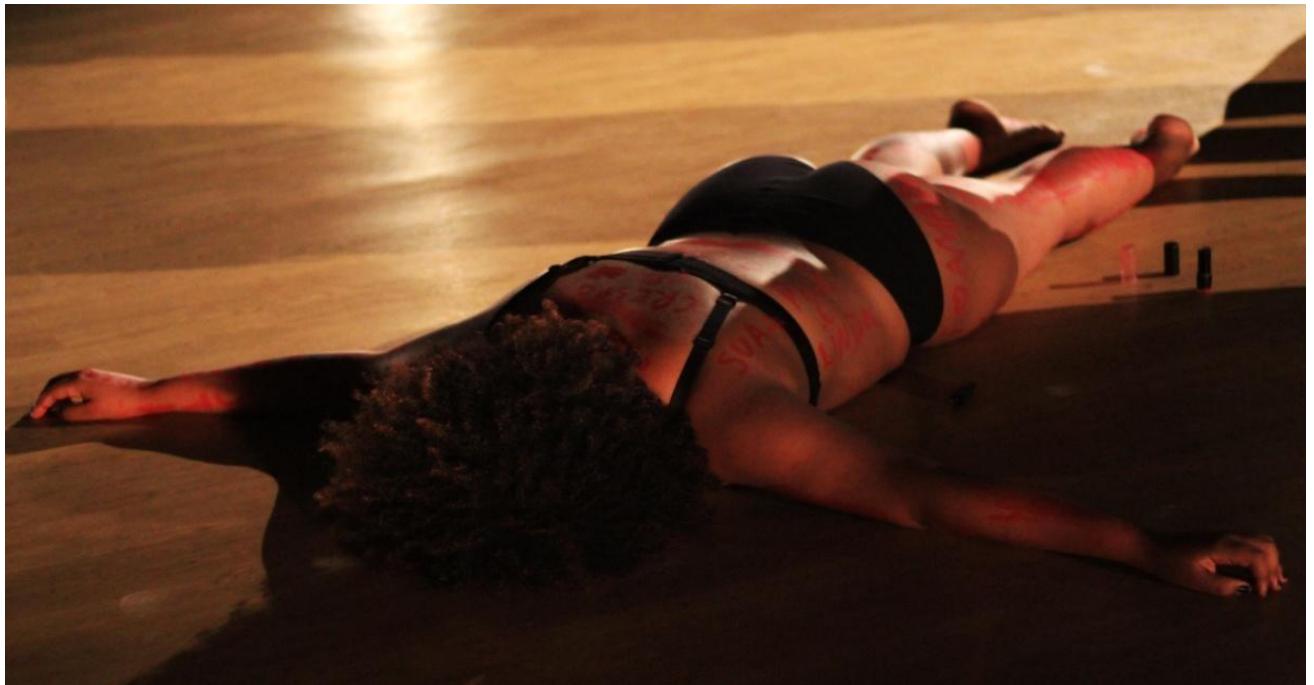


Imagen 6: Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Foto: Renata Britto
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora <https://anaflaviars.wixsite.com/registros>

A performance foi apresentada no final do mesmo ano, no evento Sala Aberta – Compartilhamento de Processos⁵ do curso de Graduação em Dança, na época intitulado por Silêncios Gritados.

No meu corpo, foram escritas as palavras/termos *empregada, para usar, descartável, trocada, abandonada, cabelo duro, cabelo de bombril, feia, macaca, puta, morta, boca de macaco, silenciada, pra fuder e pra usar*. Todas essas palavras, quando ditas em voz alta, nos causam sensações como tristeza e raiva; então para lidar com esses dizeres em meu corpo, as pensadoras e filósofas me deram amparo e letramento racial como ferramenta para sustentar o peso que a performance tinha.

Não foi uma caminhada tranquila e fácil de trilhar, a primeira performance foi difícil, dolorida, mexia em coisas que eu não havia mexido ainda, eu estava expondo o meu corpo no chão, eu estava compartilhando meus traumas e meu corpo com o público, que por sua vez, escreveu suas palavras em mim, apagou algumas, me moveu do lugar, cuidou de mim de alguma forma e através de tais ações também assumiram suas responsabilidades no que o racismo opera no corpo de mulheres pretas.

⁵ Sala Aberta – Compartilhamento de Processos. O SALA ABERTA é um evento de caráter artístico-cultural organizado pelo Curso de Graduação em Dança da UFU que tem como objetivo ser um espaço de formação artística para discentes, docentes e técnicos da UFU, completando o ciclo entre ensino, pesquisa e extensão, fundamental para a formação acadêmica.

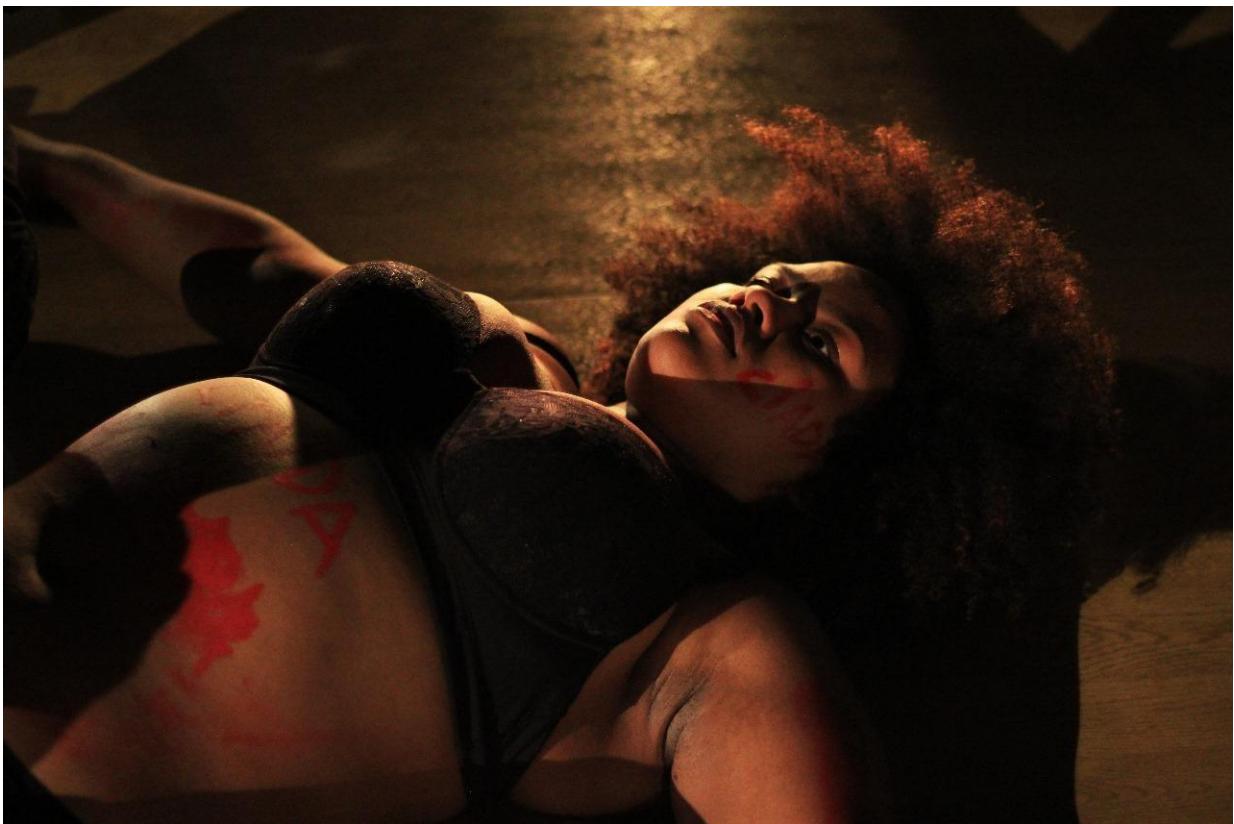


Imagen 7- Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Foto: Renata Britto
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora <https://anaflaviars.wixsite.com/registros>

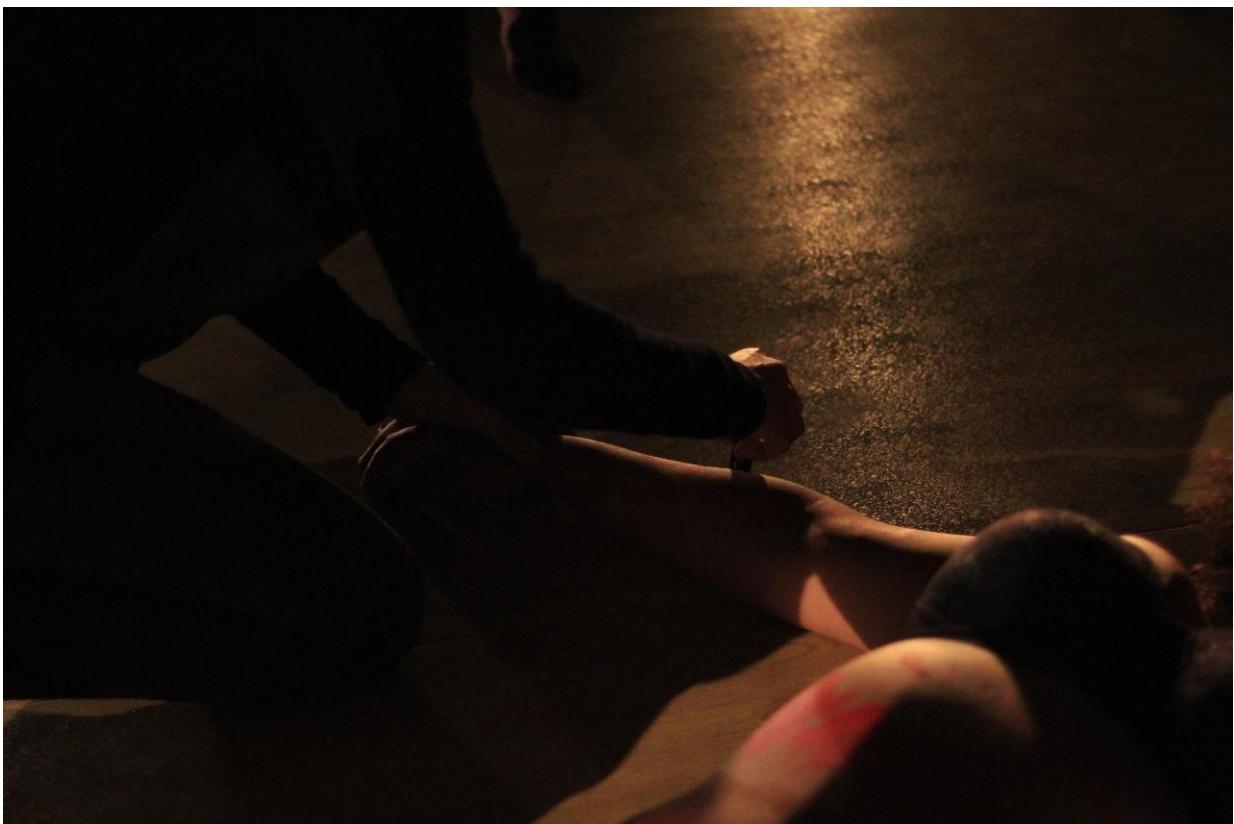


Imagen 8- Performance Batom por Ana Flávia dos Reis Santos, 2017. Foto: Renata Britto
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora <https://anaflaviars.wixsite.com/registros>

Após a primeira apresentação, me vi em dúvida se aquilo realmente era o que eu queria artisticamente. Então, pensei em nunca mais performar esse trabalho, por não querer encarar tudo o que essa performance causou em mim. Mas foi aquela performance que me fez perceber que eu conseguia lidar com essas questões e que eu deveria investir em trabalhos artísticos que falassem sobre mim e que pudessem, de alguma maneira, dizer algo ao mundo a partir da relação arte-vida. Foi através dessa performance que a minha formação em dança ganhou sentido; foi ela que me ensinou os caminhos necessários para que eu me tornasse uma performer, uma criadora artística, e acreditasse no meu potencial.

Após a apresentação, a recepção do público e as trocas e conversas que tive com as pessoas despertaram em mim um interesse muito grande em continuar criando, pois se tornou um meio de comunicação para poder falar de assuntos tão urgentes, como as várias questões que permeiam a vida da mulher preta. Através desses desdobramentos fui entendendo que discutir as performances e como elas se comunicavam com mulheres pretas, revelou um desejo de observar a performance de fora, como pesquisadora.

Quando iniciei a pesquisa de conclusão de curso intitulada “Batom: Experiências entre Performance e Feminismo Preto”, o objetivo era realizar um memorial sobre as minhas criações artísticas com foco em temáticas sobre a mulher preta. Para isso, busquei aprofundar os estudos referências estadunidenses e brasileiras, como Ângela Davis (2016), Soujourner Truth (1851), Djamila Ribeiro (2018), Carla Akotirene (2019), entre outras.

Retomando a reflexão sobre as minhas primeiras criações, existia uma vontade de trazer à tona o quanto uma mulher preta pode se sentir sozinha durante sua trajetória de vida. A vontade sempre foi a de externalizar minhas sensações a respeito de como eu (e outras mulheres pretas) percebia os efeitos do racismo em meu corpo e em minha vida.

Em uma das aulas do mestrado o professor Jarbas Siqueira Ramos, meu orientador, fez uma pergunta que tinha a função de nos provocar: Quando eu me percebi diferente do outro? E assim eu respondi:

Eu me percebi diferente do outro quando eu entendi que os outros poderiam falar e eu não. Quando todos tinham companhia para comer e brincar na escola e eu não. Me percebi diferente quando me pediram para esconder um relacionamento, para esconder meu cabelo, para falar mais baixo. Me senti diferente quando me disseram que eu era fácil demais (PUTA). Quando eu me torno um meio para outro fim, quando passam por cima da minha autoridade enquanto exerço minha profissão.

Ao visitar esses escritos da disciplina, consigo perceber que essas solidões sempre estiveram presentes na minha vida (na infância, adolescência, juventude e agora na minha

vida adulta). Existem situações que aconteceram comigo nos meus 06 anos de idade e que se repetem agora aos 27. Hoje, depois de tantas experiências como essas, tenho a sensação de que essas solidões estarão comigo para sempre, pois não há uma perspectiva de fim para elas; o que existe, na verdade, são estratégias criadas por mim para lidar com as mesmas e conseguir manter-me viva.

Acredito que mesmo que eu tenha alcançado um letramento racial (ainda que de forma tardia), eu sempre tive um senso de coletivo, de comunidade, algo que percebo que a grande maioria das mulheres pretas não tem, pois a possibilidade de pensar nela primeiro não é algo que seja dado em sua existência. Desde que fomos sequestradas, tivemos de ser fortes por nós e principalmente pelos outros, e isso é algo que acontece até hoje. Então, quando eu quis falar da minha (nossa) dor, primeiro me veio à mente que essa também pode ser a dor de outras mulheres negras, que também pode ser elemento importante para compreender como nós temos conseguido viver, apesar dela.

Dito isso, percebo que tenho uma consciência sobre a minha infância e de coisas que vivo ainda hoje, as coisas se repetem e acontecem de forma quase que espiralar, é como se a minha criança soubesse de algo que eu iria viver hoje, e me recordo disso ao revisitar minhas escritas de menina. A noção de tempo e do acontecimento das coisas em nossas vidas enquanto pessoas pretas é percebido de forma diferente não só por mim, mas por outras pessoas pretas pesquisadoras, como Leda Maria Martins aponta em Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela (2021). No livro em questão, Leda Martins fala sobre um corpo ancestral, um corpo que tem histórias culturais e corporais antecedentes a nossa, e há uma intenção de compor os tempos passado, presente e futuro de forma que estejam juntos e não mais numa linearidade ocidental, que nos foi imposta “goela abaixo” a partir da colonização.

No dia 28 de abril no ano de 2022, Leda Martins concedeu uma entrevista para o IPEAFRO, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros no museu a céu aberto Inhotim. A autora estava no museu para a passagem do congado mineiro, em razão da exposição Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra no Inhotim. Nessa entrevista, Leda falou um pouco sobre os conceitos que criou e que destrincha em suas obras, e que chama de princípios de cognição.

Quando o jornalista Júlio Ricardo Menezes a questionou em relação aos seus escritos abordando o termo encruzilhada, ligado as performances de tradições negras

brasileiras, tendo o congado como uma de suas inspirações, ela respondeu da seguinte maneira:

[...] eu proponho encruzilhadas como enclave teórica para se pensar de dentro das culturas negras epistemologicamente. Aí vai ser a primeira vez também que alguém vai utilizar Exú como clave, como princípio epistemológico do movimento... tem essa grande sacada de trazer a encruzilhada como esse lugar... uma clave teórica e metodológica. Eu não estou lidando ali especificamente como religião. É o que sempre digo: esses princípios de cognição mantam as culturas negras, eles são pré, pré religião. Eles existem como os grandes princípios que estruturam o pensamento. E daí as formas de pensamento. É daí que vão derivar todas as religiões, todas as artes, todas as cosmo percepções de mundo, né, assentadas nesses princípios estruturantes. A encruzilhada é um deles, a ancestralidade é outro, o tempo espiralar é outro, as oralituras são outros, né, são todos princípios que eu vou oferecer como chave teórica metodológica, para se pensar, primeiro, as diversidades das culturas negras e das manifestações negras. Encruzilhadas, surge ali, em meados de 1980, né, e é um conceito que cria pernas... E eu digo: muitas vezes os autores aparecem na criação. E muitas vezes vão usar a encruzilhada e nem mencionar... e ela criou pernas mesmo né? (site IPEAFRO, 2022).

Falando em como o termo encruzilhada passou a ser utilizado por outros pesquisadores e pesquisadoras, transformando e analisando suas várias possibilidades de significado, outra obra que acredito agregar a esse conceito de tempo espiralar e sobre as encruzilhadas, é o artigo “Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção” de Jarbas Siqueira Ramos (2019).

Jarbas Ramos (2019), com base no pensamento de Leda Martins (1997), sinaliza que é preciso pensar o conceito de encruzilhada para além de sua dimensão religiosa, pois ela antecede as religiões e se organiza a partir da dimensão da cultura, tornando-se uma possibilidade de produção de pensamento na dimensão das culturas e, também, das artes no campo das racialidades. A esse respeito, ele diz:

Para tornar mais compreensível essa noção de encruzilhada, proponho pensar a própria formação cultural do povo brasileiro. Ela se deu na intermediação entre várias culturas (especialmente as culturas indígenas, negras e européias³) que, nesse lugar específico – o solo brasileiro –, foram atravessadas e entrecruzadas de diferentes modos, gerando outras identidades tanto ou mais instáveis que as primeiras. Essas diversas identidades culturais, num processo contínuo de interlocução (muitas vezes pautado pela opressão e repressão, como pode ser observado no processo escravagista do Brasil colonial), constituíram uma maneira peculiar de expressão simbólica e cosmovisão do mundo, que passou a ser reconhecida como culturas brasileiras (RAMOS, 2019, p.5).

Acho importante trazer aqui a noção sobre o tempo espiralar para pensarmos que termos, autores e autoras que possam estar distantes geograficamente, academicamente, em

muitas ocasiões se encontram pelo caminho. Esse princípio da espiralidade trazido por Martins (2022) e Ramos (2019) nos coloca em contato com as dimensões espirituais da nossa racialidade e nos fazem encontrar novos pontos para nos reencontrarmos/reconectarmos no tempo do agora, no aqui.

Pensando nisso, espero que essa pesquisa possa alcançar as pessoas nos seus diversos tempos (cronológicos, diacrônicos, rituais, ancestrais) e que possa conversar com as mulheres pretas do passado, do presente e do futuro, lançando questões que não necessariamente vão apresentar respostas prontas, como o que acontece neste “agora”, mas possibilitar a abertura de novos caminhos para as nossas novas maneiras de perceber e enfrentar os problemas do mundo, especialmente os ancorados no machismo e no racismo.

Assim sendo, penso que a performance pode ser um instrumento fundamental para tratar esses temas de maneira a acolher outras formas políticas de se colocar diante do mundo, permitindo que a arte, os corpos, as memórias, as histórias, as ancestralidades, possam construir caminhos de enfrentamento das mazelas sociais e colocar mulheres pretas em lugar de destaque, de protagonismo.

Reconheço, assim, que o mundo precisa dos nossos movimentos, da nossa gira e das nossas danças, todas aquelas artes que foram criadas por pessoas pretas e que foram tomadas pelos brancos. Assim, ressignificar os processos, reconhecer o protagonismo da mulher preta, falar de suas dores e tratar as suas questões de modo adequado é um dever que pretendo manter em minha trajetória artística e acadêmica. Penso que as pessoas pretas devem ocupar o seu devido lugar na arte, na dança, na literatura, nas produções acadêmicas ou em qualquer outro lugar que ela desejar. Para isso, é necessário que o protagonismo preto ocupe um lugar social e seja referência para as futuras gerações, para que permaneçamos construindo caminhos e possibilitando que mais pessoas pretas estejam nos espaços de poder e decisão. É nesse sentido que acompanho Baco Exu do Blues quando diz:

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
 O primeiro ritmo que tornou pretos livres
 Anel no dedo em cada um dos cinco
 Vento na minha cara, eu me sinto vivo
 A partir de agora considero tudo blues
 O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
 O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues
 Tudo que quando era preto era do demônio
 E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues
 É isso, entenda
 Jesus é blues
 Falei mermo
 (Baco Exu do Blues, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de qualquer coisa, tenho ciência da responsabilidade de tratar de assuntos tão complexos como os abordados aqui neste trabalho e, por isso, eu me dediquei para que você que me lê tivesse, de um lado, o prazer da leitura e o interesse por esse universo que para mim é apaixonante, e de outro lado, o entendimento da necessidade de tratarmos dessas questões para ampliarmos as discussões dentro e fora da academia.

Essa dissertação é uma continuidade da minha pesquisa de TCC no Curso de Bacharelado em Dança UFU, que finalizei no ano de 2021. Se a abordagem e perspectiva de cada trabalho são distintas, observo ao final dessa dissertação, que há um objetivo em comum: contribuir para a ampliação do referencial teórico sobre essa temática ao mesmo tempo em que possa possibilitar que outras mulheres negras que assim como eu se interessam por tratar de questões raciais e de gênero em suas criações artísticas, possam encontrar inspiração e caminhos para seus processos criativos.

Quando me refiro à contribuição para o referencial teórico sobre essas temáticas, não me refiro apenas à possibilidade da minha pesquisa se tornar referência para as pessoas que pesquisam estes mesmos temas; o que desejo é enfatizar a oportunidade de fazer com que nomes de outras mulheres prestas artistas e pesquisadoras sejam conhecidos. Independentemente do campo profissional, pretendo que o trabalho possibilite que ao pesquisar a dança ou a performance, que as pessoas possam conhecer mais nomes de pessoas que pesquisa sobre questões raciais e de gênero.

Aproveitando o assunto, gostaria ainda de estender para o que julgo ser constantemente discutido e vigiado por nós, pessoas que compomos ou pretendemos compor a academia. É urgente que avancemos na atualização dos bancos de referências dos cursos superiores, especialmente nos cursos das áreas de dança e outras artes. Os alunos pretos, amarelos, indígenas, e da comunidade LGBTQIAPN+ que pesquisam suas questões para desenvolvê-las em cena ou em trabalhos acadêmicos precisam ter referências apresentadas em aula, sendo elas teóricas ou práticas.

Em outra perspectiva, ao perceber a minha necessidade de ter tido mais referências pretas, eu passei a me questionar sobre as pessoas que não estão no ambiente acadêmico. Creio que elas podem e devem ter acesso a esse tipo de discussões, afinal isso as empodera para enfrentarem o racismo na prática, fortalecendo assim não só uma comunidade acadêmica, mas comunidades negras por completo. Trago isso influenciada por vários momentos em que me vi incapaz de ter uma discussão com pessoas do meu cotidiano e que

não vivem o meu mundo, sobre assuntos que as atingem diretamente, da mesma forma que acontece comigo. Passar por essas situações me alertou para que eu pudesse observar a minha escrita e mudar aquilo que precisava para chegar até essas pessoas.

Por isso foi que durante a escrita deste trabalho eu prezei pela tentativa sincera de escrever de uma maneira mais didática para que pessoas que não estejam inseridas no contexto acadêmico pudessem acessar, ler e criar discussões sobre as temáticas aqui abordadas, seja as discussões acerca das temáticas ligadas a gênero e raça ou sobre os modos de se construir performance.

Producir a performance Batom foi um grande marco para mim enquanto artista, para poder tratar das questões da solidão da mulher preta nos âmbitos sociais, afetivos e profissionais. Falar sobre essa temática a partir da performance foi uma maneira privilegiada de construir estratégias para tratar temáticas ligadas às dimensões de raça e gênero.

Depois que iniciei a minha pesquisa e passei a compreender os meus modos de criação, surgiu a vontade de entender como outras mulheres fazem esse mesmo processo. Ao entrar em contato com as mesmas percebi que esse não é um tema trabalhado por elas, mas também entendi, a partir das respostas que elas me deram, que essa solidão que eu conto durante o texto se apresenta de diferentes maneiras, seja na nossa criação no contexto familiar, nos processos de racismo vivido nas escolas na infância e adolescência, influenciando assim no nosso modo de agir até a faculdade e posteriormente no mercado de trabalho.

O que observei é que a busca que temos é por encontrar estratégias que nos permitam lidar com o que o racismo e com tudo aquilo que ele produziu em nossas vidas, nossos corpos, nossas histórias, especialmente no massacre da autoestima do povo preto. Falando especificamente das criações, escolhi temas que atravessam a todas as mulheres pretas para poder trazer para a discussão algumas questões que são preponderantes no contexto das mulheres pretas, independentemente do formato escolhido para compartilhar.

Existem também aquelas que não necessariamente escolhem um tema para discutir, ou compartilhar em uma performance ou espetáculos, mas possuem trabalhos que buscam resgatar a história preta. Abordar as questões pessoais ou mesmo questões sociais, mas encontrar caminhos que facilitem que essa discussão possa chegar, por meio da arte, a outras mulheres pretas, é uma das estratégias políticas para quem atua neste campo. Enfim, acredito que saber da nossa história, de tudo o que nos foi negado e roubado, e ter

discernimento do que nos acontece atualmente é essencial para que possamos driblar, confundir e mudar o destino que esperam de nós, pessoas pretas.

Isso não quer dizer que durante a produção dessa dissertação eu não tenha me deparado inúmeras vezes com a insegurança. Pelo contrário, eu me questionei se realmente estava bom ou não; mas ao mesmo tempo, entender o desafio que é escrever uma dissertação me forçou a ter uma coragem e confiança que os processos de racismo que sofri me limitam de ter e passar por esses altos e baixos faz parte de um processo longo que podemos construir juntas.

Por fim, espero sinceramente que você que leu este trabalho tenha se identificado comigo em algum momento ou que também tenha discordado do que eu disse, criando possíveis discussões para que possamos levar adiante essas pautas que particularmente – vocês já sabem – eu julgo serem urgentes.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** Editora Jandaíra; 1ª edição (10 abril 2019).

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural** Edição Padrão, 30 de Abril, 2019

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma história concisa.** Jornal de Estudos Negros. 2001.

BERNARDO, Gustavo. **O que é um conceito?** 2019. Acessado em 15/09/2024. Disponível em: https://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=79

BLUES, Baco. **Bluesman.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em 12/03/2025

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BROWN Mano. **Vida Loka parte 1.** São Paulo. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IL1epaZCTmk>. Acesso em 12/03/2025.

BROWN Mano. **Vida Loka parte 2.** São Paulo. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7PoIdg> Acesso em 12/03/2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1 edição (3 de março de 2023)

CASIMIRO, Juliano. **Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrevivência’ de Conceição Evaristo.** Rio Grande do Sul. Nau Literária. 2021

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política** 1 edição . São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo.** São Paulo: Editora Jandaíra, 1 edição (29 de março de 2021)

DESPRIMOR, Pedro. **Flores de Hibisco.** Uberlândia. 4 de novembro de 2024. Instagram @desprimor. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DB9s-wIPE2M/?img_index=3&igsh=MTboMnRrdWw3Y21oeg==. Acesso em 12/03/2025

DOVE, Nah. **Mulherismo Africano Uma Teoria Afrocêntrica.** 1998.

DJONGA. **Hat-trick.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGLAZ2izDiY>. Acesso em 12/03/2025

EMICIDA. **Ismália.** São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EtN1jBk0ZQg>. Acesso em 12/03/2025

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: O Corpo-em-experiência.** Revista do LUME. 2013.

FENATRAD. **Trabalhadoras domésticas em situação análoga à escravidão no Brasil, até quando?** 2022. Acessado em 18/09/2024. Disponível em: <https://fenatrad.org.br/2022/04/04/trabalhadoras-domesticas-em-situacao-analog-a-escravida-no-brasil-ate-quando/>

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1 edição (26 de outubro de 2020)

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo.** 15ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUDSON, Clenora. **Mulherismo Africana.** São Paulo: Editora Ananse, 1 edição (31 de julho de 2021)

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Editora Cobogó, 1 edição (18 de junho de 2019)

MARTINS; CRUZ. Negro ou Preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história. **ESTADO DE MINAS.** 25/01/2022.

MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo tela.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 1 edição (28 de outubro de 2021)

_____. **Senhora Encruzilhada: uma entrevista com Leda Maria Martins.** 2022. Acessado em: 15/09/24. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/senhora-encruzilhada-uma-entrevista-com-leda-maria-martins/>

MARTINS e CRUZ. **Negro ou Preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história.** Jornal do Estado de Minas Gerais. 2020.

MATTIUZZI, Musa. **Meri Beacoup, Blanco!** 2013. Acessado em 18/09/2024. Disponível em: <https://www.studiomusa.art/performance/merci-beaucoup-blanco/>

MOUR, Clovis. **Quilombos** – resistência ao escravismo. São Paulo: Editora Expresso Popular, 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

FEBRAS. **No Brasil, mulheres negras enfrentam um maior risco de serem vítimas de violência física e sexual.** 2023. Acessado em:15/09/2024. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/1702-no-brasil-mulheres-negras-enfrentam-um-maior-risco-de-serem-vitimas-de-violencia-fisica-e-sexual>

NOVELLI, Maria. **O movimento feminista no Brasil no século xx.** Revista Feminismos. 2018.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade** São Paulo: Editora Nós, 1 edição, 2017.

PINTO, Céli. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política. 2010.

RAMOS, Jarbas Siqueira. **Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção.** Publicações ABRACE, 1 edição, 2019

REZENDE, Priscila. **Bombril** 2010. Acessado em 18/09/2024. Disponível em: <http://priscilarezendeart.com/projects/bombril-2010/>

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Ana Flávia. **Batom:** Experiências entre performance e feminismo preto. Curso de Bacharelado em Dança. Uberlândia. 63 páginas. 2021

SANTOS, Neusa. **Tornar-se Negro.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2021.

ZAKARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE MESTRADO

Políticas do Corpo Negro: O protagonismo da mulher preta na produção artístico-acadêmica e sua poética cênica em dança a partir da solidão do racismo

Este questionário faz parte da pesquisa desenvolvida por Ana Flávia dos Reis Santos junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia - UFU e sob orientação do Prof. Dr. Jarbas Siqueira Ramos, cuja temática é a relação entre racismo e solidão da mulher negra na produção de trabalhos artísticos nos campos da dança e da performance.

As respostas serão ao questionário serão utilizadas exclusivamente para **FINS ACADÉMICOS**, relativos à pesquisa de mestrado em questão e somente as entrevistadas terão o seu nome divulgado somente se houver a autorização expressa e assinada, conforme Termo de Autorização de Uso do Conteúdo do Questionário, enviado como documento anexo. Ao enviar as respostas, você concorda com a utilização das informações no desenvolvimento da dissertação de mestrado, objeto do estudo acadêmico.

Qualquer dúvida a respeito do questionário poderá ser retirada diretamente com a mestrandona, por meio do e-mail flaviaanadrs@gmail.com ou do telefone (38)997245619

Desde já agradeço a sua participação na pesquisa e permaneço à disposição para quaisquer informações adicionais que se fizerem necessárias.

Atenciosamente,

Ana Flávia dos Reis Santos

1. Como se deu o seu processo de conscientização sobre o racismo?
1. Você conseguia identificar em sua infância, adolescência ou juventude? Como você observa, com a consciência de hoje, o racismo sofrido nesse período de sua vida?
3. Você passou pelo processo de embranquecimento? A partir de quando e como foi despertar a consciência de que viveu esse processo?
4. O processo de conscientização sobre o racismo ocorreu juntamente com a sua formação artística? Quais as referências de trabalhos (artísticos, literários, referenciais) de mulheres negras você teve em sua formação?
5. Como foi, para você, lidar com a criação artística após a tomada de consciência de sua negritude e do racismo?
6. Quais temas relacionados ao racismo você, como mulher preta e artista, aborda em suas criações?
7. Como o feminismo negro, ou sua vivência como mulher preta, tornou-se elemento para suas criações artísticas?
8. Você desenvolve trabalhos artísticos com a temática da solidão da mulher negra? Se sim, como aborda essa questão em suas criações?

9. Como você desenvolve o seu processo de criação artística com temáticas negras (inclusive a solidão da mulher negra)? Há um roteiro ou estrutura que torne o momento de criação mais fluido e/ou dinâmico?
10. Para você, como é produzir performance negra no Brasil abordando temáticas como a solidão da mulher negra?

ANEXO B

RESPOSTAS DE LUCIMÉLIA ROMÃO

1. Como se deu o seu processo de conscientização sobre o racismo?

Meu processo sobre conscientização sobre o racismo se deu a partir da minha entrada na universidade pública, onde conheci um ambiente totalmente hostil para o meu corpo. Entrei na universidade durante o boom das cotas raciais e tanto os professores como alunos brancos se mostravam insatisfeitos com as presenças negras nos espaços acadêmicos.

2. Você conseguia identificar em sua infância, adolescência ou juventude? Como você observa, com a consciência de hoje, o racismo sofrido nesse período de sua vida?

Eu não tinha muita consciência do quanto eu estava sendo atingida, mas me recordo de alguns desejos tipo casar e ter filhos loiros com olhos claros, ao ver meu irmão no parque brincando pensar coitado ele acha que é normal (isso no sentido racial) e a nossa diferença de idade é de 10 anos então eu devia ter uns 13 ou 14. Já cheguei a pensar tbm que se todos os negros casassem com pessoas brancas, não teria mais racismo pois nós negros de pele escura deixaríamos de existir (como não havia um debate sobre colorismo na época, na minha cabeça a questão racial era "fácil" de resolver).

3. Você passou pelo processo de embranquecimento? A partir de quando e como foi despertar a consciência de que viveu esse processo?

Fisicamente não, foi mais inconscientemente, nesse desejo de higienização mesmo. O meu despertar de consciência foi na universidade, a partir de 2017 quando comecei a estudar teatros negros e entender o racismo estrutural. Foi um processo muito doloroso mas muito importante, pois antes eu me sentia andando em círculos sem conseguir avançar.

4. O processo de conscientização sobre o racismo ocorreu juntamente com a sua formação artística? Quais as referências de trabalhos (artísticos, literários, referenciais) de mulheres negras você teve em sua formação?

Sim, meu processo de conscientização sobre o racismo ocorreu durante a minha formação artística. Eu tive muitas referências como Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Abdias do Nascimento, Silvio Almeida, Djamila Ribeiro, Larissa Luz, Lázaro Ramos, Taís Araújo entre outros.

5. Como foi, para você, lidar com a criação artística após a tomada de consciência de sua negritude e do racismo?

Foi revolucionário! Porque eu comecei a me organizar de maneira diferente, desfiz relações que me diminuíam, estabeleci relação com o meu povo. Aprendi a linguagem dos editais, descobri a minha potência artística e passei a alçar vôo.

6. Quais temas relacionados ao racismo você, como mulher preta e artista, aborda em suas criações?

Os temas relacionados ao racismo que abordo nas minha poéticas são o genocídio da população preta, pobre e ou periférica; questiono a posição da mulher negra na sociedade e nas famílias brasileiras; o feminicídio; e a ausência das mulheres negras na historiografia da arte;

7. Como o feminismo negro, ou sua vivência como mulher preta, tornou-se elemento para suas criações artísticas?

Confesso que li muito pouco material sobre feminismo, porque o que mais me afetou durante a universidade foi a questão racial, eu comecei a estudar um pouco quando retornei para a casa dos meus pais e aí eu era "mulher", durante minha formação eu era "negro" não tinha gênero, só quando volto pro seio familiar onde só tenho irmãos homens + meu pai que eu fui ter contato com a misoginia e ser diretamente afetada por isso. Então eu começo a pesquisar violência doméstica psicológica para auxiliar a minha mãe. Então crio essa minha última performance MULHERES DO LAR - Mortes Anunciadas, duas séries de fotoperformances e uma instalação em conjunto com a minha mãe. Uma parceria artística que surgiu a partir disso foi a intensificação dos trabalhos com a minha mãe.

8. Você desenvolve trabalhos artísticos com a temática da solidão da mulher negra?

Se sim, como aborda essa questão em suas criações?

Nunca desenvolvi trabalho com essa temática.

9. Como você desenvolve o seu processo de criação artística com temáticas negras (inclusive a solidão da mulher negra)? Há um roteiro ou estrutura que torne o momento de criação mais fluido e/ou dinâmico?

Geralmente meus trabalhos são criados a partir de dados ou de alguma literatura voltada para temática sociais. Quando é algo sobre dados eu busco evidenciar isso nas performances, por exemplo a obra MIL LITROS DE PRETO eu uso a estatísticas de 2017 que a cada 25 minutos um jovem negro era assassinado no Brasil e que um corpo em média tem 7 litros de sangue e faço a ação com essas informações. Então a cada 25 minutos eu viro um balde de 7 litros de "sangue" na piscina de 1000 litros.

10. Para você, como é produzir performance negra no Brasil abordando temáticas como a solidão da mulher negra?

Eu não trabalhei até o presente momento com essa temática.

ANEXO C

RESPOSTA DE REBECA PEREIRA

1. Como se deu o seu processo de conscientização sobre o racismo?

Sou filha de mãe branca e pai preto e, por mais raro que seja, minha mãe se mostrou consciente da relação interracial que tinha com meu pai e de que sua filha não seria branca. Nunca ouvi que era “morena” ou “mulata”, o que facilitou que soubesse minha identidade racial desde cedo. Em família, fui reconhecida e incentivada. Na escola, sofria por ter cabelo crespo e no ballet por ter bumbum grande. Foi assim por um tempo até que em 2015, aos 13 anos, foi proposto um trabalho escolar sobre bullying e racismo dentro das escolas. Como sempre fui ativa (e por ser preta) tomei a frente do trabalho. Ali foi um grande despertar. Foi necessário ler muito sobre racismo, identidade racial, colorismo, etc até finalizar o trabalho. O conhecimento realmente liberta porque foi a partir desse trabalho que eu realmente enxerguei não só as micro agressões mas também todo o acolhimento por ser preta.

2. Você conseguia identificar em sua infância, adolescência ou juventude? Como você observa, com a consciência de hoje, o racismo sofrido nesse período de sua vida?

Até os 13 anos, acredito que não. Depois disso, era inevitável não contar quantas pessoas tinham dentro de sala de aula, num festival de dança; quantas pessoas pretas que atingiam uma ascensão social eram casadas com outras pessoas pretas, etc. É dolorido parar pra refletir, né? Mas eu sinto que tive “sorte” por ter sido criada em ambientes em que em sua maioria me colocavam pra cima. Nunca faltou rede de apoio porque sempre tive pessoas pretas por perto. Penso que agora, mais do que nunca, tenho tido a chance de fazer diferente. Reagir e responder quando necessário não era possível antes, hoje é. Agora que sei qual o problema, é mais “fácil” resolver.

3. Você passou pelo processo de embranquecimento? A partir de quando e como foi despertar a consciência de que viveu esse processo?

De certa forma, sim. Fiz relaxamento no cabelo dos 5 anos 13 anos porque não gostava de “cabelo pra cima”. Nesse caso, a partir dos 15 que foi quando passei pela transição capilar. A partir dessa época que comecei a criar minha própria identidade.

4. O processo de conscientização sobre o racismo ocorreu juntamente com a sua formação artística? Quais as referências de trabalhos (artísticos, literários, referenciais) de mulheres negras você teve em sua formação?

Sim e não. Sou moradora da Baixada Fluminense e sempre estudei dança aqui. Diferente de outros espaços do Rio, sempre tiveram muitas pessoas pretas em sala de aula comigo e lecionando também, por exemplo. Quando comecei a frequentar outros espaços que fui percebendo, por exemplo, a falta de pessoas pretas em festivais competitivos ou workshops em todos os ambientes. Minhas referências negras sempre foram cotidianas, Rodrigo Guimarães e Flávia Nascimento eram professores na escola onde fazia aula; dois artistas pretos que dançavam com excelência. No tap, minha primeira referência foi e ainda é Chloe Arnold. Nas demais áreas não sei se consigo dizer todas.

5. Como foi, para você, lidar com a criação artística após a tomada de consciência de sua negritude e do racismo?

Eu crio a partir do que eu vivo. Então, foi natural querer falar sobre protagonismo preto ou do lugar de onde eu vim. Pensando que, de alguma forma, as pessoas iam me ouvir, precisava falar do que achava/acho importante e coerente com aquilo que acredito. Todas as minhas criações (exceto aquelas em q fui paga e contratada) tem alguma relação com a cultura negra.

6. Quais temas relacionados ao racismo você, como mulher preta e artista, aborda em suas criações?

Relacionados ao racismo, acredito que só criei uma vez. Tenho criado a partir da retomada das nossas próprias histórias. Protagonismo do povo preto na história do rock, o Tap como modalidade preta é relacionada com a cultura de rua, etc.

7. Como o feminismo negro, ou sua vivência como mulher preta, tornou-se elemento para suas criações artísticas?

Como dito anteriormente, eu crio a partir do q eu vivo. Sendo mulher preta, vou criar a partir disso. Não só como artista, mas como artista preta. Foi tornando inevitável separar uma coisa da outra.

8. Você desenvolve trabalhos artísticos com a temática da solidão da mulher negra? Se sim, como aborda essa questão em suas criações?

Não. Penso que, no momento atual, minha prioridade tem sido abordar questões que carreguem menos dor.

9. Como você desenvolve o seu processo de criação artística com temáticas negras (inclusive a solidão da mulher negra)? Há um roteiro ou estrutura que torne o momento de criação mais fluido e/ou dinâmico?

Meu processo de criação sempre teve, até agora, relação com minha rotina. Sou um pouco metódica, então é sempre tudo mto organizado exceto em relação a movimentação. Ela precisa fazer sentido mas também preciso me sentir livre pra criar. Como as minhas últimas criações tem sido pra audiovisual e pra espetáculos de fim de ano, acaba sendo um pouco mais restrito.

10. Para você, como é produzir performance negra no Brasil abordando temáticas como a solidão da mulher negra?

Hoje em dia é sinônimo de liberdade. Poder falar de coisas que vivo e ter um “público” relativamente grande me ouvindo falar de temas como esse, é gratificante. Apesar de nem sempre bem recebido.

ANEXO D

RESPOSTAS DE ANA GORI

1. Como se deu o seu processo de conscientização sobre o racismo?

Através da própria sociedade discriminatória, depois através da dança e do meu mestre Jason Samuels e por fim a partir do meu letramento racial que foi expandindo minha consciência. É preciso muito estudo para se tornar dono de si de novo, ainda estou nesse processo.

2. Você conseguia identificar em sua infância, adolescência ou juventude? Como você observa, com a consciência de hoje, o racismo sofrido nesse período de sua vida?

Sem dúvida! A terapia me ajuda muito, mas ler Frantz Fanon e Neusa Santos contribuíram muito para compreender a violência extrema a que fui submetida na infância e adolescência.

3. Você passou pelo processo de embranquecimento? A partir de quando e como foi despertar a consciência de que viveu esse processo?

Passei sim, alisava o cabelo, não gostava da minha cor, passava maquiagem mais branca para ser mais clara, enfim, foi o processo. A partir de 28 anos quando minha mãe morreu é que eu me libertei dessa vida e comecei a entender que nada que eu fizesse poderia mudar o fato de que eu sou negra. Foi uma consciência bem tardia, mas fez parte do processo pois sou adotada por uma família branca não letrada, então tudo conspirava a meu desfavor, digamos assim.

4. O processo de conscientização sobre o racismo ocorreu juntamente com a sua formação artística? Quais as referências de trabalhos (artísticos, literários, referenciais) de mulheres negras você teve em sua formação?

Foi o ponto alto da minha conscientização, a partir da educação artística eu passei a realmente me colocar no mundo enquanto uma mulher negra. Toda a literatura feminina negra brasileira me ajudou (Neusa Santos, Lélia Gonzales, Zenaide Silva, as babalorixás de Salvador como mãe Thiffany Odara, espetáculos de tap como And Still You Must Swing, Partido, I didn't come here to Stay, Ingrid Silva no Ballet, Hugo Campos e a cultura do passinho foda) e viver o samba de roda e toda cultura negra afro brasileira.

5. Como foi, para você, lidar com a criação artística após a tomada de consciência de sua negritude e do racismo?

Toda criação é política e se não for você não está fazendo seu trabalho. Para o povo negro criar é gritar. É isso que tem sido para mim desde então, como diz Nina Simone: O artista deve refletir seus tempos.

6. Quais temas relacionados ao racismo você, como mulher preta e artista, aborda em suas criações?

Apagamento, apropriação e desumanização, mas também o orgulho de ser mulher negra.

7. Como o feminismo negro, ou sua vivência como mulher preta, tornou-se elemento para suas criações artísticas?

Li muito sobre o feminismo negro mas ele não me abraça, sigo outra linha doutrinária criada pela intelectual Clenora Hudson, o Mulherismo Afrikana. O feminismo negro não alcança ainda todas as nossas vivências e o mulherismo parte das vivências das mulheres negras desde África. O feminismo negro parte da premissa feminista branca e o mulherismo parte de nós. É preciso pensar em criarmos nossas próprias doutrinas a partir das nossas vivências e não a partir de algo que nos exclui como o feminismo branco. Mas não sou radical, o feminismo negro tem pontos muito positivos e importantes e intelectuais muito importantes que contribuem muito para nosso letramento.

8. Você desenvolve trabalhos artísticos com a temática da solidão da mulher negra?

Se sim, como aborda essa questão em suas criações?

Ainda não criei nada nessa vertente.

9. Como você desenvolve o seu processo de criação artística com temáticas negras (inclusive a solidão da mulher negra)? Há um roteiro ou estrutura que torne o momento de criação mais fluido e/ou dinâmico?

O roteiro das minhas criações parte de ESTUDO! Estudar o tema aprofundadamente e escrever a partir do que minhas ancestrais já estudaram e trazer a minha percepção também a partir disso.

10. Para você, como é produzir performance negra no Brasil abordando temáticas como a solidão da mulher negra?

Extremamente difícil e desafiador. A mulher negra é um tema muito sensível pois lida com o esteriótipo firmado na sociedade de que somos domésticas, putas ou mães para servir a outros brancos. Além de sermos as guerreiras, lutadoras e essa romantização idiota toda. Somos governados por sistemas brancos e colocar em pauta num sistema público a mulher negra como plano central de um espetáculo precisa de muito esforço ou políticas específicas para isso. Triste.